PROF. JOAQUIM ROQUE

REZAS E BENZEDURAS POPULARES

PROF. JOAQUIM ROQUE

REZAS E BENZEDURAS POPULARES

(Etnografia Alentejana)

1946

MINERVA COMERCIAL

CARLOS MARQUES & C.ª, L.da

BEJA

PREFÁCIO

Foi em 1940 que ouvi, pela primeira vez, falar de Joaquim Roque, ao ler um livro que me despertou vivo interesse.

Mal sabia eu que, tempos decorridos, entraria em cordiais relações epistolares com um jovem investigador nos domínios larguíssimos da Etnografia. Tratava-se do Professor Joaquim Roque, o autor de «Alentejo cem por cento».

Não havia dúvida nenhuma de que estávamos em presença de um novo escritor, com indiscutíveis qualidades para marcar posição séria na vida.

Reconhecendo-lhe reais qualidades de investigador, abri-lhe de par em par as páginas do «Arquivo de Medicina Popular», secção que venho dirigindo no «Jornal do Médico» e para a qual convidei todos aqueles que, mesmo sem serem médicos, quisessem contribuir para o conhecimento de tão importante ramo da Etnografia. O Professor Joaquim Roque acorreu à minha chamada e tem sido um dos mais assíduos e competentes colaboradores. Habituei-me a verificar com que atenção e escrúpulo recolhia o material folclórico e como inteligentemente o comparava e interpretava. E assim, através dos estudos de folclore, as nossas relações de amizade foram tornando-se cada vez mais fortes.

No entanto devo dizer, em nome da verdade, que não foi apenas uma razão de amizade que me levou a aceder ao honroso convite de Joaquim Roque para escrever este prefácio, mas também prestar homenagem aos invulgares merecimentos do autor e estimulá-lo a continuar a seguir o seu caminho onde já marcou, nìtidamente, a sua personalidade.

O autor de «Rezas e benzeduras populares» *é um exemplo de tenacidade e de força de vontade, servido por uma lúcida inteligência. Filho de Pais humildes e de fracos recursos financeiros, fez-se, pode afirmar-se, por si próprio. Nasceu em Peroguarda, segundo nos informa, a Aldeia mais característica do Baixo Alentejo, do Concelho de Ferreira do Alentejo.*

A afirmação de que Peroguarda é a Aldeia mais característica do Baixo Alentejo demonstra já, em Joaquim Roque, um amor profundo à Terra onde nasceu e aí estão as razões da sua paixão pelos trabalhos de folclore, o seu estudo às coisas que o Povo cria e sente e ama.

Professor de ensino primário (oficial) e de ensino secundário (particular) Joaquim Roque tem dedicado o pouco tempo livre que lhe resta, a trabalhos científicos e literários. Se todos os professores primários fossem como Joaquim Roque, que altíssimos serviços se ficaria devendo a tão prestimosa classe.

A minha admiração pelo Professor Primário vem da ternura e do respeito que sempre tive por meu Avô Paterno, o Professor Fernando Pires de Lima, de quem herdei o nome e infelizmente, poucas das suas excepcionais qualidades.

Pouco mais de trinta anos tem Joaquim Roque e, exclusivamente à custa do seu trabalho e da sua inteligência, já tem um «curriculum vitae» para considerar e para louvar.

Com «Alentejo cem por cento» surgiu mais um novo nas Letras Portuguesas. Depois deste curiosíssimo livro, outros trabalhos tem publicado o seu autor.

Em 1941 fez representar a sua primeira peça de teatro, em três actos, escrita especialmente para o concurso de peças do «Secretariado da Propaganda Nacional», Teatro do Povo, com o título «A nossa Casa do Povo», *e que assinou com o pseudónimo «Joaquim d'Aldeia». Esta obra de Teatro está cheia de são portuguesismo e bem demonstra as convicções nacionalistas do Autor.*

Além de seus estudos sobre Etnografia publicados no «Jornal do Médico», Porto, e no «Arquivo de Beja», tem distribuído por vários jornais, entre eles o «Diário do Alentejo» e «Notícias de Beja», artigos sobre regionalismo, educação, instrução e cultura popular, etc.

Na «Revista de Portugal» fez sair um estudo de Filologia, o que lhe ocasionou acesa polémica, obrigando-o a escrever novo trabalho sobre o mesmo assunto, com o título «Ainda: Rdaz ou Ruaz ?»

Joaquim Roque, neste seu último estudo, revela-se um polemista, mais uma faceta da sua personalidade e da sua juventude.

Não tenho o direito de prolongar este prefácio, e apenas quis referir-me às reais qualidades do autor para afirmar que estamos na presença de um novo que há-de marcar nas Letras Portuguesas. É esta a profecia de um confrade mais velho.

Poucos dias ainda tinha o ano de 1946 quando do Brasil me chegou às mãos uma carta do decano da Etnografia Brasileira, o meu querido Amigo e Sábio Prof. Doutor Basílio de Magalhães, na qual, entre outras coisas, me dizia :

«Agradaram-me todos os doze artigos deste Tomo II do seu «Arquivo de Medicina Popular» (que pena não haver ainda no Brasil uma publicação assim !), mas devo confessar-lhe que mais impressão me causaram os de A. Lima Carneiro sobre «Gravidez», «Parto», «Amamentação materna», o de Rodrigo de Sá Coelho, sobre «Obstetrícia popular», os concernentes a «Hidrofobia» canina, pelos dois Pires de Lima e o de Joaquim Roque, sobre «As rezas e benzeduras no Baixo Alentejo».

A opinião autorizadíssima de Mestre Basílio de Magalhães é garantia mais do que suficiente do êxito deste novo livro de Joaquim Roque.

Porto, Fevereiro de 1946.

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

REZAS E BENZEDURAS POPULARES

Num trabalho por nós publicado em 1940 (1) incluímos as *rezas* e as *benzeduras* no número das superstições e crendices populares ainda hoje muito usadas pelo nosso povo como *remédio santo* para curar entorses, desmanchos, queimaduras, insolação, erisipela, olhados e tantos outros males que afectam, por vêzes, não só a saúde do corpo, mas também a do espírito.

A pág. 64-65 do nosso referido trabalho apontámos, então, como exemplo, todo o «cerimonial» e a «oração» empregados para benzer de entorse ou desmancho:

Vamos desenvolver neste novo trabalho, tanto quanto possível, o que, então, dissemos sobre este interessantíssimo ramo da Etnografia Portuguesa.

Todas estas práticas são acompanhadas de *cerimónias* e *orações* (ensalmos) especiais, ditas em voz alta pelo benzedor ou benzedeira e repetidos pelo paciente.

« DESMANCHOS, ENTORSES OU LINHAS DESMENTIDAS »

A natureza da doença — diziamos — é primeiramente verificada por meio de umas pingas de azeite que, com um ramo de oliveira, se deixam cair dentro de um pires com água; essa água é depois metida numa bacia que é coberta com um panozinho; ao lado já estão uma tesoura, um novêlo de linhas e uma agulha; o paciente põe a parte do corpo molestada (geralmente o pé, a perna, a mão ou o braço) sôbre a bacia; o *benzedor* (curandeiro) faz o sinal da cruz sôbre o *doente*, pega na agulha e no novêlo, simula coser, enquanto diz, por três vezes, a «oração»:

«Ai, *Jasus*, qu' *ê'* côso
«Carne *trocida*, nervo tôrto.
«Nervo tôrto *torn' à sòldar*,
«Nervo tôrto venh' *ò sê* lugar!
«*E'* côs' em vão, a *Virja* cose no ar...
«Ind' à *Virja* cose *milhor* qu' *ê'* côso!...
«Em *lavor* de Deus e da *Virja* Maria,
«Padre-Nosso... Avém-Maria».

---

(1)—«ALENTEJO CEM POR CENTO—subsídios para o estudo dos costumes, tradições, etnografia e folclore regionais».

Mais recentemente colhemos um outro ensalmo, variante dêste, igualmente para benzer de entorse ou de *«linha desmentida»*. Ei-lo:

«*Ê'* côso: — carne *cobrada* nervo tôrto!
«—Isso mesm' é qu' *ê'* côso!
«*Ê'* côso por novêlo e a *Virja por a* carne,
«E S. Domingos *por o nervo-lulano* e *por o* ôsso. (2)
«S' é carne *cobrada*, vá *ó sê'* lugar,
«S' é nervo tôrto vá *ò sê* pôsto,
«S' é *linha desmentida* vá *ò sê' lomite.*
«É glória... é Padre... é de sempre ...
«É de nunc' ...essa glória... Amén. (3)
«Em *lavor* de Deus e da *Virja* Maria», etc..

Esta prática costuma ser feita durante cinco dias: no primeiro reza-se nove vêzes o ensalmo, no segundo sete, no terceiro cinco, no quarto três, no quinto apenas uma. Ao que nos informam, para se aplicar, não exige a presença do doente: êste pode estar ausente, e até mesmo noutra localidade, a quilómetros de distância — o que não impede a consecução do fim em vista...

Ainda um outro ensalmo para o entorse:

	Jasus, qu' é santo nome de *Jasus*!
curandeira:	*Ê'* te côso
paciente:	Carne *cobrada*, nervo tôrto
curandeira:	Isso mesm' é qu' *ê*, côso!
	Ê' côso pela pele,
	A *Virja* pela carne e Deus pelo ôsso!
	Melhor cos' a *Virja* qu' *ê'* côso!
	Carne *cobrada* será soldada
	Nervos *destrocidos* e linhas *desmentidas*
	Tornarão *ò sê'* lugar.
	Em *lavor* de Deus e da *Virja Maria*
	Padre-Nosso... *Avém*-Maria.

Mais outro:

Jasus qu'é Santo nome de *Jasus* !
Onde *'tá* o Santo nome de *Jasus*
Nã' pod' haver mal nem p'rigo *ninhum.*
Ê' te coso.
—Carne *cobrada*, nervo torto
—Cos' a *Virja milhor* qu' ê' coso
A Virja cose *polo* são
Ê' coso *polo* vão !
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
Padre-Nosso... *Avẽi*-Maria

(2)—Menos vêzes ouvimos apenas: «*pelo nervo tôrto*».

(3)—Êstes dois últimos versículos são, sem dúvida, correspondentes à dicção popular — pelos que lhe correspondem na fórmula canónica: influenciados na sua grafia — «*Gloria Patris... et nunc et semper...*»

Depois da benzedura o curandeiro molha os dedos em azeite e unta com ele a parte dorida, rezando o P. N. e a A. M. em honra de Santo Amaro, advogado das pernas e dos braços.

A benzedura é feita durante nove dias; enquanto recita o ensalmo a benzedeira simula coser um novelo de linhas com uma agulha. No final oferece tudo à Sagrada Paixão e Morte de *Nós'*Senhor *Jasu*-Cristo...

...e outro :

Com uma agulha e uma linha «esfregada com alecrim, limão e arruda», cose-se o nervo torcido dizendo, durante a prática :

> Cose que tenho cosido,
> Em carne *cobrada*
> Em nervo *trocido*,
> Em *lavor* da *Virja*, *Amẽi*.

* * *

ERSÍPLA (PARA CORTAR OU TALHHR A)

São muitos os ensalmos que ùltimamente temos registado e alguns bem curiosos e extravagantes !...

Entre estes, figura um, colhido há ainda poucos meses numa aldeia do Baixo Alentejo, para *cortar* ou *atalhar* a *ersípla* (doença que julgamos corresponder à que em espanhol é designada por «mal de la rosa») e cujas estrofes rezam de forma muito semelhante à citada pelo Dr. Castilho de Lucas, de Madrid, no seu artigo o «Mal de la rosa—seu tratamento, antigo, por rezas, e moderno, por vitaminas», inserto no «Jornal do Médico» n.° 79, de 1 de Março último, pág. 212.

Por nos parecer digna de estudo aqui a deixamos registada, para que o leitor, estudioso e interessado por êstes assuntos, possa fazer o confronto entre esta *oração* para cortar a erisipela e aquela a que já nos referimos, transcrita pelo Dr. Castillo dum processo conservado no Arquivo Histórico Nacional espanhol e instaurado pela Inquisição de Toledo contra uma curandeira que, no país vizinho, se entregava a estas práticas no já remoto ano de 1513.

Enquanto a *oficiante* reza a «oração», corta, com uma faquinha um pedaço de pau de figueira, às lasquinhas:

> «And' aqui (cita a parte do corpo molestada)
> «'ma *vormelha!*... (4)
> «—*E' nã* sou *vormelha,*
> «Sou *rosa poçonhosa* (5) *esmasolosa*...
> «...te como a carne,
> «...te bebo o sangue,
> «...te rôo o ôsso !...

---

(4)—Vermelha — côr por que geralmente se apresenta a erisipela.

(5)—Peçonhosa, peçonhenta, que tem peçonha.

«—Assim como tu és *rosa poçonhosa, esmasolosa,*
«...me comes a carne,
«...me bebes o sangue,
«...me róis o ôsso,
«Assim com esta faquinha t' *ê' hê*-de cortar...
«Raízes e ramos t' *hê*-de 'scavacar,
«*P'ràs* ondas do mar t' *ê' hê*-de *dêtar*, (6)
«Donde *nã'* oiças galo cantar, (7)
«Nem pinto piar,
«Nem pai p'lo filho *bràdar* (8)
«*Ê'* te corto e te torno a cortar,
«P'ra que daqui nã' possas lavrar!...
«E *ê'* te corto,
«*Ersipa* preta... *ersipa* branca...
«*Ersipa vormelha*... e amarela,... e *ersip'lão* (9)
«E ond' ê' ponh' as minhas,
«Ponha Deus as suas mãos. (10)
«Em *lavor* de Deus e da *Virja* Maria
«Um Padre-Nosso e 'ma *Avém*-Maria».

Eis uma variante desta, igualmente para cortar a erisipela:

«*Jasus*, qu' é santo nome de *Jasus!*

«Inde *Nó'* Senhor por um caminho
«Com *Ruiva* s' encontrou:
«*Jasus* Cristo *le prèguntou*:
«Onde *vás* tu *Ruiva?*

---

(6)—Procuramos dar aqui uma grafia, tanto quanto possível, aproximada da pronúncia popular característica da região: o *i* do ditongo *ei* desaparece, por completo, na linguagem do povo do Baixo Alentejo.

(7)—Estes versos são a tradução, quase literal, dos seguintes da fórmula espanhola em referência:

....
«E la raiz te cortaré,
«E a las ondas de la mar te acharé,
«Donde ni gallo canta,
«Ni vaca brama
....

(8)—*Bràdar* por alguém ou a alguém = chamar alguém.

(9)—Erisipela: o povo diz *ersipela, ersip'la, ersipa*. A pronúncia grave nunca lha ouvimos.

(10)—«Y donde yo pongo mis manos.
«Dios e la Virgen Maria ponga las suyas».
diz a citada fórmula espanhola.

«*Ê*' nã' sou *ruiva*, sou *vormelha;*
«Côm' a carne, beb' o sangu' e róo o ôsso!
«Com êste *cutelo* t' *ê*' *hê*-de cortar! (corta no pedaço de figueira)

«*Ê*' te *cort' e torn'* a cortar! (corta novamente no pau)
«Às ondas do mar t' *hê*-de *dêtar,*
«Aonde nã' oiças galo nem galinha cantar,
«Nem mães por filhos bràdar!...

«Que aqui te seques, que aqui te mirres ,
«Que daqui mais nã' possas lavrar!...

«Em *lavor* de Deus e da *Virja* Maria
«Padre-Nosso... *Avém*-Maria».

Outro :

Jasus, qu' é Santo nome de *Jasus !*
Onde *tá* o Santo nome de *Jasus,*
Nã' pod' haver mal nem p'rigo *ninhum* !
Indo Nossa Senhora por um caminho
Com a *vormelha* s' encontrou.
Nossa Senhora *le préguntou :*
P'rá onde vás tu, *vormelhinha ?*
A *vormelhinha* respondeu :
Vou comer a tua carne,
Roer os *tê's* ossos e *bober* o *tê'* sangue.
Nossa Senhora *le* disse :
Nã' *hádes* comer a 'nha carne,
Nẽi roer os *mê's* ossos, nem *bober* o *mê'* sangue.
Porqu' *ê*' aqui t' *hê-de* cortar
E *hê*-de te retalhar.
Jasus, o qu' *ê*' corto ?
Ersipa corto :
A *ersipa sanguina, ersipa* negral,
A *ersipa* e o ar,
E todas as *còlidades* d' *ersipa* qu' *haje,*
Aqui te seco e te corto,
e morrerás e daqui nã' passarás.
Em *lavor* de Deus e da *Virja* Maria
Padre Nosso e *Avém*-Maria.

(«*Enconto* se dizem as palavras, *ê'corto* faz-se sempre *àmèção* de cortar com a faca o pedaço de pau de figueira que se tem na mão» -- adverte-nos a nossa informadora...)

Mais outro :

Nossa Senhora p'elo Mund' andou
Com a *vormelha* s' encontrou

Nossa Senhora *le prèguntou* :
—Que *vormelh'* é esta ?
—*E'* nã' sou *vormelha,*
Sou rosa côrça,
Com' a carn' e min' o osso.
—És rosa corcenosa (?),
Comes a carn' e minas o osso ?
E te cort' a cabeça, rab' e corpo todo !
P'rás ondas do mar te *dêtarê*
P'r'*áonde* nã' oiças galo cantar
Nem pai por filho *brádar,*
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
Padre-Noss' e Avém-Maria.

...e outro :

Q'and' o Senhor p'lo mund' andou
Com a rosa *vormelha* s'encontrou
E ela *le prèguntou* :
—Donde vens, rosa *vormelha ? !*
—Nã' me chames rosa *vormelha,*
Chama-me rosa comilona :
Com' a carn' e min' o osso
—P'ra nã' minar's o osso
Vou cortar-t' o pescoço.
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
Padre-Nosso e Avém-Maria.

Estes ensalmos costumam ser recitados cinco vezes e no fim de cada vez, reza-se o P. N. e a A. M.; faz-se a seguir o oferecimento :

«Of'reç' estes cinco *Padres-Nossos*
«e estas cinco *Avens-Marias*
«e estas santas palavras
«p'ra que *Dê's sêje sorvido*
«de secar e 'smirrar est' *ersípla*
«e *mal d'empola* p'ra
«que mais nã' *pormaneç'* aqui,
«*Amẽi*».

...e ainda outro :

Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
A mã' de *Dê's* vá *adiente,*
Qu' a minha nã' tem *valia.*
S. *Sesnando polo* Mund' andou
Com a *Virja* s' encontrou,
E a Senhora *le prècurou* :
—*Daonde* vens tu, *Sesnando* ?
—*E'*, Senhora, venho de Roma.

—Que *vistes* por lá ?
—*Ersípla.*
—Volt' *àtrás* e cort'-*à* :
—*Ersípla* branca, *ersípla* branquinha,
Ersípla vormelha, ersípla *vormelhinha*
Ersípla *ampolar* e negral...
Tod' o mal d' *ersípla,*
E' te corto o te *dêto*
P'rò fundo do mar,
P'r' *àonde* nã' oiças
Galo nem galinha cantar,
Nem mãe *polo* filho bràdar.
Em *lavor* das Cinco Chagas
De *Nós'* Senhor *Jasu* Cristo
E da sua Santa Mãe
Todos os males que neste lugar *'tão*
Sêje sorvido de *los* tirar
E de pôr *Fulano* são...

A par destas *rezas para atalhar a erisipela* registámos uma outra «*benzedura*» contra o mesmo mal e que, a seguir, reproduzimos, por ser totalmente diferente:

«Pedro e *Palo veio* de Roma,
«*Jasu* Crist' encontrou.
«E o Senhor *le prèguntou:*
«—Donde *vens,* Pedro e *Palo?*
«—*Venho* de Roma *mê'* Senhor!...
«—Que mal há por lá?
«—*Munto mal qu' empola!*
«—Volt' atrás, Pedro e *Palo:*
«Com cinco fios de 'sparto,
«Cinco gotas d' *ólio* d' *oliva,* (11)
«Cinco pinguinhos do sumo da vis (12)
«E assim a *curarias.*
«Em *lavor* de *Dê's e* da *Virja* Maria
«Padre-Nosso... *Avém*-Maria.

Variante :

Q'ando Pedr' e *Palo* p'lo Mund' *andou*
Com *Jasu* Cristo s' *encontrou*
E *Eli li prèguntou :*
—Pedr' e *Palo daondi vens ?*
—*Viemos di* Roma, *Sinhô'.*
—Pedr' e *Palo,* di qui morrem por lá ?

---

(11)—*Oliva*=oliveira: forma arcaica, cuja existência, na língua, é assegurada pela forma actual — oliveira=oliva + suf. eira; *óleo de oliva*=azeite.

(12)—Vis=vide, videira: com freqüência ouvimos pronunciar *vidia, vida* e *vis: sumo da vis*=vinagre ou vinho. Aqui, vinagre.

—Senhô', d' *ersipla* e *mal d' empola*
—Pedr' e *Palo voll'* atrás
E p'lo *monli passarás*
E um 'spartinho *colhirás*
E com *azêli benzirás*
E em *lavor di Dê's* e da *Virja* Maria,
Padri Nosso e *Avẽi*-Maria.

A *«oração»* é rezada cinco vezes, enquanto se vão fazendo cruzinhas sôbre a parte do corpo afectada, com os cinco pedacinhos de esparto molhados no *«ólio d'oliva»* e no *«sumo da vis»*.

Como acabamos de ver, são muitos os ensalmos que a tradição oral fez chegar até nós, para cortar ou atalhar a erisipela.

No interessantíssimo e curioso livro *«Arte de talhar a erisipela»*, dos ilustres e consagrados etnógrafos Drs. Alexandre de Lima Carneiro e Fernando de Castro Pires de Lima, encontram-se registadas algumas dezenas de ensalmos que no Norte do País se empregam para o mesmo fim, muitos dos quais bastante se assemelham aos que temos registado, por nós directamente recolhidos da tradição oral, nos concelhos de Ferreira do Alentejo, Aljustrel, Beja, Serpa, Moura e Barrancos.

De resto, sabemos que os formulários empregados, nesta como em muitas outras práticas de medicina popular, são, com ligeiras variantes conhecidos em todo o País e até mesmo na Espanha (como exuberantemente o prova a fórmula transcrita do Dr. Castilho, a que já me referi) e no Brasil (para onde foram levados pelos colonos portugueses).

A par do tratamento místico pela benzedura, também o povo emprega, por vezes, o tratamento empírico.

Assim, sabemos haver ainda quem recomende a aplicação de panos embebidos em vinagre, água de malvas, flor de sabugueiro ou de piorno. E' conveniente—esclarecem-nos—que a água com que se preparam estes banhos seja das goteiras (água da chuva) e deve aplicar-se morna.

Os panos que servem para tais aplicações costumam prèviamente picar-se com uma tesoura para que, através deles, se faça mais fàcilmente a irradiação do calor causado pela erisipela. Em seguida, embebidos ou ensopados os panos no líquido e colocados sobre a parte lesada, aí permanecem até enxugarem. Logo que tal se verifique, molham-se de novo, e assim sucessivamente, até se fazerem umas três ou quatro aplicações. Acabada esta operação *polvilha-se* com pó de amido ou pó de batata, ou besunta-se com o sumo *da tomate* fresco (13), as folhas de *erva salgueira* pisadas, a banha de porco ou, ainda melhor, o *«vergalho»* do porco, a goma de trigo, etc.

---

(13) — *A tomate* ou *a tomata* — em muitas localidades do B. Alentejo (nomeadamente em todas as do concelho de Ferreira), esta palavra é do género feminino; diz-se assim — *«a(s)* tomate(s) ou *a(s) tomata*(s) porque no género masculino e no plural (em que quase exclusivamente se emprega), tem outra significação: *os tomates* são, para o povo, os testículos, os *alforges—alfóros*, como se ouve dizer mais frequentemente—e que, com esta sinonímia, não são considerados termo obsceno, como o primeiro.

Há ainda quem recomende a aplicação das *bichas* (*«xambe-xugas»*) atrás das orelhas, mas esta prática está hoje quase completamente posta de parte...

«BENZEDURA DE ESPINHELA CAÍDA»

E' infindável a série de *«orações, rezas e benzeduras»* a que o povo recorre para encontrar remédio para seus males, quer físicos, quer morais. Continuaremos com os primeiros, reservando estes últimos para capítulo especial.

E' vulgar ouvir dizer que *Fulano* está «desmanchado» (tem um *desmancho*) e vai ou foi *«amanhar-se»* ao *«vertuoso»* (14) E' uma prática muito corrente entre a gente do nosso povo, simples, ingénua, crente.

Trata-se, quási sempre, de doença ou lesão interna, provocada por forte traumatismo, e que denominam por «ESPINHELA CAÍDA» ou «VENTRE CAÍDO».

Colhêmos duas orações diferentes, uma para o primeiro, outra para o segundo, embora outros considerem o «ventre caído» e a «espinhela caída» como uma e a mesma coisa.

Para benzer de «espinhela caída» senta-se o paciente sôbre o *meio-alqueire*, de pés unidos e em par um do outro. O *curandeiro* segura-lhe pelos «polegares das mãos», e estas vêm unir atrás das costas, palma com palma. Em seguida, puxando-os, eleva-lhe lentamente ambos os braços, lateralmente, até que as mãos se unem de novo, palma com palma, sôbre a cabeça.

Esta operação tem por fim verificar a existência da doença: se a espinhela estiver caída, os dedos de uma das mãos (15) ficam mais salientes do que os da outra. A diferença é tanto maior quanto maior fôr o *«desmancho»*.

Verificado êste, reza-se a seguinte *oração*, enquanto, com o dedo polegar da mão direita, se fazem cruzes, por três vezes nas costas, três no peito e três no alto da cabeça :

Senhora d'Encarnação é Mãe da *Virja* Maria
A *Virja* Maria é Mãe de *Jasu* Cristo :
E' tã' cert' isto com' é cert' o padre
'tar a *dezer* missa no altar
E a 'spinhela *'tar* tombada
E tornar *ó sê*, lugar...

Durante o tratamento — que geralmente se prolonga por nove dias — costumam os doentes tomar em *«jum»* de manhã cedo, (se fôr *entes* do sol *narcer 'inda milhor*) alguns *tónecos*—os mesmos que usam no tratamento do *escalfamento* ou *fraqueza de peito*.

---

(14) Curandeiro ou curandeira; homem ou mulher de virtude. No distrito de Beja — em Alfundão, freguesia que dista apenas 3 kms de Peroguarda, nossa terra natal, — existe um, de grande renome e com larga clientela de vários pontos do Alentejo e até mesmo de outras Provincias.

(15) Sempre a direita como veremos mais adiante.

Eis algumas fórmulas :

a)—Meio litro de vinho branco com cinco gôtas de bálsamo católico. — Toma-se durante nove dias.

b)—Três gemas de ovo, meio litro de vinho branco e uma *quarta* (100 gramas) de açúcar mascavado.—Toma-se também durante nove dias.

c)—Meio quilo de mel, meio litro de vinho branco, meio quilo de pingo de toicinho vélho (quanto mais vélho melhor) e dois tostões de canela em pó. Prepara-se da seguinte maneira: Primeiramente *derrete-se* o toicinho ao lume; junta-se-lhe depois o mel, o vinho e a canela e deixa-se ferver até ficar em ponto. Tira-se do lume e deixa-se arrefecer um pouco, para não cozer os ovos que, nesta altura, se juntam. Mexe-se tudo muito bem e toma-se às colheres, de manhã em jejum, e mais umas três vêzes por dia, geralmente antes das refeições.

d)—*Lembedor* de agriões: Pisam-se os agriões num almofariz até obter dois decilitros do seu sumo; juntam-se dois decilitros de mel. Vai ao lume e ferve até ficar reduzido a três decilitros. Toma-se às colheres.

e)—Variante: coze-se uma porção de agriões em meio litro de água deixando ferver até ficar em três decilitros. Juntam-se dois decilitros de mel e deixa-se ferver novamente até reduzir a três decilitros. Toma-se da mesma maneira.

f)—Sumo de trinta limões e dez ovos, tudo muito bem batido e ficando de infusão uma noite. No dia seguinte junta-se-lhe um quilo de açúcar pilé, sete decilitros e meio de conhaque. É tudo muito bem mexido e coado para uma garrafa. Toma-se um decilitro a cada refeição.

g)—Introduzem-se no sumo de quinze limões seis ovos, inteiros («com casca e tudo»), ficando assim durante três dias. No fim dêsses três dias o limão terá *comido* todo o calcáreo dos ovos, aparentando êstes os chamados «ovos moles» (envoltos apenas na película que separa o conteúdo da casca). Rasga-se essa película, junta-se meio quilo de açúcar pilé, meio litro de vinho do Pôrto (ou de qualquer outro, na falta dêste) *«bate-se tudo muito bem batido»* e coa-se para uma garrafa que se conserva bem rolhada. Toma-se como o anterior.

h)—1 quarta (100 gr.) de marmelada, meio litro de vinho branco, 125 gramas de açúcar mascavado, 3 gemas de ovo, 1 tostão de canela em pó.

Nota: Agite-se muito bem a mistura e deixe-se ficar de infusão, podendo começar a tomar-se no dia seguinte.

i)—Ossos de vaca, torrados e muito bem pisados ou moidos. Toma-se com vinho branco, deitando neste alguns pós dos ossos assim preparados.

j)—Cascas de ovos, preparadas e tomadas como se indica na alínea anterior.

l)—Também costumam tomar, como tónico, de manhã, em jejum, leite de burra.

Ordenha-se o *alimal* e toma-se logo em seguida. A dona da burra costuma ir com esta à porta do freguês (doente) e ali mesmo a ordenha, para que seja bebido logo em seguida.

Êste leite é tomado em pequenas quantidades, por ser muito forte. Geralmente toma-se um decilitro de cada vez, durante nove dias, no fim dos quais se descansa outros nove, para recomeçar depois, sendo necessário. No primeiro dia, porém, deve tomar-se apenas meio decilitro, pois o *estâmago* não agüentará mais...

O tratamento da *«espinhela caída»* ficará completo se, depois da «benzedura» e de «receitado» algum dos tónicos atrás referidos, se apliquarem uns *«emprastos»* ou qualquer outro ungüento *«constlativo»* (*confortivo* ou *construtivo*, segundo ouvimos algumas vezes).

Estes emplastros vendem-se nas farmácias ou nas drogarias e podem também preparar-se em casa. Aplicam-se sôbre o peito — «em *riba* do ôsso, apanhando tôda a *arca do peito*» — e, na mesma direcção, sôbre as costas — «em *riba* da espinha ou, dividido em duas partes, dos lados, para não tocar nesta.

Se o paciente tiver, de facto, a espinhela caída, «o *emprasto agarra-se que nem um cão* (fortemente) *e vai comendo tôda a ruindade, até que se desprende; se nã' tiver, o emprasto nã' s' agarra*».

«BENZEDURA DO VENTRE CAÍDO»

Indo Sant' André e Sant' Andria, (16)
Indo ambos por um sêrro *arriba*,
Diz Sant' André p'ra Sant' Andria:
—Anda daí, Andria!
—Nã' posso.
—Porquê?... Que tens?...
—Tenh' o ventre caído.
—Por que nã' mo *dissestes*
Qu' *ê'* já to tinh' erguido!
—Com quê?
—Com o *ólio* d' *oliva*, (17)
O *sumo* da *vis* (18)
E os cinco ramos d' *«hortiga»* (19)
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
Padre-Nosso... *Avêi*-Maria.

Esta «oração», é rezada três vezes por dia (*entes* do sol *narcer*, ao meio-dia e ao sol-pôsto — pôr do sol) e durante cinco, sete ou nove dias — «depende das melhoras do doente ou da vontade da criatura» (curandeiro).

(16) Umas vêzes ouvimos dizer Andria, outras, Andrilha.
(17) Azeite.
(18) Vinagre.
(19) Hortelã, segundo nos informaram. Por essa razão lhe demos aquela grafia.
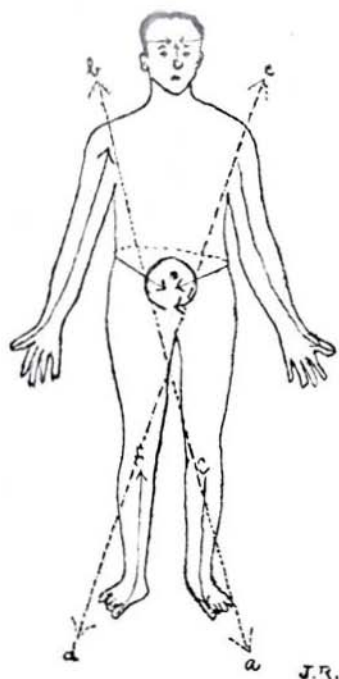
Fig. I: *Benzedura do «ventre caído»:* a, b, c, d — cruz formada pelas pernas e braços; as setas marcam o sentido em que é dada a fricção e as partes friccionadas.

Vejamos agora o complicado *modus faciendi :*

Enquanto se diz a «oração» esfregam-se as diferentes partes do corpo (que, como veremos, vão formando cruzes) com os ingredientes de que a mesma fala:—os cinco ramos de «hortiga» que se pisam, prèviamente, num almofariz, com os cinco pingos de *«ólio* d' *oliva»* e as cinco gôtas do *«sumo da vis».*

Começa-se por *«frèççar»* (friccionar) a PERNA ESQUERDA, desde o joelho ao *dedo grande* do pé e, desta, passa-se ao BRAÇO DIREITO, desde o *dedo grande* ao ombro, de *«arrecúas»* (de arrepio, para cima) para o braço minguar; depois passa-se ao BRAÇO ESQUERDO, do ombro ao *dedo grande,* sempre a *«frèççar»* para baixo, para o braço estender (20); é agora a vez da PERNA DIREITA que começa a *«frèççar-se»* desde o *dedo grande* ao joelho, de *«arrecúas».* («Q'ando os ingredientes que se têm na mão 'stiverem *«dados cabos»* (gastos, consomidos), *arrenjam-se* outros»—avisam-nos em à-parte).

Passa-se em seguida às «FONTES» região dos temporais) que se esfregam segurando o ungüento, em ambas as mãos, entre o indicador e o polegar, vindo aquelas juntar-se (cruzar-se) na testa.

Esfrega-se, agora, a «CANA» DO NARIZ, de «arrecúas» (para cima) e até ao ponto em que há pouco se juntaram ambas as mãos, na testa.

Segue-se a *«frècção»* na BARRIGA, começando, com ambas as mãos (uma de cada lado, por baixo dos *«rinzes»,* nas «CRUZES» ou «CADÈRAS») e vindo estas cruzar-se sôbre o baixo ventre; em seguida, a mão direita circunda sôbre a barriga, apertando (comprimindo) as *tripas,* tudo *em-roda* do *embigo* («em *riba* dêle, nada»!)—Ver fig. I.

Como já atrás dissemos, a «oração» é rezada durante cinco, sete ou nove dias e, em cada dia, devem juntar-se, aos restos do ungüento, novas quantidades, nunca se podendo deitar fora algum que sobre Se se verificar que o ungüento sobejante do dia anterior é suficiente, deve juntar-se-lhe, ao menos, um novo ramo de «hortiga». Só no fim se pode deitar fora algum que sobre.

(20) Informam-nos de que, em o paciente tendo a «espinhela caída» ou o «ventre caído», é sempre o braço esquerdo que acusa o «encurtamento».
A sintomatologia é completada pela verificação da existência duns «caròcinhos» (gânglios) em várias partes do corpo.

Em complemento, diremos ainda que êste tratamento «*tem resguardo*»: — nos primeiros três dias, ao menos, deve estar-se de cama. Se se puder estar durante todos os dias do tratamento, tanto melhor. Não podendo, devem evitar-se todos os trabalhos, não se meter as mãos em águas frias, etc.

«DOENÇAS D'AR» (CONGESTÕES)

A congestão cerebral ou pulmonar, não é excluída do número das doenças *tratáveis* e *curáveis* pelos empíricos e superstiosiosos processos usados na medicina popular.

Supõe o povo que a manifestação ou aparecimento desta doença é devido a um «ar mau» que, ao *passar* por determinada pessoa, lhe inocula o mal. Daí chamar à congestão «AR MAU» ou «DOENÇA DE AR» e dizer, com frequência, que «deu o ar» a *Fulano* ou a *Cicrano*. Com esta idéia fixa, quando o efeito da congestão se faz sentir mais num braço ou numa perna, deixando-os «*esquecidos*» (paralíticos) diz, expressivamente, que «*a Fulano le deu (ou passou) o ar num braço ou numa perna*», ou, mais simplesmente: «*foi ar que le deu*»!... (21).

A fórmula empregada para «BENZER D'AR», na cabeça ou em qualquer outra parte do corpo, é a seguinte:

Jasus, qu' é Santo o Nome de *Jasus!*
Onde *'tá* o Santo Nome de *Jasus*
Nã' pod' haver mal nem p'rigo *ninhum!*

É' te benzo F... (22)
D' ar mau, d' ar frio, d' ar quente,
D' ar malino, d' ar 'stravagante, d' ar poente...

Vai-te daqui, ar mau, ar frio, ar quente,
Ar malino ar 'stravagante, ar poente!
Nã' é aqui a tua morada!...
Foi palavras que *Dê's* disse
P'la sua bôca sagrada...
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
Padre Nosso e *Avêi*-Maria.

A oração é rezada cinco vêzes em cada dia e durante cinco, sete ou nove dias. Em cada dia, depois das cinco rezas, faz-se o oferecimento, do seguinte modo:

«*Of'reç'* estes cinco Padre-Nossos, estas cinco *Avêi*-Marias e estas «santas benzeduras qu' *ê'* aqui tenho *razado*, ofereço à *Virja* Nossa «Senhora e ó *Santíssimo* Sacramento p'ra que *sêje sorvido* a tirar «daqui êste ar mau, êste ar frio, êste ar quente... (etc.) p'ra que «daqui *sêje* tirado e nã' sêj' *àmentado*, às ondas do mar *sêje dê-*

(21) Se a congestão não se faz sentir grandemente, ou se as suas conseqüências são passageiras, de pouco duração, o povo exprime-se, ainda, por estas palavras: «*Foi rabinho d'ar*» ou «*foi uma ponta de ar que passou por êle*» (doente).

(22) Nome do paciente.

«tado, p'rà onde nã' reverdeça nem floreça. Ponh' as 'nhas mã's
«p'rà saúde e Dês ponh' às suas p'rà vertude, p'ra sempr' Amén».

Outro ensalmo empregado para o mesmo fim:

> *É'* te benzo F...
> D' ar frio, ar quente, ardente,
> Ar *entenguido*, ar *coitado*, ar *encotevelado*,
> Por água e por vento *fôstes* aqui *entrado!*
> Vai-te daqui ar quente, ar frio, ar ardente,
> Ar *entenguido*, ar *coitado*, ar *encotevelado*,
> Com a *bô'* hora, a *bô'* noute e o bom dia,
> Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
> Padre-Nosso... *Avém*-Maria.

Variante:

> Ar mau, ar quente, ar frio, ar ardente,
> Ar *coitado*, ar *entenguido*, ar *encotevelado*,
> Quem te troux' aqui?
> A má hora, a má nout' e o mau dia!
> Tira-te daqui, ar mau, ar quente, ar frio,
> etc.
> Em boa hora, em boa noute e em bom dia!
> Assim como *Jasu*-Cristo nã' tem frio nem calor
> Assim *séj'* o corpo dêste *pocador!...*
> Em *lavor* de Deus e da *Virja* Maria.
> Padre-Nosso... *Avém*-Maria.

«GOLPES DE SOL» (INSOLAÇÕES)

Também estes males não resistem ao tão ingénuas quão inofensivas, mas supersticiosas práticas de Medicina popular! — Inofensivas, dizemos, considerando-as apenas no seu aspecto material, pois raramente esta terapêutica irá contribuir para agravar o mal...

A verificação da doença e o seu tratamento têm, como de costume, o seu ritual próprio.

Faz-se aquela colocando sôbre a cabeça do doente um «panal» dobrado em nove dobras. O «panal» (pano branco que se coloca debaixo do pão em massa, quando êste se *tende* para ir ao fôrno) não deve estar lavado quando fôr aplicado para êste fim... É, até, *vantajoso* (23) o seu emprêgo logo depois de servir no pão—avisa-nos a nossa informadora!...

Mas, como íamos dizendo, colocado o «panal» sôbre a cabeça, da maneira indicada, põe-se, envolto neste, um copo com água e, sôbre êle, faz-se o sinal da cruz e reza-se qualquer dos ensalmos que a seguir, registamos. Se, na verdade, o doente sofrer de «golpe de sol»,

(23) — Compreende-se a vantagem: o *panal*, servido de farinha e colocado assim sobre a boca do copo, deixa cair na água o pó da farinha, o que produz a *efervescência* observada!...

a água do copo «começa a ferver»!... Em caso contrário, tal não acontecerá!...

Para tratar destas doenças praticam a chamada *benzedura da calma* (24) ou das *calmarias.*

Eis alguns ensalmos empregados para êsse fim:

Senhora Sant'Iria p'lo Mund' andou
Com Nossa Senhora s' encontrou
E Nossa Senhora *le prèguntou:*
—Onde *vás* tu Iria?
—A *prègunta* de *reméido* p'ra curar F...
Que *tá* morto com *calmaria...*
(E Nossa Senhora *prèguntou* com que a curaria):
—Com nove dôbras do panal e um copo de água fria...
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria,
Padre-Nosso... Avé-Maria.

Variante:

Iria pelo mar ia
Nossa Senhor' encontrou
E nossa Senhora *le prèguntou:*
—Onde *vás* Iria?
—Vou tirar esta *calmaria!*
Nossa Senhora *le prèguntou*
Com que a tiraria.
—Com o panal em nove dôbras
E um copo d' água fria.
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
Padre Nosso e *Avém* Maria.

Reza-se nove vêzes e depois oferece-se a Nossa Senhora «p'ra que *sêje sorvida* tirar esta calmaria que no corpo de F... *'stá prantada,* p'ra que *sêje dominuída* e nã' *àmentada,* e às ondas do mar *sêje dêtada,* p'rà onde nã' cre'ça nem flore'ça...

É' ponh' as 'nhas mãos p'rà saúde e *Dê's* ponh' *às* suas p'rà virtude. E em nome de *Dê's* Pai, *Dê's* Filho e *Dê's 'Sprito* Santo. Amén.»

outro :

Sant' *Enria polo* mar ia
O Padr' *Entern'* encontrou
Él' le prèguntou
Aond' é que tu vás *Enria ?*

---

(24) Em linguagem popular diz-se, ainda hoje, no Baixo Alentejo, *«ter calma» «estar calma»* por «ter calor», *«estar calor»* — tal como se encontra nas *Cartas,* do P.e António Vieira: «As *calmas* destes dias foram por cá tão extraordinárias que se não lembram os homens de outras similhantes, mas lembrava-me eu muito, pelos respeitos do meu maior cuidado, quais seriam as do Alentejo». (Carta a D. Rodrigo de Meneses — Coimbra, 8 de Setembro de 1644, *et passim).*

Vou benzer o *Mê' filho* (paciente)
Da *doença da calmaria !* (25)
Volta p'ra trás e vai benzê-lo
Entr' as onz' e o *mê'*-dia,
Com um *gòrdanap'* em cruz
E um copo d' água fria.
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria.
Padre-Nosso e Avem-Maria.

Nota: Como se conclui, das palavras do ensalmo, esta prática deve ser feita ao meio-dia: «põe-se a *criatura* (paciente) ao sol, sentada numa cadeira, com um guardanapo na cabeça e um copo de água fria»...

Variante, arquivada em «*A Tradição*», Vol. I, 175. Serpa 1899:

«Jesus, Santo nome de Jesus,
«Onde está o Santo nome de Jesus
«Não está mal nenhum.
«Sexta-feira da luz subiu o Senhor à Cruz.
«—Perguntou Pilatos a Jesus:
«—Quem treme? Tremo eu ou treme a Cruz?
«—Respondeu o Senhor:
«Não tremo eu nem treme a Cruz;
«Não treme nem tremerá,
«Que eu sou o Senhor Sacramentado,
«Que pelo Mundo tenho andado,
«Calmas e calmarias (tenho) apanhado.
«—Pois como se tiraria?
«—Com a rama da oliva talhada e dobrada duas vêzes
«E com espiga d' água fria.
«Em louvor de Deus e da Virgem Maria.
«Padre Nosso e Avé Maria.

«N. B. Todas as pessoas que benzerem devem pôr um pedacinho «de pão no seio e, depois de concluída a benzedura devem deitá-lo a «um animal, porque, se não fizerem isto, podem adquirir a doença de «que benzeram Todas as pessoas que padeçam dos dentes ou dos ner- «vos, têem de rezar nove vêzes o Credo, oferecendo-o à Senhora das Dores».

«BENZEDURA DA CONSTIPAÇÃO» (26)

«Jesus, Santo nome de Jesus,
«Onde está o Santo nome de Jesus
«Não está mal nenhum.
«Benzo esta constipação de sol
«Em honra de Deus Omnipotente;

(25) — Algumas vezes ouvimos dizer: «Da doenç' e calmaria»
(26) — Athayde d' Oliveira — *A Tradição*, I Vol. 142. Serpa, 1899

«Benzo esta constipação do calor e de febres
«Em honra de Nossa Senhora das Neves:
«Benzo esta constipação repentina,
«Em louvor de Deus e de Santa Catarina:
«Benzo esta constipação da frieza,
«Em louvor de Deus e de Santa Teresa.
«Tira-te para fora das costelas
«assim como Jesus Cristo foi crucificado;
«Tira-te para fora da barriga
«Em louvor de Deus e de Santa Margarida;
«Tira-te para fora do corpo,
«assim como Jesus Cristo foi morto;
«Tira-te para fora dos pés
«Em louvor da Virgem S.S.ma, Mãe dos pecadores
«Em louvor de Deus e da Virgem Maria
«Padre Nosso e Avé Maria.»

«N. B. Benze-se o paciente três dias e em cada dia três vezes; «volta-se a criatura com as costas para quem a benze e diz-se o Credo «nove vezes, sempre com a mão a fazer cruzes sôbre as costas do pa-«ciente. No fim de uma série de três credos reza-se uma Salvè Rainha «à N.ª S.ª das Dores e um P. N. e uma A. M. às cinco chagas de Cristo. «O paciente reza também.»

«BENZEDURA PARA DORES DE CABEÇA»

Eis alguns ensalmos que, segundo dizem, são remédio santo para as *dores de cabeça, dores de «miolo», enxaquecas*, etc.:

Jasus qu'é Santo o nome de *Jasus !*
F... *ê'* te benzo
De dor de cabeça, de dor de *miolo*, de dor maldita,
De dor *norvosa*, de dor *d'enxaqueta*.
Nó' Senhor *prèguntou :*
Que 'stás aqui fazendo,
Dor de cabeça, dor de *miolo*, dor maldita,
Dor *norvosa*, dor *d'enxaqueta?...*
—*Ê* 'stou aqui moend' a cabeça
E *desvaind'* o *miolo !...*
—Nã' *há-des* moer a cabeça
Nem *desvair* o *miolo*
(Foi palavras que *Dê's* disse,
P'la sua bôca sagrada...)
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria,
Padre-Nosso... Avé-Maria.

Reza-se cinco vezes a *oração* e faz-se, em seguida o oferecimento :

«*Of'reç'* estes cinco Padre-Nossos, estas cinco *Avèi*-Marias e estas santas benzeduras qu' *é'* aqui tenho rezado, ofereço ao Santíssimo Sacramento e à *Virja* Nossa Senhora p'ra que *seje scrvida* tirar daqui esta dor de cabeça ou est'*enxaquêta* que na cabeça de F... 'stá *fêta* e p'ra que *seje domenuida* e nã' *àmentada* e *p'rà* onde nã' *reverdeça* nèi *floreça*. Ponh' as *'nhas mã's p'rà* saúde e Deus ponh' *às* suas *p'rà* *vertude*, p'ra sempr' Amén.»

Outra :

Jasus, qu' é santo nome de *Jasus*
Onde *tá* o santo nome de *Jasus*
Nã' pod' haver mal nem p'rigo *ninhum*.
Jasus é verbo
Verb' é *Dê's*
E *Jasus*, benza-te *Dê's* !
Indo S. Pedro *mais* S. *Palo*
Caminhando *p'rô* monte Tabor
O Senhor disse a Pedro :
—Anda Pedro !
—*È'*, Senhor nã' poss' andar,
Porque tenho 'ma dor de morte !
O Senhor *le* disse :
—Aperta a cabeça três vezes em cruz
E diz:—*Jasus* qu' é santo nome de *Jasus*
E em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria,
Padre-Nosso e Avém-Maria.

Variante, recolhida em «*A Tradição*»; Vol. I, 174 :

«Jesus, Santo nome de Jesus, etc.
«Onde eu ponha a minha mão
«Ponha o Senhor a sua divina vontade.
«Quando S. Pedro pelo Mundo andou,
«Encontrou o seu Divino Mestre.
«O Senhor lhe preguntou: Onde vais, Pedro ?
«—Eu, Senhor? Vou para o Monte Forte.
«—Anda, Pedro.—Não posso, Senhor.
«—Pois, que tens?—Dor de cabeça.
«Jesus, Jesus, Jesus—Credo em Cruz.

«N. B. Enquanto a benzedeira diz aquela oração conserva a mão «sôbre a cabeça do paciente, mas sem lhe tocar nem fazer cruzes».

Colhemos ainda outro ensalmo particularmente empregado para benzer de dor de cabeça.

Ei-lo :

Quando Nossa Senhora pelo mund' andou
Com a dor de cabeça s' encontrou.
Nossa Senhora *le 'prèguntou* :
Onde *vás* tu, dor de cabeça ?

Vou furar o miolo, *desmiolar* o *sentido* !...
Vai-te daqui, dor de cabeça,
Qu' aqui nã' é a tua morada
(*Foi* palavras que *Dê's* disse
Da sua bóca sagrada)...
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
Padre-Nosso... *Avém*-Maria.

Ainda temos registada, igualmente para *curar* a dôr de cabeça, uma outra fórmula cujos versículos embora destituídos de seguimento lógico, aqui deixamos transcritos :

Quando Nosso Senhor pelo mund' andou
A um *monte* foi pedir poisada :
O homem *la* dava, a mulher *la* negava...
Deu-*le* de ceia um pão de cevada...
Vai te daqui dor maldita, dor malvada,
Nesta cabeça nã' tenhas entrada
(*Foi* palavras que *Dê's* disse
Da sua bôca sagrada)...
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria,
Padre-Nosso... *Avém*-Maria.

«BENZEDURA DA DOR DE BARRIGA»

Não pudemos compreender bem as palavras do ensalmo que registámos para curar *as dores de barriga*...

No entanto porque nos *afiançam* a sua eficácia—que o leitor poderá *pôr à prova* quando se vir nalgum *assado*, que lhas provoque—aqui o deixamos registado :

Jasus, qu' é Santo Nome de *Jasus*
Onde 'tá o Santo Nome de *Jasus*
Nã' pod' haver mal nem p'rigo *ninhum !*
Indo Nossa Senhora por um caminho
Chigou a um *mont'* e pediu poisada
O homem *la* dava e a mulher *la* negava...
Deu-le p'ra *dromir* 'ma saca de palha e 'ma manta molhada...
Vai-te daqui, dor de barriga, que aqui nã' é a tua morada...
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
Padre Nosso e *Avém*-Maria.

«*A Tradição*» tem registado no seu I vol., 143, 1899, outro ensalmo, muito parecido com êste e que a seguir reproduzimos:

«Jesus, Santo nome de Jesus,
«Onde está o Santo nome de Jesus
«Não está mal nenhum.
«Quando Nosso Senhor pelo Mundo andava
«Chegou a casa dum homem bom e duma mulher brava
«Pediu pousada e o homem dava e a mulher não dava

«À Senhora foi deitar-se e logo começou a chover
«Água por cima e por baixo...
«E com estas mesmas palavras a dor de barriga será curada.
«Em louvor de Deus e da Virgem Maria,
Padre Nosso. *Avèm*-Maria.

« BENZEDURA DO «NORVOSO» »

Ê' te 'sconjuro *flato norvoso,*
Têmoso, raivoso, pasmado e amuado.
Do ataque das *almorroides* e do *rabatismo sarás livrado*
Nã' *sarás* del' entrèvado nem pelo corpo da criatura passado.
Se *fôstes* apanhado d' ar frio, ou d' ar quente do chão
Ê' te 'sconjuro em *lavor* de S. João.
Se *fôstes* apanhado d' ar frio ou d' ar quente da cabeça
Ê' te 'sconjuro em *lavor* da Santa Madre Abadessa.
Vai-te *flato norvoso*, salta *polas* unhas dos *péis*
Lá p'r' aquelas bandas das águas do mar
Aonde nã' ciças galo nem galinha cantar
Nem ovelhas berrar.
Esta é qu' é a benzedura da Santa *Virja* Pura
Que no mund' a deixou.
Entes de ser Santa, tantos *tromentos* passou:
Numa cama s' entrevou,
Os *encaxes le prècurou,*
Picadas e *forroadas* no corpo *le* davam, *dezendo:*
Já nã' me vejo curada
Enconto nã' fôr *supultada.*
Ia a *Virja* Pura *pola* rua d' Amargura
Um *hom'* encontrou *dosmaiado* e *le* disse:
Quem *desser* nove vezes esta benzedura
Outras tantas se *porsegnar,*
De todo o mal de norvoso s' ha-de curar.
Em *lavor* de *Dês* e da *Virja* Maria
Padre-Nosso e *Avém*-Maria.

«PARA TRATAMENTO DE FEBRE E DORES REUMÁTICAS»

Para tratamento de febres várias e dôres de carácter reumatismal, costumam os populares Hipócrates aplicar, ainda hoje, a seguinte *«frecção»:*

«Quatro colheres de linhaça, três de mostarda, *uma* grama de quinino, uns pedacinhos de canela em pau, uma gema de ovo, três «decilitros *d'àgàrdente* forte e três decilitros de vinagre».

É tudo muito bem mexido e metido numa garrafa que se conserva bem rolhada. À noite, ao deitar, «frecça-se» a espinha, os braços e as pernas.

Também é muito usada a seguinte:

1 decilitro de vinagre branco, 1 decilitro de água-raz, 1 clara de ovo batida.

Faz-se a mistura, que se agita e deixa ficar um ou dois dias de infusão. Depois fricciona-se a parte do corpo molestada.

Toma-se, em seguida, bem quente uma chávena de chá de erva-luísa (bela-luisa) com dôze cabecinhas de marcela e um pedacinho de casca de limão.

AS DORES REUMÁTICAS (e também certas doenças de intestinos, designadamente a enterocolite) são combatidas com o seguinte composto medicamentoso, para uso interno:

«Deixam-se de infusão em meio litro de alcool puro, durante trin-
«ta dias, quarenta a cincoenta dentes de alho. Ao fim daquele tem-
«po passa-se o liquido para um frasco e vai-se tomando, aos pin-
«gos, de manhã em jejum».

Começa-se por tomar quinze pingos no primeiro dia e vai-se aumentando um em cada dia, até chegar aos vinte. Não se tomam mais que vinte de cada vez e deve tomar-se, pelo menos, trinta dias seguidos. Pode preparar-se «meia receita» e depois mais, conforme fôr necessário.

«BENZEDURA PARA CORTAR A INGUA E A QUEBRADURA»

Entre os vários ensalmos registados na *«Arte de talhar a íngua»*, *in Arquivo de Medicina Popular*, Vol. I, 87, dos consagrados etnógrafos Drs. Alexandre de Lima Carneiro e Fernando de Castro Pires de Lima, alguns se encontram parecidos com um que recolhemos no Baixo Alentejo.

Aqui o deixamos registado, pedindo aos ilustres Etnógrafos nos perdõem tão escassa contribuição para trabalho de tanta valia como aquêle a que me refiro.

Para *«cortar a íngua»* corta-se com uma faca, em cruz, a cinza da lareira e, alternadamente, a própria íngua, umas cinco, sete ou nove vezes, enquanto se diz:

> Íngua e fôrca foi a via (?)
> Fôrca veio e íngua não:
> Íngua, *ê'* te corto
> E te torno a cortar
> P'ra que seques e mirres,
> E cá nã' possas voltar!...
> Em *luvor* de *Dê's* e da *Virja* Maria,
> Padre Nosso... *Avëi* Maria

Por cada vez que se repete a oração devem rezar-se cinco, sete ou nove P. N. e A. M. (conforme as vezes que se rezar a oração) e fazer o «oferecimento» a Nossa Senhora da Guia.

Variante :

'Strela luzente,
È' tenh' uma íngua !
Ela diz que manda mais do que tu
E tu dizes que mandas mais do *qui* ela :
Rêna tu e segue-se ela !

Outra :

A esta janela me venho *prantar*
Por esta 'strelinha venho bradar :
Estrelinha, *ê'* tenh' uma íngua !
Ela diz que segues tu
E *ê'* digo que segue ela...
E *rênes* tu !...

Estas invocações são feitas à noite «a luz duma 'strela» e com os olhos fitos nela.

Temos notado que, entre a gente do povo, existe uma certa confusão entre a íngua e aquilo a que chamam *«cobradura»*. E assim, aplica-se o ensalmo anterior tanto para curar a íngua como para tratar a quebradura.

Apesar desta confusão, registámos também um ensalmo empregado exclusivamente para CURAR A «COBRADURA», e que deve ser aplicado na noite de S. João (23 para 24 de Junho), à meia noite.

A benzedura é feita com uma vide (haste de videira ou de parreira) que se deve abrir *(rachar)* ao meio, no sentido do comprimento, sem, contudo, chegar à ponta. A haste não deve cortar-se da parreira-mãe. Um rapaz e uma rapariga, que devem, obrigatòriamente, estar virgens e chamar-se, respectivamente, Manuel e Maria serão os praticantes. Colocam-se um de cada lado da vide e passam o doente, (quase sempre uma criança) de um para o outro, por dentro da abertura *(rachadela)* feita na vide (ver fig. II), e por três vezes ao mesmo tempo que vão dizendo:

Na noite de S. João
Êste *monino cobrado*
Pela *vime* vai ser passado:
—È' Maria e tu *Manel*
Em *lavor* de Sant' Iria e S. João.
Passo-to p'ra lá doente
E *dêta*-mo p'ra cá são!...

È' Manel e tu Maria
Êste *monino cobrado*
Pela *vime* vai ser passado,
Em *lavor* de Sant' Iria e S. João:
Passo-to p'ra lá doente
E manda-mo p'ra cá são!

—É' Maria e tu *Manel*
Êste *monino cobrado*
Pela *vime* vai ser passado,
Em *lavor* de Sant' Iria e S. João:
Mandasti-o p'ra cá doente
É' passo-to p'ra lá são:
Lavores e graças a Sant'Iria e S. João

FIG. II

Depois desta prática a *vime* é atada com a mão esquerda, pelos dois rapazes *virjas*, a Maria e o *Manel*, o mesmo se fazendo à quebradura do paciente. A vide, que se não desprendeu da parreira, vai sarando e cicatrizando a fenda ao mesmo tempo que a quebradura vai desaparecendo no doente. Quando aquela estiver completamente sasada — o que não deve demorar mais que um mês — êste estará igualmente são e salvo... Lembram-nos, por último, que será de tôda a conveniência colocar sôbre a quebradura, quando esta se ligar, um *vintém* envolto em algodão.

E agora, porque palavra puxa palavra, também a *vídia*, por natural associação de ideias, nos trouxe à memória outra prática por nós há tempo recolhida da tradição oral e que, de certo modo, é análoga à anterior, pois nela igualmente figura a videira como fármaco predominante, embora a sua acção, em relação ao *doente*, seja... de simples presença.

Trata-se, nada mais, nada menos do que de uma *receita* para... curar a *calvície !*

Alegrem-se, pois, os calvos que desconheciam esta *milagrosa fórmula* de um grande doutor — o *Dr. Zé Povinho*.

Fiquem sabendo que a maravilhosa *planta das parras*, além do *delicioso* «chá de parreira» — que, no dizer das Escritures, «alegra o coração das gentes»—, poderá dar-lhes, de hoje para o futuro, um *po-*

dercsissimo tónico capilar, um estimulante ao crescimento dos seus cabelos.

Como acontecerá tudo isso ? !

Procedendo da seguinte maneira :

Em noite de S. João — nessa noite de sonho, em que sòmente aos novos era dado ter esperanças... — abri, senhores carecas, uma haste de videira, tal como se indicou atrás para curar a quebradura. Introduzi na fenda ou racha assim obtida, um dos vossos raros cabelos (ai daqueles que já não tiverem nenhum!...). Ligai agora a haste deixando lá ficar dentro um desses «rari nantes»... e pronto !

A haste irá sarando e crescendo e, com ela, o cabelo que lá foi introduzido... ao mesmo tempo que os cabelos começarão a nascer e a crescer na vossa cabeça !...

Se, por ser velha a parreira ou excessiva a decrepitude do praticante, não fôr alcansado o fim em vista, aplicai, então o seguinte tónico capilar, talvez mais poderoso do que o primeiro:

Fritai, vivo, um lagarto e friccionai a cabeça, durante nove dias (ou nove noites) com o *pingo* que dele obtiverdes.

Se ainda falhar desta, não haverá remélio... usai o *«capachinho»*, de que alguns dizem maravilhas...

«DOENÇAS D' OLHOS»

As *doenças dos olhos,* conhecidas entre o povo pela designação genérica de «MAL D' OLHOS», são tratadas por meio da respectiva BENZEDURA, além de outras *mèzinhas* caseiras...

O ensalmo para *talhar* estas doenças reza assim:

Em *lavor* de Santa Luzia
Esta *vista* venho benzer :
De prego, de farpa e farpão,
De cabra (?), de cabrito (?), de rôxidão,
De *vormelhidão* e d' *enflamação,*
De bicha e de bichão!...
É' te corto e te torno a cortar,
Rabo, cabeça e raízes do coração
P'ra que te seques e te mirres
Em *lavor* de Santa Luzia,
Padre-Nosso... *Avém*-Maria.

Colhêmos ainda outra que é do teor seguinte:

A mão de Deus e a da *Virja* Maria vá *adiente* da minha
P'ra qu' apagu' estas rechas, estes farpões,
Estes carnazões, estes cravos, estes pregos,
Estas *bolidas,* (27) êste mal d' olhos...

(27) *bolidas* = manchas esbranquiçadas que aparecem na iris. O mesmo que cataratas?

Em *lavor* de Deus e da *Virja* Maria,
Padre-Nosso... *Avém*-Maria.

Variante:

Jasus, qu' é Santo Nome de *Jasus*!
Onde 'tá o Santo Nome de *Jasus*
Nã' pode haver mal nem p'rigo *ninhum!*
—*Ê'* te corto...
—Farpão!
—Isso mesm' é qu' *ê'* corto.
—*Ê'* te corto a cabeça, *ê'* te corto os braços, *ê'* te corto as pernas,
P'ra que tu nã' possas *rênar* (28)
Aqui te *há-des* secar, aqui te *há-des* mirrar,
Daqui nã' *há-des* poder passar.
Hê-de-te mandar *dêtar* p'ràs ondas do mar
Aonde nã' oiças galinhas nem galos cantar
Nem filhos por pais *bradar*...
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria,
Padre Nosso e *Avém* Maria

Eis outro ensalmo, parecido com o primeiro, empregado para o mesmo fim :

Jasus, qu' é Santo Nome de *Jasus !*
Onde o Santo Nome de *Jasus s' alomiou* (29)
Êste farpão secou e mirrou...
Ond' o Santo Nome de *Jasus* s' há-d' *alomiar*
Êste farpão s' há-de secar e mirrar...
BENZ.ª—*Ê'* te corto...
DOENTE—Farpão, cravo e récha.
BENZ.ª—Farpão e cravo corto, réch' atalho,
Em *lavor* de S. Pedro e de *S. Palo.*
Vormelha, o que fazes aí ?
—Como e bebo e 'tou aqui !
De *vormelho* visto, de *vormelho* caiço
De *vormelho,* a-cavalo (30), 'tou no alto.
Ê' te corto farpão,
Ê' te corto pelo pescoço e pelos braços,
Ê' te corto pela cintura e pela barriga,
Ê' te corto pelas pernas e pelos péis.
Aqui t' *hê*-de cortar, aqui t'*há-des* secar,

---

(28) *rênar* = reinar, crescer, alastrar.

(29) *Alomiar* = nomear; ser falado, ser dito: «*Tenh' ouvist' alomiar*» = tenho ouvido dizer, falar, nomear. *Ouvisto* é a forma popular do adj. verbal de *ouvir*, única empregada e conhecida pelo povo. Deve ter-se formado por analogia com o adj. verbal de *ver*.

(30) «*'Tar a-cavalo*» = estar em cima ou montado... Esta *maneira de dizer* assim como aquela outra «*andar a-cavalo*» emprega-as, indistintamente, o povo do Baixo Alentejo para significar que utiliza, como meio de transporte, o cavalo, o burro ou qualquer outro animal que lhe possa servir de montada e, até mesmo, é freqüente dizer que «*vai a-cavalo num carro, na camioneta ou no combóio*» e ainda «*a-cavalo na estrada*», para dizer que «*vai a-pé*».

Aqui t'*há-des* mirrar e daqui nã' *há-des* passar
Ponh' as 'nhas mã's p'rà saúde
E *Dé's* ponh' às suas p'rà *vertude*
Em *lavor* de *Dé's* e da *Virja* Maria
Padre Nosso e *Avém*-Maria.

Durante esta prática a benzedeira conserva na mão uma faca (*navalha* = canivete) e um pedaço de pau de loendro no qual corta quando as palavras do ensalmo o indicam, ao mesmo tempo que aproxima dos olhos do paciente, a faca e o pauzinho de loendro.

A benzedura é feita durante cinco, sete ou nove dias no fim dos quais a doença deve ter sido debelada. Faz-se, então, o oferecimento, da forma que segue: — «Ofereço estas santas benzeduras à Senhora Santa Luzia que livrou êste ôlho do farpão, cravo e récha. Em nome de Deus Padre, de Deus Filho, de Deus *'Sprito* Santo e de Santa Luzia. Padre Nosso e *Avém*-Maria».

Nem sempre o tratamento aplicado se limita a estas misteriosas práticas de *medicina*. Ao mesmo tempo que recorrem a estes supersticiosos processos de terapêutica, fazem o tratamento empírico.

As *mèzinhas* geralmente usadas para tratar destas doenças reduzem-se, porém, a simples lavagens com água de rosas, água de malvas (cozimentos), etc. Ver fig. V—«Olhos de Santa Luzia» (amuletos).

Para extracção de corpos estranhos recorrem às chamadas «pedras *alguereras*, ou *d'alguêro*» (argueiro).

Na Fig. III, n.os 9 e 9' se representam as duas faces da que existe em casa de meus pais. (31)

BENZEDURA DAS «QUEIMADELAS»

Para curar as queimaduras *'scaldadelas* — se são produzidas por água ou qualquer outro líquido fervente — e *queimados* — quando provocados pelo fôgo — emprega-se o seguinte ensalmo :

Senhora Sant' Iria tinha três filhas :
Uma lavava, outra cosia,
Outr' em chama de fog' ardia...
A mãe *prèguntou* à filha
Com que se curava, com que se curaria :
Com o unto do pôrco e o *pó da gu'a.* (?)

---

(31) «*Pedras d'alguéro*» (argueiro): Em casa de meus pais — em Peroguarda — existe uma destas «pedras» a que muitos dos habitantes têm recorrido quando lhes entra para a *vista* algum corpo estranho. Minha boa Mãe a ninguém recusa o seu benévolo emprego. Exige, porém, para não perder a sua posse, uma condição: que a aplicação seja feita em sua própria casa. Quantas e quantas vêzes, ainda criança a vimos aplicar com satisfatórios resultados. Sentado o paciente numa cadeira, é-lhe colocada no *colo* uma bacia branca, com água límpida, e introduz-se a «pedra» no ôlho afectado, entre a pálpebra e o globo ocular. Se ali não existir qualquer corpo estranho, a pedra não demorará a cair, por si, dentro da bacia. Em caso contrário, percorrerá todo o globo ocular até que, atraindo a si o corpo estranho, cairá na bacia, arrastando-o consigo.

É' te benzo, fôgo branco, fôg' alvadio,
Fôgo negral e fôgo *vormelho,*
P'ra que te seques, te mirres,
E aqui mais nã' *lavres* !
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria,
Padre-Nosso... *Avém*-Maria...

Variante :

Jasus, qu' é Santo Nome de *Jasus !*
Onde 'stá o Santo Nome de *Jasus*
Nã' pod' haver mal nem p'rigo *ninhum.*
Santa *Cezilia* tinha três filhas :
Uma lavava, outra estendia e outra no fogo ardia !
Com que se curou, com que se curaria ?
—Com o unto do porco e com o *pó do dia...* (32)
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
Padre Nosso e Avém Maria.

Enquanto a benzedeira reza o ensalmo, vai friccionando, levemente, a parte afectada, com unto de porco e com pó da estrada...

Também já temos visto aplicar sôbre os *queimados*, a banha *(«mantêga de porco»)* sem sal ou a manteiga (de vaca) nas mesmas condições.

PARA CURAR O «COBRO»

O *côbro* ou herpes é uma afecção vesiculosa da pele e que o povo atribui à acção de qualquer bicho peçonhento que tenha passado sôbre a roupa do doente, durante o tempo em que esteve no *estendedoiro.* Daqui a relutância, que já temos observado nalgumas lavadeiras, em estender a roupa no chão, pois assim ficará sujeita a que nela seja inoculado o venenoso gérmen produtor de tão temida como incomodativa doença cutânea.

A cobra, (bicha), o alacrau, a osga, o lagarto e a lagartixa são, para o povo, os únicos causadores dêste mal. E as roupas interiores, que estão em contacto directo com a pele, são as preferidas por tais *bicharôcos* para nelas deporem suas peçonhentas secreções. E', talvez, êste um dos motivos por que temos ouvido recomendar um cuidado especial em que fiquem *«bem passadas a ferro e com êste bem quente»* as peças de vestuário que hão-de ficar em contacto com a pele.

Para tratar o côbro é costume lavar-se a parte afectada com vinagre forte (puro) ou com vinagre aromático—prática mais corrente. Contudo, em tempos que não vão distantes, ainda em Beja se fazia a cura do côbro com o chamado *«óleo de trigo queimado»*.

---

(32) No primeiro ensalmo *para curar queimados* registámos «pó da guia» (que a nossa informadora não soube dizer o que seja) e no segundo «pó do dia» (que nos disseram ser pó da estrada).

O tratamento, geralmente, era aplicado (e creio que ainda o é...) na *loja de ferreiro* mais próxima...

Numa destas oficinas, ainda hoje existente às *Portas de Moura*, foi êle muitas vezes aplicado: o doente dirigia-se para ela levando consigo uma porção de trigo e, uma vez aí, colocavam os grãos sôbre a bigorna e chegavam-lhes um ferro em brasa.

O trigo, obrigatòriamente «trigo-tremês», após a combustão, deixa um resíduo escuro, oleaginoso, que em seguida se aplica sôbre o côbro, friccionando levemente. Repete-se o tratamento tantas vezes quantas as julgadas necessárias.

Deve evitar-se, a todo o custo, que o côbro complete ou feche um anel ou circulo em volta da parte do corpo afectada—membros (superiores ou inferiores) ou tronco—pois, quando isso acontecer, o doente estará irremediàvelmente perdido...

Para tratar a inoculação directa do veneno dêstes animais, por picada ou mordedura, ainda o povo recorre à chamada *«pedra da bicha»*, *«pedra da cobra» ou «pedra do veneno»*, (33) muito parecida com a «pedra de argueiro», porém, de maiores dimensões e que, colocada sôbre a parte afectada, a ela se pega fortemente «até chupar todo o veneno, desprendendo-se em seguida».

A ferida não deve lavar-se nem limpar-se após a mordedura ou picada, pois, se tal se fizer, a *pedra* dificilmente aderirá à pele, não podendo assim salvar-se o doente...

Em muitos casos é mesmo conveniente avivar a ferida com um canivete ou vidro, para que a pedra melhor se possa pegar. Se esta não aderir à pele é porque não há veneno na ferida... A pedra, depois de saturada, desprende-se por si. Para a limpar basta introduzi-la em leite, ao qual se transmite o veneno, o que se nota pela côr dêste...

Estas pedras são de um dos lados — ver fig. III, n.º 10—ovadas, lisas e de côr escura,e do outro — mesma fig., n.º 10'—chatas na periferia e côncavas no centro, com manchas claras.

Além deste tratamento empírico, há o tratamento místico, pela benzedura apropriada:

> *Jasus*, qu' é Santo nome de *Jasus*
> Onde *'tá* o Santo Nome de *Jasus*
> Nã' pod' haver mal nem p'rigo *ninhum*!
> *É'* te corto, côbro, cobrinho!
> Se fôres alvorinho, *é'* te cort' o focinho;
> Se fôres negral *é'* te cort' o *cristal* (?).
> Em *lavor* de *Dé's* e da *Virja* Maria
> Padre-Nosso. *Avém*-Maria.

Enquanto reza, a benzedeira *corta* com uma faca num pedaço de pau de figueira, sabugueiro ou qualquer outro.

---

(33) Em casa de meus pais também existe uma «pedra da bicha» — a que, por fotografia, se reproduz na Fig. III, n.º 10.

Em artigo publicado no «Jornal do Médico» e reproduzido no «*Arquivo de Medicina Popular*» — A raiva na Tradição oral e escrita — refere-se o Sr. Dr. Augusto César Pires de Lima, a estas pedras.
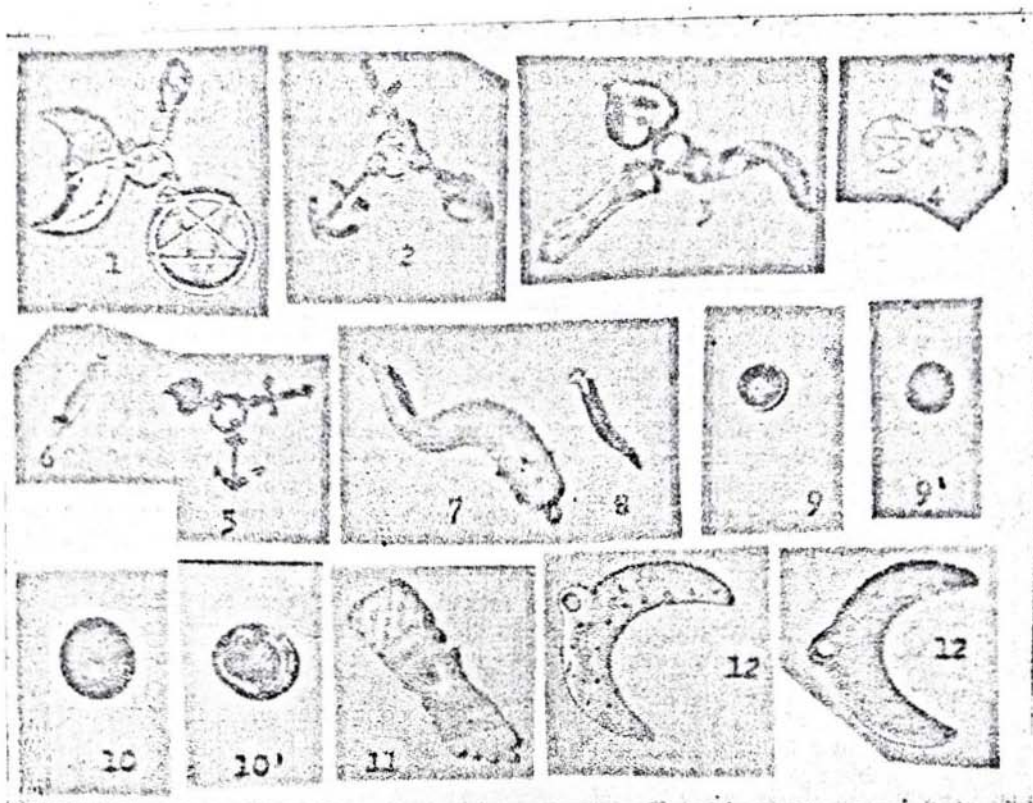
FIG. III

1 — Meia-lua, signo de Saimão e figa (prata).

2 — Cruz, âncora e coração (prata).

3 — Cornicho, figa e coração (vidro).

4 — Signo de *Saimão*, figa e meia-lua (ouro).

5 — Cruz, âncora e coração (ouro e esmalte).

6 — Figa (osso e ouro).

7 — Cornicho.

8 — Cornicho (chifre e ouro).

9 e 9' — Pedra de argueiro (duas faces).

10 — Pedra da bicha, da cobra ou do veneno.

10' — Idem — face que adere à parte do corpo afectada.

11 — Figa (osso) executada por um pastor.

12 — Meia-lua, (cobre)—(duas faces).

Fotog. de Armando Raposo

«BENZEDURA DE ÒLHADOS, FITOS E FITADOS»...

Em *Notas de Medicina Popular Minhcta,* do ilustre etnógrafo Armando Leão, publicadas no I Vol. do *Arquivo de Medicina Popular,* afirma-se que «o aldeão cura apenas dos sintomas: dor e manifestação externa, visível do morbo», e ainda que «doença grave, interna, mas que não doa, passa à conta de bruxedo ou mau olhado, e como tal o tratam»...

Na verdade, assim acontece, no Minho como no Alentejo, nas Beiras como no Algarve.

Confirma-o o facto de ouvirmos frequentemente dizer que *Fulano* está doente porque *le fezerom mal...* porque *le derom um òlhado...*

Para evitar, pois, que alguém lhe possa fazer mal — seja de que natureza este for — o aldeão (e quantas vezes o citadino!) recorre a rezas e benzeduras que julga próprias para tal fim.

Os *olhados* — segundo se crê — atacam com frequência, e de preferência, as criancinhas de tenra idade... E logo solícitas, as mãezinhas, para as livrarem de tão *terrível moléstia,* que em poucos dias lhas pode levar, correm a benzê-las contra os *maus olhados, fitos e fitados, olhares d'enveja, de lua,* etc..

Como de costume, verifica-se primeiramente a existência da *doença* deitando alguns pingos de azeite num pires com água, sobre o qual se faz o sinal da cruz, ao mesmo tempo que rezam o credo *(credo em cruz).*

Se o azeite desaparecer, diluindo-se completamente na água, a criança ou o adulto, sofre de olhado.

Os ensalmos que mais costumam empregar-se no tratamento são :

> *Jasus* é *berbo*
> *Berb'* é *Dê's*
> *Fulano* (34) tem um *cobranto* (35)
> Benza-o *Dê's !*
> *Dê's* te benza e benza-te *Dê's :*
> De *lua* e d'*ar* e d'*òlhado;*
> De dôres *norvosas* e de sol no *miolo;*
> De *lua* nas *tripas* e d'*azar;*
> E de *mal d'envej'* e de tod'o mal.
> Dois olhos te viram mal
> E três te *virão bĕi :*
> E' *Dê's* Pai, *Dê's* Filho
> E *Dê's 'Sprito* Sant' *Amĕi.*
> Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja Maria*
> Um Padre-Noss' e 'ma *Avĕi*-Maria.

A oração pode ser rezada três vezes fazendo cruzes sobre a água (para verificar a existência do olhado ou quebranto, em substituição

(34) — Dizer o nome do paciente.
(35) — Quebranto, olhado, fito ou fitado.

do credo em cruz, como dissemos há pouco). Verificado o mal benze-se a criança rezando a oração nove vezes: três enquanto se fazem cruzes sobre a cabeça, outras três sobre o peito e as restantes sobre as costas.

Mais recentemente colhemos outro ensalmo empregado para o mesmo fim e que é uma variante do primeiro.

Ei-lo :

É' te benzo *Fulano*
De lua e d'olhado
De fito e fitado...
A lua aqui passou
A cor de *Fulano lovou*
E a del' aqui *dêxou*
Q'*and'* aqui tornar a passar
A cor de *Fulano dêxará*
E a dela *lovará...*
Jasus é verbo,
Verb' é *Dê's*
S' é *òlhado*
Benza-te *Dê's !*
Dois olhos t'olharam mal
Três t'*hã-dem* olhar *bèi :*
Qu'*é Dê's*-Pai, *Dê's*-Filho,
Dê's-'Sprit' Sant' Amẽi.
Fulano, se te dói a cabeça,
Valha-t'a Senhora Santa T'resa !
Se te *dóiem* os olhos,
Valha-t'a Senhora Santa Luzia !
Se te dói o *pêto,*
Valha-t'o Senhor dos aflitos !
Se te *dóiem* os braços,
Valha-t'o Senhor *Jasus* dos Passos !
Se te dói a *centura,*
Valha-t'a Senhora *Virja*-Pura !
Se te dói a barriga,
Valha-t'a Senhora Santa *Ma'garida !*
Se te *dóiem* as pernas,
Valha-t'o Senhor Sant' Amaro !
Se te dói o corpo todo,
Valha-t'o Senhor Todo-Pod'roso !
Em *lavor* de *D'ês* e da *Virja* Maria,
Padre-Nosso e *Avẽi*-Maria.

Rezado o Padre Nosso e a Ave Maria segue-se o oferecimento :

«Of'rec'este Padre Noss' e esta *Avẽi* Maria qu'*ê'* aqui tenho *razado* of'reç' ô *Santissemo* Sacramento e à *Virja* Nossa Senhora p'ra que *sêje servida a* tirar daqui esta lua e este olhado que no corpo de *Fulano 'tá prantado* e p'ra que *sêje domenuido* e *nã' àmentado* e *p'rà d'onde* nã' *reverdeça* nem *floreça.* Ponh'as 'nhas *mã's p'rà* saud' e *Dê's* ponh' *às* suas *p'rà vertude...* p'ra sempr' *Amẽi*».

Mais uma variante :

A lua por *'qui* passou
E a cor de *Fulano lovou*
A lua por 'qui há-de passar
E a cor de *Fulan'* há-de *dêxar* !...
É' te benzo, *Fulano,*
Com a santa *sigunda-fêra'*
Com a santa terça-*fêra'*
Com a santa quarta-*fêra,*
Com a santa quinta-*fêra,*
Com a santa sexta-*fêra,*
Com o santo *sábedo*
E com o santo *d'mingo*
Baptizou Nossa Senhor' o *Sê'* M'nino *devino.*
É' te benzo de *lua ò d'òlhado*
De *fit' ò fitado*
De *buxo revôlto* (?) e *assarilhado*
De *cobrant'* e *acobrantado*
Se fôr na cabeça, S. João Baptista !
Se fôr nos braços' Sant'Amaro !
Se fôr na barriga, Santa Ma'garida !
Se fôr no corpo todo,
O Senhor do Mund'*entêro !*
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria,
Padre Nosso e *Avêi* Maria.

...ainda outra :

«Jesus, Santo Nome de Jesus,
«Onde está o Santo nome de Jesus,
«Não há mal nem perigo algum.
«Eu te benzo, ó criatura, do mau olhado.
«Se fôr na cabeça em nome da Senhora da Cabeça.
«Se fôr nos olhos, em nome de Santa Luzia.
«Se fôr na cara, em nome de Santa Clara.
«Se fôr nos braços, em nome de S. Marcos.
«Se fôr nas costas, em nome da Senhora das *Verónicas*
«E se fôr no corpo, em nome do Senhor Jesus Cristo
«Que tem o poder todo.
«Santa Ana pariu a Virgem
«E a Virgem pariu o meu Senhor Jesus-Cristo
«Assim como isto é verdade
«Assim seja este olhado daqui tirado
«E para as ondas do mar deitado
«Onde não oiça galo nem galinha cantar
«Em louvor de Deus e da Virgem Maria
«Padre Nosso, Ave Maria»

«N. B. Esta benzedura faz-se com um rosário na mão. Reza-se uma Salve-Rainha, oferecendo-se a Nossa Senhora. O paciente também reza a Salve-Rainha. Faz-se a benzedura nove vezes»—de *«A Tradição»*, Vol. I, pág. 142 — Serpa, 1899.

...e outra

Em nome de *Dê's* e da *Virja* Maria
A mã' de *Dê's* vá *adiente*
Qu' a minha nã' tem valia !
Fulano, Dê's te fez, *Dê's* te criou
Pordôe Dê's àquela que mal *t'òlhou.*
S' é da cabeça, S. João Baptista;
S' é dos olhos, Santa Luzia;
S' é do *bescôço*, Senhor do Hôrto;
S' é dos dentes, Sant'*Apolóina;*
S' é dos braços, Senhor S. Marcos;
S' é da barriga, Santa Ma'garida;
S' é do *'stâmago*, Sant'*Inaiço;*
S' é das pernas, Sant'Amaro;
S' é do *péi*, Sant'*Andréi;*
S' é das costas, Senhora das *Brótas;*
S' é das goelas, Senhor S. Brás.
S' é da cara, Senhora Santa Clara.
S' é do *pêto*, Senhor *Jasus* do *Lêto*.
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria,
Padre Nosso, *Avem*-Maria.

Durante a prática a benzedeira conserva nas mãos um rosário de contas e, segurando na cruz deste rosário, faz com ela cruzes sobre o rosto do paciente enquanto profere as palavras do ensalmo. Este é rezado durante nove dias seguidos e, em cada dia, três vezes. No fim de cada sessão oferece-se à Sagrada Paixão e Morte de Nós' Senhor *Jasu*-Cristo e aos Santos e Santas que se invocaram no ensalmo «p'ra que *sêjem sorvidos* de tirar aquele *mau-olhado* que no corpo de *Fulano 'tá prantado...*

Como já atrás dissemos, os *maus olhados* não *são dados* apenas às crianças.

Quando alguém é subitamente acometido de má disposição, boceja muito, sente náuseas ou dores no corpo e para elas não encontra explicação, imediatamente estas são atribuidas a mau olhado...

Ainda mais: os maus olhados não só definham, aos poucos, o ser humano, mas também os animais, as plantas e os mais variados objectos, tais como o pão e o bolo (que são transmissores da doença a quem os comer), as searas, etc. etc.

«PARA CURAR O MAL DE LUA»...

Segundo velha crença popular, as bruxas e feiticeiras são, como veremos mais adiante, detentoras das extraordinárias e diabólicas virtudes de... dar olhados! Contudo, à lua, é reconhecido igual poder de magia sobre plantas e animais, e especialmente sobre as crianças.

A sua influência maléfica, tão frequentemente invocada, é conhecida por «*mal de lua* ou *ataques de lua*» e denunciada por estas simples palavras:... «*tá com a lua*» ou «*iss' é a lua*».

Para evitar que a Lua exerça seus perniciosos efeitos sobre a criança é, ainda hoje, prática muito usada, fazer o *oferecimento à lua* logo após o nascimento da criança.

Eis uma das fórmulas de que mais costumam servir-se nas nossas aldeias :

> *Dê's* te salve, Lua-Nova
> Boas noites te venho dar :
> Aqui tens o *mê' monino*
> Ajuda-mo a criar.
> *Ê* sou mãe e tu és ama,
> Cria-o tu qu' *ê' le* dou mama.

Variante :

> *Adê's* Lua 'nha comadre,
> Aqui t' entreg' o *mê'* filho
> P'rô acabar's de criar :
> Tu és Mãe e *ê'* sou ama
> Traz'-mo qu' *ê' le darê* de mamar !

O oferecimento é feito à noite, exposta a criança à luz da lua, nos braços da mãe ou de qualquer pessoa da família...

Tal prática tem em vista, como as palavras do ensalmo o denunciam, não só evitar os «ataques da lua» ou «mal de lua», mas também impetrar que esta exerça sobre a criança, a sua acção bemfazeja — que a ajude a criar...

Quando a criança fôr atacada de lua — diz o povo — deve sempre tratar-se. Além das práticas já referidas, também costumam recorrer aos processos empíricos, associados, quase sempre, ao tratamento místico das populares benzeduras.

Assim, com frequência dão a cheirar, às crianças nestas condições, a *losna* e a *tàsneira* (plantas aromáticas), ou a ingerir chá de salsa brava *(braba)* ou mansa. Também costumam friccioná-las nas *fraquezas (sangradoiros — curvas das pernas e dos braços)* e na espinha, com «*uma grama de quenino, um decilitro de alcool e cinco tostões de cânfora*», que se misturam num frasco, ou ainda, com *unguento de afito*, na barriga.

A atestar a eficácia da *tàsneira* recorda-nos um velho adágio,

de censura, que se ouve quando morre uma criança *devido ao mal da lua* :

> «'Smazelada.
> *Dêxastes* morrer o *tê monino* de lua
> Tend' a *tàsnêr'* à porta da rua».

Com excepção da noite em que é feito o oferecimento à lua, nem a criança, nem qualquer peça do seu vestuário devem ser expostas à acção directa dos raios lunares, pois que estes serão prejudiciais ao seu estado de saúde.

Além do tratamento já indicado para combater o *mal de lua,* também o povo recorre aos *amuletos*, de que falaremos mais adiante, e, de um modo especial, à *meia-lua*. Esta, segundo velha e arreigada crença, exerce *incontestada* acção catalítica contra a perniciosa influência da lua, das bruxas e das feiticeiras...

Para o povo, também a lua exerce a sua influência decisiva ora maléfica, ora benèficamente, sobre grande parte dos seres da Natureza — desde a gestação, nos animais, ao crescimento, nos animais e nas plantas, desde a mais ligeira mudança de tempo, ao temperamento, boa ou má disposição do indivíduo, etc. etc.

Assim, por exemplo, ainda hoje ouvimos dizer, a cada passo :

—que *tal* animal (sexo feminino) *está aluado*, quando está na época do cio — alusão, inconsciente embora, à influência da lua sobre a concepção e gestação;

—que os pintos (36) nascidos e as searas semeadas ou nascidas em *lua-nova* ou em *quarto-crescente* são sempre melhores e desenvolvem-se muito mais ràpidamente do que as nascidas em qualquer outro quarto de lua;

—que a salsa, semeada à noite, ao luar, sòmente espigará e dará semente passados que sejam quatro anos. Durante este espaço de tempo irá sempre *rebentando* (renascendo) à medida que se fôr cortando;

—que *«o pepino sem lua antúa»*, isto é, não *vingará*, não se desenvolverá e, por conseguinte, sendo semeado em local onde não *veja* a lua, nada produzirá;

—que tudo o que se destina a secar, como as forragens, deve ser colhido no *quarto-minguante* e, pelo contrário, na *lua-cheia*, os cereais, para que o pão seja cheio e grado;

—que *«lua nova trovejada trinta dias é molhada»* e que *«lua nevoada*

---

(36) — Os pintos que deviam nascer em dia de trovoada não têm, segundo se crê, força para sair da casca e, se não se lhes acudir borrifando-os com vinho branco, para tomarem força, morrerão à nascença...

traz trovoada» para dizer, no primeiro caso, que choverá durante os quatro quartos da lua e, num como noutro, para indicar o estado ou mudança de tempo.

Com efeito, a lua é, ainda hoje, um meio seguro de que o nosso Povo se serve para fazer os seus cálculos e previsões do tempo.

Recordem-se ainda frases como as que seguem, as quais denotam a subsistente crença nos poderes ocultos que se julga exercer a lua sobre o homem :

«*Fulano é um lunático*» (isto é, um abstracto, um aéreo, um desatento;

«*Parece que estás na lua*» ou «*que andas na lua*» (com o mesmo sentido)...

«PARA CURAR A DOR DE DENTES»

Naquele monte mal assente
'Tá o Senhor S. *Clomente*
E Nossa Senhora *le prèguntou* :
—Que tens *Clomente ?*
—Dói-m' o *quêx'* o mai-lo dente.
—*Quer's* curá-lo, *Clomente ?*
—Com quê ?
Com as tuas cinco *pòlgadas*
Sobr' essas tuas pontadas
E elas *sorão* abrandadas.
Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
Padre Nosso e Avém-Maria.

Invocando o Santo patrono dos que sofrem dos dentes, quando as dores continuam, ou ainda mesmo antes da invocação a que nos referimos, é prática muito aconselhada tomar uns bochechos de vinho branco, quente, fumar um cigarro de crégãos, introduzir no orifício do dente cariado uma bolinha de algodão embebido em cricsote, um ferrinho em brasa ou, ainda, o pó obtido da pele de lagarto, torrada e pisada...

Também há quem aconselhe que se apliquem na face do doente, panos de água fria, vinagre ou vinho. (37)

---

(37)—Quando cai o primeiro dente as crianças costumam atirá-lo para o telhado e dizer:

Moirinho, Moirão,
Toma lá o *tê'* dente *podre*
E *deta*-me p'ra cá um são!

ou

Cizêrão, cizerão
Toma lá um dente *pôdre*
Dexa-me cá ver um são'!

«PARA CURAR AS SAFARDANAS» (Sezões)

O doente deve sair de casa, *fora de horas*, munido de uma «mãcheia» de sal, dirigir-se a um poço da povoação e lançar-lhe para dentro o sal, ao mesmo tempo que diz:

> *Dê's* te salve, *S. Selão!*
> Sezões trago e sezões não.
> Elas aqui *ficom*,
> Elas aqui ficarão
> E p'ra mim nã' voltarão.
> Em *lavor* de *Dê's* e da *Virja* Maria
> Padre-Nosso, Ave-Maria.

Também há quem vá junto dum barranco (pequena ribeira), à meia-noite e, de costas voltadas para o mesmo, atire o sal, enquanto faz a invocação. O praticante não deve voltar-se ou olhar para trás mesmo que oiça algum ruído...

A par da medicina mística, a empírica também não é desprezada:

Para curar as sezões costumam abrir, vivo, um frango ou pombo e colocá-lo na barriga do paciente!... (38).

«PARA CURAR OS AGUAMENTOS»

Em trabalho, que vimos coligindo e ordenando, para estudo da «*Linguagem Popular do Baixo Alentejo*» temos já registados, no respectivo ficheiro, os vocábulos «*àgamento, augamento, ògamento* e *ougamento*», correspondentes às várias pronúncias de «*àguamento*».

Este vocábulo serve para designar em muitas terras do Alentejo, uma doença, muito de temer, que temos ouvido descrever de duas ou três maneiras diversas, ao que nos parece, sem qualquer relação entre si.

A primeira deve corresponder, possìvelmente, à pneumonia: diz-se, por exemplo, que qualquer pessoa ou animal apanhou um *aguamento* quando, «por *'star pengand'* em suor» ou «'scorrend' em *ága*» (suor) — devido a grande caminhada, excesso de trabalho, corrida ou qualquer outro motivo — e não se abafar convenientemente após esse acto (sobretudo se estiver exposto a correntes d'ar), foi acometido de doença súbita, após o resfriamento. Para evitar o «augamento» nos animais (gado muar ou cavalar), costumam friccioná-los com palha ao

---

(38) Nos concelhos da margem esquerda do Guadiana — Serpa, Moura e Barrancos, onde colhemos estes ensalmos — às sezões o povo chama «safardanas».

chegarem à cavalariça e cobri-los, em seguida, com um cobertor ou manta.

A segunda tem carácter de mera superstição como a maioria das de que temos tratado e, por isso mesmo, maior influência exerce na formação de novos vocábulos usados na linguagem popular, de Norte a Sul do País — *ògar, cugar, desougar*, etc.

Acredita-se que os animais, como as pessoas (especialmente as crianças) não podem ver comer junto de si, sem que lhes *«cresça água na bôca»*, pelo apetite ou desejo que sentem de comer o que outrém está comendo em sua presença. Nesse caso, se não se lhes satisfizer o apetite — se não se *«desougarem»*, como sói dizer-se — essas pessoas ou animais contraem tal doença — o *ougamento*—que as irá definhando...

E' *sinal* de existir *ougamento*, tanto nas crianças como nos animais, o facto de andarem tristes e com o cabelo *ouriçado*...

Segundo a crença popular, os animais adquirem, frequentemente, o *ougamento* quando, ao passarem, com sede, junto de um lugar onde costumam beber, lhes não é oferecida água...

O *ougamento* trata-se levando a criança junto de um ribeiro onde a água corra límpida, para a qual se lhe chama a atenção, dizendo-lhe *gracinhas* e fazendo com que ela, sem chorar, toque na água...

Outro processo consiste em dar a comer à criança *ougada* um bocado de pão de centeio, ainda quente do forno. Quando o tiver mastigado tira-se-lhe da bôca, faz-se com os dedos um pequeno bolo, dentro do qual se metem as unhas da mão esquerda do *doente*, que prèviamente se cortaram, e dá-se a um cão...

A doença passará ao animal!...

Nunca notámos esta superstição no concelho da nossa naturalidade — Ferreira do Alentejo — embora ali tenhamos ouvido dizer frequentemente que «não é bom comer *diente* das crianças sem *les* dar de comer» porque, esclarecem, «há *muntas* crianças que *«desalumiam»* ou *«desaluméiam»* (perdem a luz dos olhos) ou a quem «os olhos se *les* *tão* indo» pela comida, *«fazendo-les esta cre'cer àga na boca»*...

Daqui, segundo supomos, chamar-se «criança *ougada*» àquela a quem, em primeiro lugar, cresce ou já cresceu àgua na boca e, porque essa água lhe cresceu por não ter sido a criança *desougada* — isto é, por não se lhe ter satisfeito prèviamente, em ocasião ou ocasiões próprias, o apetite da boca, *desougando-a* ou *enxugando* nela, com qualquer alimento, a água ali nascida quando alguém come ou comeu em sua presença—pressupõe o povo ser raquítica e enfezada (devido à hipotética não satisfação dos apetites da boca... e do estômago) a criança *«ougada»*...

Poderá assim, a meu ver, explicar-se a sinonímia, estabelecida e aceite, entre os vocábulos *ougada*, e *raquítica, enfezada*...

Na *gíria* popular designam-se ainda por *«ougamentos»* não só certas doenças venéreas, como também determinados corrimentos *(àguadilhas)*, que nos mesmos têm origem...

«PARA SABER PELAS VOZES DO MUNDO»...

E' curioso o ensalmo, que a seguir registamos, empregado para se saber, por êle — «ouvidas as vozes do Mundo» (39) — qualquer assunto que grandemente interesse ao praticante: esclarecimentos sobre o futuro, sobre o curso ou desenlace de determinada doença de pessoa de família, sobre o casamento, o destino de objectos perdidos, etc.

Esta pratica recorda-nos pagãos costumes gregos quando, em situações igualmente dificeis, consultavam os deuses nos seus *«oráculos»*.

Acreditava-se, então, que a divindade estava em relação directa com os homens — crença que os sacerdotes e sacerdotisas exploravam em proveito do seu poder — como hoje se acredita que Deus, pelo Seu próprio Poder ou por intermédio dos seus Santos (ou até mesmo de outras pessoas ou de animais, como no caso presente), comunica com os *homens* ou com as *mulheres de virtude*, atendendo suas heréticas impetrações — o que uns e outros igualmente exploram em proveito próprio!...

Filiar-se-á, na verdade esta crença popular nos longínquos *oráculos* dos Gregos?!...

A hipótese afigura-se-nos como possivel, conhecida a grande influência que tais *oráculos* exerceram na vida da Grécia antiga e sabido que também nós sentimos sob vários aspectos, a influência de costumes do povo grego (40)

A outros, mais competentes, confiamos o encargo de pesquisar, em fontes que não temos ao nosso alcance, o que há de verdade na relação que estabelecemos entre uma e outra crença — tão afastadas, entre si no tempo e no espaço.

Eis o ensalmo :

Ih! *Jasus*, Nossa Senhora!...
E' aqui me venho prantar (41)
Por Nossa Senhora venho *brádar*,
Mas nã' tenho nada p'ra *le* dar:
Dou-*l'* a Hóstia consagrada
Que 'stá no bendit' altar.
E' nã' *la* dou nem *la* quito (42)
No *âr'gáço* de Nossa Senhora a deposito,
P'ra que Nossa Senhora *sèje servida*
P'las *vozes do mundo* me descobrir...

---

(39) Esta prática é ainda conhecida por outras designações: «Silêncios» (Algarve), *«Bradar às portas»* e «Andar às vozes» — noutras localidades do Alentejo.

(40) — Recordem-se, a propósito, as expressivas frases, já consagradas e ainda tanto em uso: «Vou consultar os oráculos», «ainda não consultei os oráculos». Sem dúvida, a sua origem deve encontrar-se nos «oráculos» gregos.

(41) — Pôr, colocar.

(42) — *Quito* = tiro — vocábulo espanhol, a rimar com *deposito*.

Aqui diz-se o que se pretende saber ou descobrir e fica-se aguardando de ouvido à escuta: «se fôr p'ra bem», isto é, se fôr agradável ou favorável o que se pretende saber, a resposta «será dada em vozes alegres» — cantar do galo, duma pessoa, etc.; «se fôr p'ra mal», quer dizer, se fôr desagradável ou desfavorável a resposta, «ouvir-se-ão vozes tristes» — ladrar do cão, zurrar do burro, conversas ou cantares de tristeza...

A «oração» costuma rezar-se cinco vêzes e, no fim, agradece-se a Nossa Senhora !

Resta-nos observar que, como acontecia nos *oráculos* gregos, a «resposta» é sempre ambígua, confusa, mal defenida, segundo as *conveniências* dos próprios... que as interpretam.

Numa localidade da margem esquerda do Guadiana, aonde, há poucos dias, nos levou o desempenho de funções oficiais, colhemos uma *oração* a Santo António — igualmente conhecida pela designação de *«vozes do Mundo»* ou *«vozes do Povo»* — com a qual se pretende conseguir o mesmo objectivo, embora nela se implorem do nosso mais popular Santo, favores e graças de ordem vária !

Reza assim :

> O' Beato Santo *Entóino*
> Amigo de *Jasu* Cristo,
> Confessor de S. Francisco
> Qu' *ĕi* Lisboa *fôstes* nado,
> Em Roma *fôstes* criado,
> Bicho mau não chegará *ô* gado,
> Tudo *pordido sará* achado,
> Em *lavor* de Santo *Entóino !*
> Que me *gòrde* noite e dia
> E que vá na minha companhia (43)
> P'ra qu' ê' *ciça as vozes que porfira...*
> Padre-Nosso, *Avém*-Maria.

Também à peneira o nosso povo reconhece o mágico poder de descobrir o que êle deseja saber: Basta, para isso, pegar nela, cravar-se-lhe uma tesoura no arco (de modo que esta fique bastante aberta) e segurar-se nos anéis ou asas da tesoura, que se apoiam sôbre o dedo indicador dos dois praticantes. Em seguida reza-se o credo, em cruz, sôbre ela, e diz-se :

> *Penêra* que *penêrais*
> Tod' o pão da humanidade
> Peço-vos *ê'*, Senhor
> P'las três *Possoas destintas*
> da *Santissema Trendade*
> Que me não *faltes* à *vordade*

(43) O povo emprega de preferência, *companha*.

P'ra *gelão, traga-matão*
Vás do pato a *chião*, a *molitão !*

Quero que me digas
S' *ist' éi vcrdade* ò se não :

Se tenho de ser casada! (44)
Se tenho, vira-te *p'ra cá*
Se nã', vira-te *p'ra lá...*

Variante em que, além da peneira e da tesoura se utiliza um rosário de contas que se coloca pendente no centro da tesoura :

P'nêra que *p'nêrastes*
Todo o pão da *vergendade*
P'las alminhas do *scmetéro*
Fala-m' aqui a *vordade* :

«Se F... gosta de mi'—vira-te *p'r' àqui!*»
«Se F... nã' gosta—vira-te *p'r' àli!...*»

«PARA LEVEDAR A AMASSADURA»

Designa-se no Alentejo, por qualquer destes três vocábulos — *amassadura, amassaria* ou *cozida* — o acto de amassar o pão e seguintes operações, até que este venha do forno, pronto a comer.

Em geral, toda a mulher do Povo sabe amassar — e não apenas a mulher, mas também o próprio homem, para a substituir quando, por vezes, ela não pode desempenhar-se de tão importante serviço doméstico, já por doença prolongada ou imprevista, já pela que periòdicamente a incomoda, pois é sabido que, nesse estado (a propósito do qual correm ainda as mais extraordinárias e absurdas práticas e crendices), lhe é vedado fazer grande número de trabalhos, tais como: mexer em carnes, em azeitonas, na massa, em bolos, flores, etc. (porque as estragaria); meter as mãos ou pés em águas frias ou quentes, caiar, mondar ou apanhar grãos, etc. (porque isso seria fatal para a sua saúde).

O pão é objecto dos maiores cuidados e desvelos por parte de toda a boa dona de casa. E' que, se há um descuido — se a massa fica *afogada, branda* ou *testa* de mais; se fica demasiado *lêvada* (azêda) ou *amonada* no alguidar e *não chega ò sinal* (falta de finta); se tem que esperar antes da *tendedura;* se está de *'smarrêra*, à boca do forno ou se este não estiver em bom tempero (nem demasiado quente, nem com falta de calor) — lá se vai toda uma semana, uma longa semana, a comer mal, pois que, sem bom pão, base do seu alimento, o Alentejano não consegue fornecer matéria prima que satisfaça as exigências do laboratório de sua vida — o estômago.

(44) Nesta altura é que se pergunta o que se deseja saber.

Escolhido o dia para a *cozida* e obtida vez para a primeira, segunda ou terceira fornada, aguardam que a forneira mande recado de que pode começar a amassar.

Lançada, então, a farinha no alguidar de barro vidrado, depois de prèvimente peneirada, — o que quase sempre se faz na véspera, à noite — a amassadeira começa por dizer:

+ *Padre,* + *Filho,* + *'Sprito Sant' Àmèi!...*

E principia, assim, sob a invocação das três Pessoas da Santíssima Trindade, este interessante trabalho doméstico.

Dura o mesmo cerca de uma hora a hora e meia, durante a qual muito se sua a *«puxar as pastas»*—, até que, por fim, ao lançar a última porção de água, diz:

> «Lá vai, em *lavor* de Sant' *Então*
> P'ra que *cre'ça* mais um pão!...

ou ainda :

> Lá vai, em *lavor* de Sant' *Então*
> P'ra que *cre'ç'* àgor' em massa
> Conforme *cre'cê'* em grão!»

Fazem em seguida, com a *mão em cutelo*, uma cruz que fica vincada na massa, enquanto pronunciam estas palavras:

> *Dê's* t' *acre'cente*
> E às almas do céu, p'ra sempre.
> Assim com' a *Virj' éi* pura
> Assim *Dê's acre'cent'* a 'nh' *àmassadura*

Variante :

> *Dê's t' acre'cente*
> E as almas do *Cé'*, p'ra sempre !
> Venha *Dê's* e *vêija*,
> Venh' *ó* diab' e cego *seija*
> Em *lavor* de *Dê's*
> E das almas do *Cé'* p'ra sempre !

Há quem faça cinco pontinhos em cruz sobre a massa, e diga simplesmente :

> «Em *lavor* das cinco chagas de Nó' Senhor *Jasu* Cristo».

À hora julgada conveniente vai a forneira ou manda novamente, a casa de cada uma das suas freguesas, saber se o pão já está chegado ao sinal e, quando, tanto quanto possível, todas as *amassaduras* estiverem fintas, manda então *tender*.

Acontece, por vezes, que, enquanto a massa de uma finta no

tempo normal (uma a duas horas), a de outras finta antes de tempo ou demora mais do que devia...

E então, não sem arrelias, é posto à prova não só o trabalho mas também a competência da boa dona de casa — sempre briosa em apresentar bom pão, pão bem fabricado, alto e fôfinho, quer em casa, á família, quer no campo, aos olhos de estranhos, quando nos trabalhos chega a hora das refeições.

Aquela cujo pão primeiro levedou tem muitas vezes que lhe *dar volta* (amassá-lo novamente), destapá-lo ou colocar em cima da massa um copo de àgua fria, para retardar a finta.

Esta, porque o pão lhe não levedou tem que lhe *pôr mais roupa* ou colocar-lhe em cima, sobre o panal, farelos prèviamente aquecidos, para que a finta não demore.

Porém, num como noutro caso, não raro costumam recorrer a práticas supersticiosas para conseguir o fim em vista.

Uma delas, muito usada em Alfundão, consiste em... *capar* o pão, da seguinte maneira :

Em *lavor* de Nossa Senhora,
Com esta faca
Este pão venho *capar* :
Fuge, pã' que te *capo*
Fuge, pã' que te *capo*
Fuge, pã' que te *capo*

Enquanto dizem as palavras do ensalmo vão-se fazendo cruzes com a faca sobre a massa; e a *fé* (aqui sinónimo de sugestão) é tão grande que há quem nos afirme ter visto o pão *crescer*, criar abóbada e levedar, após esta prática e como consequência da mesma!...

Quando o pão regressa do forno, no inverno, é frequente fazerem-se as *«tibornas»*, tão conhecidas nas aldeias alentejanas. A *tiborna* consiste num bocado de pão mole, quantas vezes ainda a fumegar, o qual se *besunta* com azeite novo e salpica de sal...

E' comida muito apreciada e preparada nos próprios lagares de azeite, durante a época da laboração.

CONTRA A PESTE, AS BEXIGAS E A CÓLERA...

Entre as numerosas e velhas usanças de que nos temos ocupado e que ainda subsistem, quer sejam de carácter puramente supersticioso e absurdo, como muitas vezes acontece, quer se trate de simples folganças populares, lembramos ainda a das fogueiras (*«figuèras»*), de que já falámos em *Alentejo cem por cento* — pág. 104.

Nas noites de Santo António, S. João e S. Pedro (e Santa Margarida, em Peroguarda) acendem-se nas ruas grandes fogueiras de alecrim, rosmaninho e outros arbustos aromáticos. E o rapazio percorre as ruas das povoações, saltando, com grande alarido, por sobre o fogo, enquanto grita, a plenos pulmões :

«O *Mártel S. Sabastião* me livre da peste e das *pexigas!*»

Ouvem-se, por toda a parte estrondosos estalidos: são as *«atabúas»* que *estralam* como foguetes, nas mãos da garotada, que grita e canta de satisfação. São as *atabuas* uma haste de planta aquática, semelhante ao bunho ou buinho da ribeira. Terminam por uma parte mais volumosa—a que é introduzida na fogueira e quando quente, ao bater-se com ela nas pedras da calçada, produz um ruído semelhante ao de tiro de pistola...

Nestas noites queimam-se nas ruas das povoações do Baixo Alentejo muitas carradas de alecrim, pois não há lar algum que deixe de acender a sua fogueira votiva, ao Mártir S. Sebastião!...

Este antigo sistema de desinfecção pública é, na verdade, alegre e pitoresco, pois as ruas das nossas vilas e aldeias, desprovidas na maioria dos casos, de outra iluminação que não seja a do luar (quando o há), oferecem, nessas noites, um espectáculo de-veras encantador.

Por *pexigas* entende-se, evidentemente, a varíola, distinguindo o povo a varicéla (a que chama *«pexigas dôidas»)* da varíola pròpriamente dita.

Por peste entende o povo qualquer epidemia, *contágio* ou *andaço,* cólera, etc.

Para «aplacar o contágio» ouvimos esta invocação:

Em *lavor* do *Santissemo* Sacramento,
Estas palavras vou *alumiar,*
P'r'ó *contáij'* aplacar:
É' sou Marta, qu' a *Dê's hôis podi...*
Quêi confiar em mi'
Nã' *morrará* da *córrela-mór,*
Nêi d' *ẽimpidmia,*
P'ra sempr' *Amẽi.*

Este ensalmo, além de ser recitado nos dias em que se acendem as fogueiras votivas, costuma ser proferido ao levantar da cama e pode também exercer acção catalítica se fôr escrito num pedaço de papel e pregado, no interior da habitação, por cima do arco da *porta-da-rua* porque — di-lo o povo — é *pola* porta que a peste sempre entra...

AMULETOS

Estes supersticiosos e simbólicos objectos encontram-se nas crenças de quase todos os povos, ainda mesmo entre os das mais remotas eras da história do género humano.

O seu uso confere ao detentor, as mais extraordinárias *graças* e *virtudes* que imaginar se podem.

Presos ao pescoço por um fio de ouro, de prata ou de linha, ou pregados com um simples alfinete, ocultos no forro de qualquer peça do vestuário, são de uso corrente no Baixo Alentejo, como, de resto, em todo o país, encontrando-se ainda hoje em todos os lares, desde os mais humildes aos mais abastados.

Aqui deixamos uma ligeira notícia sobre cada um dos que se reproduzem na gravura da pág. 33—Fig. III—e que, segundo temos verificado, mais virtude conservam ainda na crença dos povos desta Província :

1. CORNICHOS — (n.os 3, 7 e 8).

São pequenos chifres, mais ou menos trabalhados, tendo um pequeno castão com argolinha e furo na base, para poderem pendurar-se.

O seu tamanho é variável, conforme o uso a que os destinam.

Nos campos que ostentam searas viçosas, nas *cabanas* dos pastores ou nas *malhadas* do gado, não raro se vêem chifres inteiros, de qualquer animal, sobre paus espetados no chão, ou pendurados em qualquer outro improvisado suporte.

As crianças usam-nos ao pescoço e os adultos, geralmente, pregados no forro da *jaqueta* ou *vestia,* do colete, etc.

Usam-se para evitar os maus olhados, os olhares de inveja, etc. A sua acção é meramente catalítica, de simples presença.

2. MEIA-LUA — (n.os 1. 4, 12 e 12').

Figuração da lua em prata, ouro ou cobre, tendo gravados nos rebordos, em ambas as faces, duas séries de pequenos pontinhos e no rebordo convexo, ou geralmente ao centro do arco, uma pequena saliência com orifício, para se prender.

O seu tamanho é variável e o seu valor artístico ou material está na razão directa do *gosto* ou das posses de quem a adquire.

Os n.os 12 e 12' são as duas faces de um exemplar antigo, em cobre, aqui um pouco reduzido e que foi recolhido em Barrancos pelo Rev.do Cónego Alfredo Augusto de Almeida, que no-lo ofereceu em Julho último.

Emprega-se, como já dissemos, para preservar as crianças dos *ataques* ou *doenças da lua*...
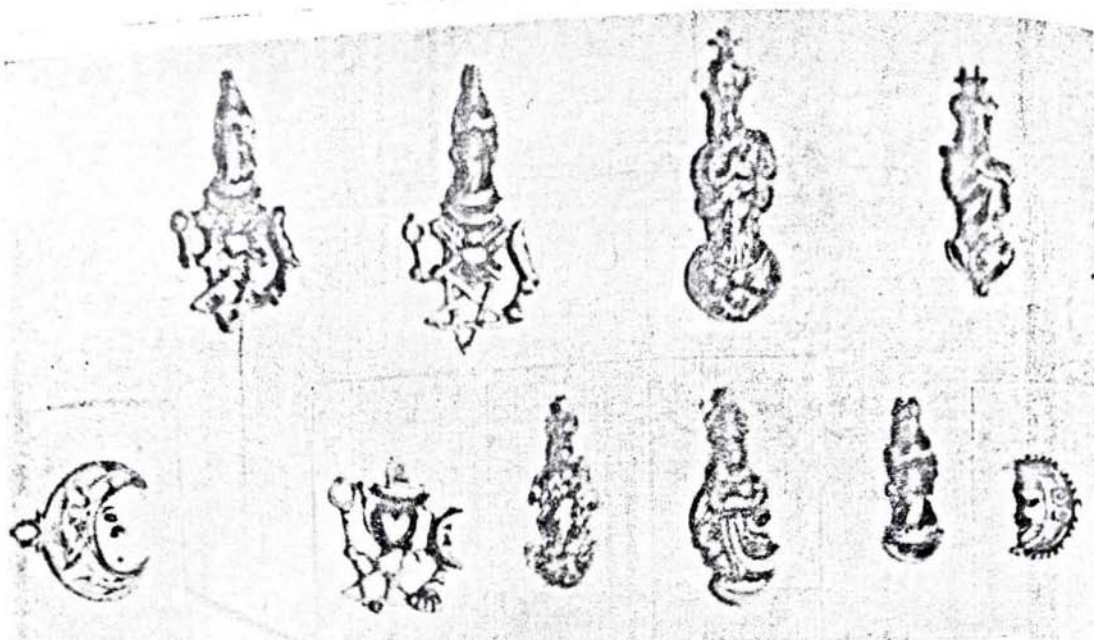
FIG. IV

Da esquerda para a direita e de cima para baixo :

1 — Misto supersticioso-cristão: Signo de *Saimão*, figa, meia-lua, coração trespassado por duas setas e chave — tudo encimado pela efígie de N.ª S.ª da Conceição. Tem alfinete, devendo ter-se usado em gravata. (Prata).

2 — Idem idem, com argola atrás para suspensão. Deve ter-se usado ao pescoço.

3 — Efígie de N.ª S.ª da Conceição, com a meia-lua aos pés. Tem atrás argola para suspensão. É de ouro, com o peso de 6,5 gramas.

4 — Efígie de N.ª S.ª da Conceição, com a meia-lua aos pés. Tem atrás argola para suspensão. É de ouro maciço, com o peso de 10,5 gramas. Pertence à Ex.ma Esposa do Prof. e Arqueólogo Abel Viana.

5 — Meia-lua, figa, signo de *Saimão* e chave. (Ouro). *Verso:* a mesma figuração, tendo mais uma estrela de oito pontas no *queixo* da cara da meia-lua.

6 — Signo de *Saimão*, figa, meia-lua, coração (sem as setas) e chave. (Prata).

7 — Efígie da Virgem Maria, com a meia-lua aos pés. Para suspender ao pescoço (ouro).

8 — Idem, idem. Ouro.

9 — Efígie da Virgem Maria — igual à que encima as figuras dos n.ºs 1 e 2, mas com argola por trás, para suspensão. (Prata).

10 — Meia-lua. (Prata).

NOTA — Os amuletos aqui reproduzidos pertencem, com excepção do n.º 4, à colecção de José Mendonça Furtado Januário — Beja.
Fotografia de Armando Raposo. — Arranjo de Joaquim Roque.

3. FIGAS — (n.os 1, 3, 4, 6 e 11)

Representação de mão humana, fechada de maneira que o dedo polegar vá sair entre o indicador e o médio.

O povo atribui-lhes o poder de evitarem os malefícios que as bruxas e feiticeiras *costumam exercer* sobre as crianças e, nomeadamente, os maus olhados, os olhares de inveja, os ataques da lua, etc.

São os amuletos mais conhecidos e mais usados, pois neles, precisamente, o povo deposita maior confiança...

Na sua falta costumam os adultos, ou as crianças, instigadas por estes, *fazer uma figa* com a própria mão, em ocasiões em que se sentem objecto de certos olhares estranhos... (45

Daqui, certamente, a expressão já consagrada: *meter figas* por *fazer*, *meter inveja.*

No seu fabrico empregam-se os mais variados materiais: pau de oliveira, ou de buxo, pau santo ou pau preto, osso, marfim ou azeviche, etc.. A de *azeviche*, segundo a crença popular, é a que reune mais virtudes...

4. SIGNO OU *SINO* DE *SAIMÃO* (SALOMÃO) (n.os 1 e 3)

E' formado por três triângulos, um deles com um lado comum a dois, colocados de tal maneira que os seus vértices vão tocar, interiormente, uma circunferência em cujo círculo se encontra o *signo.* Este forma no centro um pentágono e, dispostos em sua volta, cinco triângulos mais pequenos, provenientes do encontro dos lados dos três maiores.

E' feito de prata, ouro ou qualquer outro metal e confere ao seu possuidor, imunidade contra a acção malfazeja das bruxas, das feiticeiras e até do próprio demónio.

Parece que, nas práticas de feitiçaria e exorcismo, quando o executante pressente qualquer malefício ou resistência dos espíritos malignos, costuma riscar no chão um signo de Saimão e colocar-se dentro de um dos triângulos, pois assim não poderá acontecer-lhe mal algum...

5. CRUZ, ÂNCORA E CORAÇÃO — (n.os 2 e 5)

Vêem-se frequentemente associados estes três símbolos, constituindo um único amuleto, como se encontram reunidos a *meia-lua,* a *figa* e o *signo de Saimão* (n.os 1 e 4) ou o *cornicho,* a figa e o coração (n.º 3).

A *cruz* é o símbolo da fé cristã, cuja aplicação, aqui como noutras e bem mais sinistras práticas heréticas, se não estranha já, tão confundidas andam, desde há muito, com as *rezas* e *benzeduras* populares, os Sagrados Mistérios da nossa Religião!...

(45) — Alguns adultos, de um e outro sexo, *para evitarem que os seus negócios corram mal* quando, de manhã, encontram um *marreco*, costumam fazer uma *figa* com a mão esquerda e dizer:

«Golfinho, corcunda, que entortas *p'rà* frente, vai, vai d'ligente e *déxa-m'* em paz!
Golfinho, golfinho, *nã'* mais me *porsiga:* aí vai uma figa, nã olhes p'ra trás!
«Vai-te em nome de Maria Pandilha e de tod'a sua *familha* p'r' *àonde* nã' zangues
nêi a rico nêi a a pobre, nêi a nenguêi que o Céu cobre. Amêi»!

A âncora simboliza, aqui, a esperança em Deus ou a firmeza de ânimo para seguir o caminho da salvação que o povo julga poder atingir pela simples presença de tais objectos...
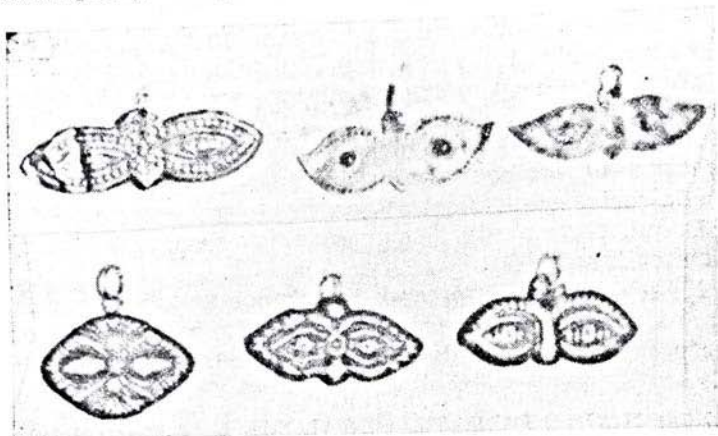
FIG. V

«*Olhos de Santa Luzia*», advogada das «*doenças da vista*» (Prata). São usados ao pescoço, como amuletos, para evitar a doença e, por vezes, oferecidos à Santa em cumprimento de promessa... pela cura.

O *coração* é o símbolo dos bons sentimentos — a caridade, a doçura e o amor — que se desejam incutir nas crianças.
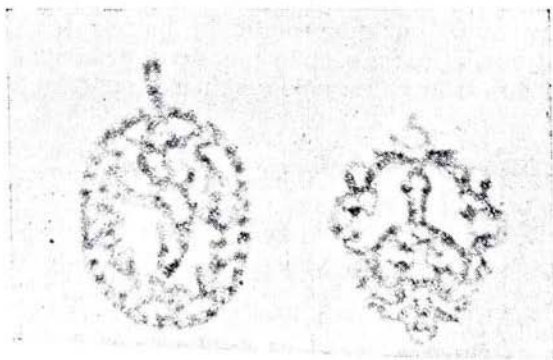
FIG. VI

1 — *Cupido*, com a seta em uma das mãos, arco em outra e enfeitado com grinalda de rosas. (Prata).

2 — Medalhão de Santo (Cristo Redemptor, Juiz Supremo?), também c/ grinalda de rosas. Des. tipo popular espanhol. (Prata).

6. CRUZ DE S. BARTOLOMEU E DE S. CIPRIANO

Temos ainda conhecimento da existência de outro amuleto, não tão vulgar como os já referidos, e que é conhecido pela designação em título.
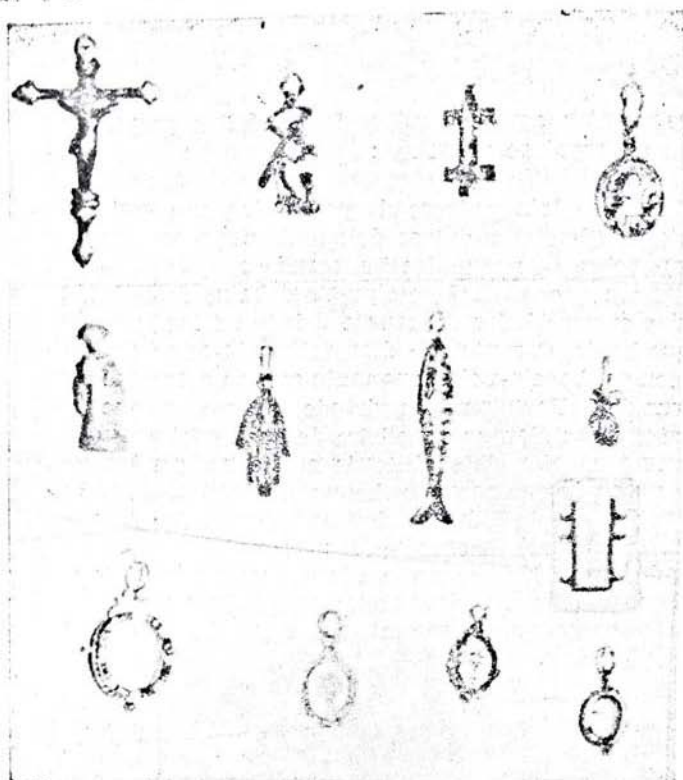
Fig. VII — AMULETOS, RELICÁRIOS E BENTINHOS

Da esquerda para a direita e de cima para baixo:

1.—Crucifixo antigo, em prata. (Formas muito imperfeitas).

2.—Senhor Jesus dos Passos. (Ouro. Peso 3 dgs.).

3.—Cruz dupla, em ouro. Desenhos gravados: — Instrumentos da Paixão: coroa de espinhos entre dois cravos (ao alto); escada (acompanhando o corpo ou haste maior); cravo e estrela de oito raios (em baixo);—*verso:* I H. S. (Jesus Hominum Salvator), nas três extremidades da Cruz, ao alto; lança com corte e lança com esponja, ensarilhadas e ligadas, ao centro; N. R. I. (Nazarenus Rex Iudeorum), nas três extremidades da Cruz, em baixo. (Peso 1,5 dgs.).

4.—«*San Iosep*» com o Menino Jesus nos braços. *Verso:* Assunção de N.ª S.ª ao Céu, impelida pelos anjos que a rodeiam. (Ouro. Peso 6 gramas).

5.—Pequena imagem de Santo António (séc. XVIII?) em marfim, com furo que a atravessa de um ao outro lado, para suspender ao pescoço.

6.—Palma da mão aberta e com vários desenhos em toda a superfície imitando pentes. Deve tratar-se de amuleto proveniente da crença na «arte de adivinhar o futuro pela pama das mãos» de que, sobretudo as ciganas, ainda por estes sítios fazem largo emprego. (Ouro).

7.—Peixe articulado (ouro). O peixe é frequentemente usado como objecto de adorno na arte popular. Desconhecíamo-lo, contudo, como amuleto.

8.—Mão, toda aberta, com alfinete para suspensão (ouro).

9.—Sacrário-ambulatório, para condução do Viático aos enfermos. Tem, dos lados, seis pernes com orifício, por entre os quais passa o cordão para suspender ao pescoço, de forma a ir sempre direito. Gravação: as iniciais I. H. S., com a cruz sobreposta ao H e, por baixo, três cravos. (Prata dourada).

10.—Relicário em ouro, com vidro de cristal e cravejado de diamantes. Peso 5.9 grs.

11, 12 e 13.—Idem, idem, (sem diamantes). Pesos, respectivos, 2.4 e 1.3 grs.

NOTA: Os objectos que figuram nesta gravura pertencem à colecção de José Mendonça Furtado Januário — Beja. Fotografia de Armando Raposo; arranjo de Joaquim Roque.

Os crentes em seus *miraculosos* efeitos preparam-no da seguinte maneira:

«Unem-se três pedaços de pau cedro, um mais comprido (a haste) e outros dois mais pequenos (os braços); cobrem-se com alecrim, arruda e aipo; coloca-se uma pequena maçã de cipreste debaixo de cada uma das extremidades da cruz e deixa-se ficar tudo em água benta, durante três dias, retirando-se ao fim desse tempo, à meia-noite, enquanto se reza a oração: — «Cruz de S. Bartolomeu, a virtude da água em que *estivestes* e das plantas e madeira de que és feita me livre das tentações do espírito do mal e traga sobre mim a graça de que gozam os bem-aventurados, +em nome do Pai,+e do Filho,+e do *'sprito* Santo, Amen.» (repete-se 3 vezes). A cruz assim preparada costuma ser usada num saquinho preto. Dizem que tem grande virtude, mas, para isso deve andar sempre bem oculta para não lhe darem algum olhado — o que lhe tiraria toda a eficácia...

• • •

Devem ainda considerar-se amuletos certas *arrelicas* muito do agrado e devoção do nosso povo, que as costuma usar em saquinhos, presas ao pescoço ou pregadas ao forro de qualquer peça do vestuário — medalhinhas (com carácter religioso cristão—, maioria — ou pagão), relicários, tabuinhas de Moisés, etc. — ver os das Fig. IV e V.

Os próprios *escapulários* ou *bentinhos*, preconizados ainda hoje pela Igreja Católica — de que na Fig. IX apresentamos alguns exemplares—devem em nosso fraco entendimento, ter origem na pagã e supersticiosa prática do uso dos amuletos, conhecidos nas civilizações orientais desde as mais remotas eras.

Os amuletos pagãos, como as «mascotes» modernas e materialistas, têm, para a maioria do vulgo, uma grande e importante *missão* a cumprir: a mesma que a Igreja atribui ao Anjo da Guarda!

Deve ser essa a razão por que o povo lhes consagra especial devoção e os usa com religioso respeito, como objecto de culto ou coisa sagrada!...
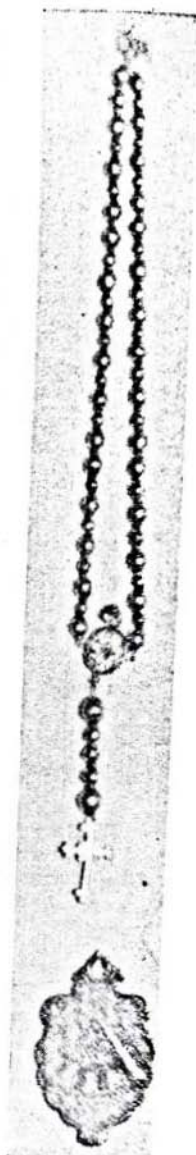
Fig. VIII
1. Terço do Rosário de N.ª S.ª (ouro). 2. N.ª S.ª das Dores com o Senhor Morto nos braços. VERSO. (gravação muito imperfeita e quase imperceptível) monograma de N.ª S.ª com as iniciais A. M. entrelaçadas (prata)
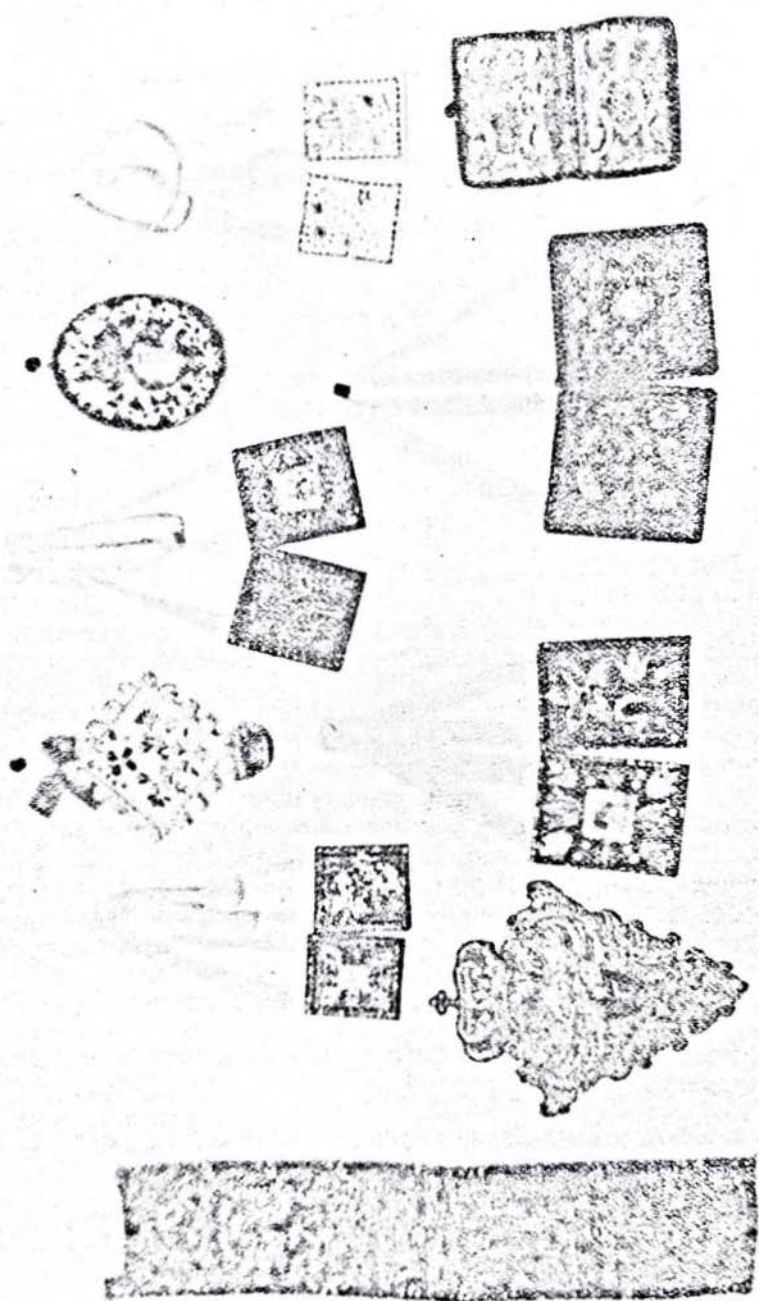
Fig. IX

BENTINHOS

(fig. IX)

Da esquerda para a direita e de cima para baixo:

1.—*Bracelete de lentejoulas, vidrilhos e canutilhos a fio de ouro.*

2.—*Escapulário de N.ª S.ª do Carmo, sobre fundo em cetim preto. Cercadura bordada a ouro, canutilhos de fio de ouro, lentejoilas e vidrilhos. À esquerda, no centro do primeiro quadrado, figuração da Virgem com o Menino Jesus no braço esquerdo e um escapulário pendente, na mão direita. O Menino segura também um escapulário na mão esquerda. Ambas as figuras estão coroadas. No segundo quadrado a cercadura é igual à do primeiro. Todo o espaço interior é ocupado por uma flor, igualmente bordada a fio de ouro, lentejoilas e um único vidrilho, facetado.*

3.—*Pregadeira (?) emdamasco de seda, bordada a matiz. Cercadura com renda a fio de prata.*

4.—*S. Francisco de Assis, chagado nas mãos, que seguram a cruz, ao centro do quadrado que se encontra à direita. Bordado a fio de ouro, canutilho, lentejoulas e vidrilhos — uns ovais e outros circulares, facetados.*

5.—*Coração de Maria, em redoma oval, com vidro fino, côncavo. Coração em cetim vermelho, tendo bordado a prata o monograma da Virgem com as iniciais A. M. entrelaçadas e encimadas por uma coroa. Sobre as flamas do coração, lírios brancos, bordados a prata. Cercadura e raios esplendorosos, sobre os quais assenta o coração, bordados a ouro.*

6.—*Escapulário de N.ª S.ª do Carmo. No quadrado à direita: figuração da Virgem coroada e com a meia-lua aos pés, pequena cercadura oval, tudo bordado a ouro, canutilho de ouro, lentejoulas, vidrilhos, e matiz.*

7.—*Coroa bordada a ouro, com as armas dos Carmelitas ao centro.*

8.—*Escapulário de N.ª S.ª do Carmo, bordado a ouro, canutilhos e lentejoulas.*

9.—*Escapulário de N.ª S.ª do Carmo, bordado a fio de ouro, canutilhos de ouro, lentejoulas e vidrilhos.*

10.—*Capa de livro de Missa: bordada a ouro, em canutilho.*

* * *

NOTA: Todos os objectos aqui retratados pertencem à colecção de José Mendonça Furtado Januário — Beja — Fotografia de Armando Raposo. Arranjo de Joaquim Roque.

COMO O POVO REZA...

Deixámos registadas, em *Alentejo cem por cento* (pág. 48), algumas orações que nas nossas aldeias mais costumam andar na bôca do Povo.

Para aqui as transportamos, completando-as agora com mais algumas que, em data posterior, fomos recolhendo da tradição oral:

PARA DE MANHÃ, AO LEVANTAR

Bendita sej' *à* luz do dia
E bendito seja *quĕi* na cria
Bendito sej' ô santo, ou a santa
De *quĕi* fôr *hôi'z'o sê'* dia.

P. N. A. M.

Ponh' os *mê's pèis* no chão
P'ra *mê'* corpo peç' um guia.
Encomendo-m' a *Dê's*
E à *Virja* Maria !

Anjo da *'nha* guarda
Mê' amig' e *companhêro*
Nã' te *quêras* apartar de mim
Leva-me sempr' a *bom fim*
Entreg' *à* minh' alm' *ô* Senhor
Porqu' Ele te fez *mê' gòrdador.*
Amĕi, Jasus, Mari' e *Jesé!*

PARA À NOITE, AO DEITAR :

Com *Dê's* me *dêto*
Com *De's* m' *âl'vanto*
Na graça de *Dê's*
E do 'Sprito Santo.

Nesta cama me *dêto*
Nã' *sê'* se m' *al'vantarê,*
Dêto-me *Jasus,* na vossa graça
Comungo na vossa *Lê'.*

Nesta cama me *dêtê'*
Nã' tenho por quem 'sperar :
Peç' a *Dê's Nó' Senhor*
Que me venh' acompanhar.

Nesta cama me *dêtê'*
Quatro anjos *encontrê'*
Dôj' ôs pèis, dôj' à *cabecêra*
E *Nó' Senhô'* na *dientêra*

Na presença de *Dê's tou.*
À *mã' d'rêta* de *Dê's*-Padre
Nó' Senhora m' acompanhe
Padre Sant' *Entóino* me guarde.

Anjo da *'nha* guarda,
Minha doce companhia
Me *gòrd'* esta noute
E *amanhĕm* tod' o dia.

Vinhe-me *dêtar*
E pus-m' a consid'rar
Que *reméido taria*
P'ra me salvar :
Vĕi no *mê'* anjo da guarda
Trouve-me por *guia*
Que fosse devota
Da *Virja* Maria.

Nesta cama me *dê'tê'*
P'ra *dromir* e descansar :
S' a morte me vier buscar
A *Virja* me venh' acordar
P'ra qu' *ê'* possa *dezer* três vezes :
Jasus, Jasus, Jasus me venha salvar...

Nesta cama me venho *dê'tar*
S' a morte me *vir* buscar
E *ê* nã' puder falar
Que o *mê' coraçã' s' alembre*
Jasus, Jasus, Jasus, p'ra me salvar !

Os sinos se tocam
A missa se diz
Os anjos a tocam
A Senhor' *àdora*
Bendita sej' *à* minh' alma
Que se *dêta* nest' hora.

Jasus ôs péis
Jasus à *cabecêra*
Jasus na bôca,
Jasus no *pêto*
Jasus na cama
Aonde m' *ê' dêto*
Credo! Credo! Credo !
Santo nome de *Jasus*
Aonde 'tá o santo nome de *Jasus*
Nã' acontece mal nem *p'rigo ninhum*
Sacratissemo, coração de *Jasus* (3 vezes)
Rogai *pro* nós (3 vezes)
Amẽi.

Com *Dê's* me *dêto*
Com *Dê's* m' *âl'vânto*
Quatro cantos tem a *'nha* cama
Quatr' anjos m' acompanham
Doj' ôs péis, dôj' à *cabecera*
E a *Virja Santissem'* à *dientera*

'Stando S. João e *Dóminus Dê's*
No Hôrto Novo de *Jarusalẽi*
Disse-*l'* o *sigundo* p'ra *sê' bẽi* :
—Desperta João qu' o dia *nã'* é bom.
—Senhor os *enemigos 'tão* em nós !
—Cala-te João, nã' temas
Qu' eles têm os olhos cegos
Têm os pensamentos *rudos*
As cordas do coração *cobradas*
Nã' m' *há-dem* ver a mim
Nẽi a ti, *nẽi* a *quẽi desser*
Estas palavras...

Em Roma se tóc' à missa
Jasu Crist' a vai *dezer*
Os anjos a *vã'* ouvir
Com *Dê's* e a *Virja* me *dêxo dromir.*

Esta casa tem quatro cantos
Quatro velas *à* arder.
Nossa Senhora m' acompanhe
S' *ê'* esta noute morrer !

Nossa Senhora me disse
Que me *dêtasse* e que *dromisse*
E que nã' *tevesse* medo
Nẽi da onda, *nẽi* da sombra,
Nẽi da unh' *encutinhada* (46)
Nẽi do pesadelo da mã' furada !
Valha-m' o *Santissemo* Sacramento
Que *tá* na Hóstia consagrada.

Nossa Senhora me disse
Fulano, vai-te *dêtar.*
—Senhora, já *tou dêtado*
Na *sipultura-da-vida* (47)
S' esta nout' *ê' tever* de morrer
Vinde-me, senhor' acordar,
Quatro coisas quer o *podir* :
Confissão, santa-*onção*
Com *ólio* bento... ... ...
Bendit' e louvado *sêje*
O *Santissemo* Sacramento.

Com *Dê's* me *dêto*
Com *Dê's* m' *âl'vânto*
Em *lavor* de *Dê's*
E do *Devino* 'sprito-santo.
Nossa senhora me cubra
Com o *sê' devino* manto
E s' *ê' bẽi* coberto for,
Nã' *tarê'* medo *nẽi tremor*
Peç' ó anjo bendito
P'la *vossa* graça e poder
Dos laços do *maldito*
Me *quêra dofender*

---

(46)—*Unha encutinhada* = figa — em vez de bruxa.
(47)—*Sepultura-da-vida* = cama

Bendita sej' *à* noutè
Com as 'sp'ranças do dia
P'ra qu' *ê' seje gòrdado*

P'lo Filho da *Virja* Maria
Padre-Nosso e *Avĕi* Maria,
Ofer'cid' em *sé' lavor...*

QUANDO SE ENTRA NA IGREJA

Dé's te salve casa santa
Que por *Dé's fostes* criada
Onde *'tá* o cálix bento
E a Hóstia consagrada.

Venho tomar água benta
Por cima dos *mé's pocados*
P'ra que à hora da *'nha* morte
Sêjem todos *pordoados !*

Na casa de *Dé's ê'* entro,
Na casa de *Dé's* me sento
Venh' entregar a minh' alma
Ô *Santissemo* Sacramento. (48)

Aqui m' *enjoelho*
Aqui m' *ar'pesento*
Diente de *Dé's*
E do *Santissemo* Sacramento (48)

Q'ando nest' *Engrêij' ê'* entro
Parece qu' *ê'* entro no Céu
Aqui venh' *àdorar*
O que *tá dobàxo* do véu.
O que *tá dobàxo* do véu.
Sã' três cravos *foloridos*
Venh' os *àdorar*
Por os ter *ofendidos...*

PARA A MISSA

Lá se toc' á Missa
Os anjos a *adora*
Vá minh' alm' ouvi-la
Qu' *ê'* nã' poss' agora.

S' ouvir's tocar à Missa
Larga tud' e vai a ela,
Q'ando dizem *santos, santos,*
De'ce Dé's do *Cé'* à Terra.

S' ouvir's tocar à Missa
Vai *dopress'* e com cuidado,
Que *drento* do cálix e da Hóstia
Tá' Jasus Sacramentado.

Dé's te salve lua redonda,
Narcida da *folor* da palma

Dé's me *dêi* parte na Missa
E salvaçã' *prà* minh' alma.

Ê' hê-de morrer
Fazer *tostamento*
Dêxar a minh' alma
Ô *Santissemo* Sacramento.

(Quando o Padre aparece para dizer a Missa :

Vinde, vinde, *cavalêr'* honrado
Com as armas de Cristo *vens armado*
Porsinal (49) a mim, *porsinal* a ti
Bendita sêj' a hora
Em qu' *ê'* pr' àqui *entri.*

QUANDO SAI O SAGRADO VIÁTICO

O *Sacráiro 'tá* aberto
O Senhor vai *sair fora*

Bendita sej' *à* alma
Que vai entrar na *glóira*

---

(48) in *Alentejo cem por cento*, Beja, 1940.
(49) Persignar; enquanto dizem aquelas palavras, benzem-se.

QUANDO SE SAI DA IGREJA

S'm me vou... nã' me vou...
A minh' alma sempre fica
Todos *samos* obrigados
A fazer esta *vesita*.

Est' água bent' *ê tômo*
P'ra livrar os *mê's pocados*
À hora da 'nha morte
Sejom todos *pordoados*.

« PADRE NOSSO PEQUENINO »

Padre-Nosso *piquinino* (50)
Tem *na* chave do *Monino*
Quĕi la deu *quĕi la* daria,
S. Pedro, Santa Maria.
Cruz em monte, cruz em fonte
Mê' pocado nã' encontre
Nĕi de noute *nĕi* de dia.
Nĕi à hora do *mei'*-dia,
Já os galos *cantom*
Ja os anjos s' *alovantom*
Já o Senhor subi' à Cruz
Para sempr' *Amĕi, Jasus* :

Dois *injinhos* leva *drento*
Nós' Senhor *pro* capitão
Já lá vai de barr' *em-fora*
E as batalhas *lovarão*.

Variante :

Padre-Nosso *piquenino*
Q'ando *Dê's* era *Monino*
Todo o *sangue le* corria
Polos péis e *polas* mãos;
Veio Santa Madalena
Com 'ma toalha na mão
Pr' *àlimpar* o *Monino*...
E o *Monino le* disse :
Nã' m' *alimpes* Madalena
Nã' me *quéras àlimpar*
Qu' estas *sã'* nas cinco chagas
Que por mim *hã-dem* passar.
Alevantarom-s' as três Marias,
Numa noute de luar,
À *precura* do *Monino*
Nã' no *puderom* encontrar
Forom-no encontrar em Roma
Rovestido no Altar.
Missa Nova quer *dezer*
Missa Nova quer cantar
Quĕi queser ver 'ma barca bela
Vá-se *dê'tar ô* mar...

...Outra variante :

Padre Nosso *piquinino*
Q'ando *Dê's* era *monino*
Qu' andava por esses mares
Vesitando os *sê's* altares
Encontrou a Madalena
Com cem varas de rigor (?)
Par' *alimpar* o Senhor :
Tapa, tapa, Madalena,
Nã' me *quê'ras àlimpar*
Qu' estas *sã'* nas cinco Chagas
Que *pro* ti *hã-dem* passar.
Já os galos pretos cantam,
Já os anjos s' *al'vantam*
Já o Senhor *subi'* à Cruz
P'ra sempr', Amĕi, *Jasus*.

...Ainda outra :

Padre nosso *piquinino*
Q'ando *Dê's* era *monino*
E andava por o mar
Com três Marias a par,
Uma *er' à* Madalena,
Outra *er'* à *Solamĕi*,
Outra *er' à* sua Mãe,
A 'sposa de São *Josĕi*.
Prometerom andar descalças
Vestidinhas de burel
P'r' alcançar as cinco chagas
Do *devin' Emanuél*

(50) *Alentejo cem por cento*, pág. 51—Beja, 1940.

Emanel *lá* no *breço*
Embalado por S. *Jesêi*
E os anjos *'tão* cantando :
Glóri' à ti, *Dominêi !*

...e cutra :

Padre Nosso *piquinino*
Tem na chave do *monino*
Set' *injinhos* vã' mais Ele.
Em sete livros a *razar*
Sete *candê'as à 'lumiar*
O Senhor é *mê'* Padrinho
A Senhor' é 'nha Madrinha.
Que me fez a cruz na testa

P'ró demónio nã' chigar
Nêi de noute *nêi* de dia,
Nêi no *pino* do mêi'-dia.
Já os galos *cantom*
Já os anjos s' *alevantom*
Já o Senhor *subi'* à Cruz
P'ra sempre. *Amêi, Jasus !* .

...mais cutra :

Padre Nosso *piquinino*
Arca do santo *sacráiro*
Minha mãe, minha senhora
Virja Santa do *Rosáiro*

«PADRE NOSSO DA PALMA»

Padre Nosso da Palma
Onde *Dê's* fez corpo e alma
Do Ceu fez as estrelas,
Do mar fez as areias
Atrás daquel' altar

'Stá 'ma pedra *menistral*
Dá em mim, dá em ti,
Dá em Maria Juliana (?)
Nã' dês naquela *pedra Luzia* (?)
Nunca quis crer, filho da *Virja* Maria.

NOTA: «Quem esta oração *razar* quatro vezes no dia, quatro almas tirará das penas do *pergatóiro:* a *pormêra sará* a sua, a *sigund' à* de *sê'* pai, a *torcêr' à* de *su'* mãe e a quarta a de *quêi* ma's *queser*. P'ra sempr' *Amêi*».

Variante, pela qual se podem corrigir algumas *corruptelas* verificadas na anterior :

Padre Nosso da Palma
Dê's fez corpo, sangu' e alma
Fez o Céu, fez as estrelas
Fez o mar, fez as areias...
Lá atrás daquel' altar

Tá' 'ma pedra *menistral*
Dá a mim e dá a ti
E nã' naquela *pérra-Judia*
Que nã' quer' o Filho de *Dê's*
Nêi da sempre *Virja* Maria...

« SENHOR DO HORTO »

Senhor do Horto
Fostes preso e *fostes* morto
Perdoai!—A *minha* morte
Foi tão cruel e tão forte.
Perdoai os *mê's pocados*
Forom todos *av'riguados*
Ós péis do *mê'* confessor
Nã' nos pude dar confessados,
Confess'-os a Vós, Senhor,

P'ra saber *q'ont'* eles são
P'ra qu' a minh' alma nã' se perca
Nêi ê' morra *sêi confessão*.

Variante :

Ó Senhor do Horto
Fostes vivo e *fostes* morto,
Perdoai-m' o *mê' cruel tã' forte* (?)

Perdoai-m' os *mê's pocados*
Que sã' tantos e *enrados;*
Ôs pêis do *mê'* confessor
Nã' nos pude dar confessados.
Mas confesso-m' a vós. Senhor,
Por nã' saber *q'ontos* eles *sã'*
Dai-me nesta vid' *à* paz
E lá na outra a *salvaçã'*

Outra :

Ó *Jasus* da minh' alma
Jasus do *mê'* coração
Ouvi-me de *penitẽiça*
Dê'tai-m' *àbsolvição.*
Perdoai-m' os *mê's pocados*
Bẽi sabeis quais eles são
Dai-me nesta vid' a graça,
E, lá na outra a salvação.

« ORAÇÃO ÀS CINCO CHAGAS »

Endorinha gulriosa (gloriosa)
Tã' *fremosa* com' *à* rosa
Q'and' o Senhor aqui *narceu*
Tod' o Mund' *escalrreceu* (enclareceu)
Mal o *hajom* nos Judê's
Que *matarom* Nosso *Dê's* !
Se *matarom* ò nã' *matarom*
Tat-tat, Madalena
Nunca *dêxes* d' *àlimpar*
Qu' estas *sã'* nas cinco Chagas
Que por nós *hã-dem* passar !
Sub' arriba àquele *oitêro*
Que lá *tá* um perro moiro
Prècura-le s' el' é cristão
S' ele *desser* que não
Puxa-*le* p'lo *tê'* cutelo
E, *arrenca-l'* o coração.
Ó cutelo tã' *bẽi* 'stimado
Adonde fostes baptizado ?
—Na pia de S. João...

Quem est' oração *razar* ganhará
tantos *pordões* com' o céu tem
d' estrelas, o mar d' areias
e o campo de folhas verdes.
Quem na souber que a diga,
Quem na ouvir que a aprenda...
Lá no dia do juizo
Ouviremos esta contenda...

Variante :

Endorinha gurliosa
Tã' *fromosa* com' *à* rosa
Q'ando *Dê's* aqui *narceu*
Tod' o mund' *enquelàreceu.*
Pastorinho do Bom-Dia,
Vistes por *'qui* passar
O Filho da *Virja* Maria ?
—Êle por *'qui* passou
(Mêa noute *saria)*
Com sê' livrinho na *mã'*
Razand' a su' *òraçã'...*
—Qu' òraçã' *saria ?*
—A *òraçã'* do *pelengrino*
Q'ando *Dê's* era *Monino*
Que *subi'* ô *sê'* altar...
Estas *sã'* nas cinco chagas,
Que por ti *hã-dem* passar...
Vai-t' *àlẽi* àquêle castelo
Qu' *àlẽi tá* um moiro *pérlo* (perro)
Prècura-le s' èl' é *cristã'*
S' êle te *desser* que nã'
Puxa-*le* pelo *tê'* cutelo
E corta-l' as *linhas* do coraçã'...
Ó cutelo *tã' bẽi* 'stimado
Aonde fostes baptizado
Na pia de S. Joã'
P'ra ficar d' *arreliques*
Ó Márt'le (mártir) S. *Sabastiã'* !...

Variante, para livrar de cães danados... e de outros males :

Endorinha gurliosa
Tã' *fremosa* com' *à* rosa
Q'ando *Nó'* Senhor *narceu*
Tod' *à* Terr' *escarleceu*

O anjo S. *Grabiel*
Com *sê'* livro na mão,
Razand' um' oração,
Oração do *pelegrino*

Q'ando *Dê's* era *monino*
Pós o *péi* no *sê'* altar
A cabeç' em *sê'* lugar
Cala. Cala. Madalena
Nã' t' apures d' *àlimpar*
Qu' estas *sã'* nas cinco chagas
Que por *'qui hã-dem* passar.
É', m' encomend' à Cruz.
A *verdadêra* Cruz de Maio.
E a S. *Remão de coronado*
E *tamêi* por *coronar*
Dê's me livre de cães *danados*
E *tamêi* dos por *danar*
D' homem morto, *má'* encontro
D' homem vivo, *má'* p'rigo
S. *Remã' sêj'* a 'nha guarda
E Sant' *Entóino* o *mê'* amigo.

Dê's me *quêra* livrar
De cão danado, por danar
Homem morto, *má'* encontro,
Homem vivo, *má'* p'rigo
S. *Remão sêje* comigo
E Sant' *Entóino mê'* amigo.

Outra variante :

Senhor S. *Remão*,
C'roado, por c'roar
Tem os *péis* em Roma
E a cabeç' em Portugal.

Mais uma variante :

É' m' encomend' à Luz
E *ó* Rêno da Vera Cruz
E à *Santissema* Trindade
E *ó* glorioso Senhor S. *Remão*
Que tem nos *péis* em Roma
E a cabeç' em Portugal.
Ele me *quêra* livrar
De cão danado e por danar
De bicho achado e por achar,
D' homem morto, mau encontro,
D' homem vivo, mau *prigo*
S. *Remão sêje* comigo .
E Sant' *Antóino*, *mê'* amigo,
Me livre de tod'o *p'rigo*.

« RESPONSO DA PAIXÃO »

Goivos santos, goivos santos,
Três dias *entes* da Páscoa
Andav' *ó Rêtor* do Mundo
E por *sê's descipos bràdava.*
Chamou-os de um em um,
De dois em dois se *ajuntava*
A *cê'a-do-galo les* dava.
O Senhor *les prèguntava*
Qual deles havia de ser
Que por ele havia de morrer
Uns *p'rós* outros *olhava*
A todos *les* tremia a barba.
Se *nã'* fosse S. João Baptista...
Lá virá outro dia
Que *Jasus* Cristo caminhava
Pola rua d' Amargura
Com um *Curzêr'* às costas.
De *madéra tã' posada*
Com um cordel na *greganta*
Por onde os judeus *puxavom*
Cada puxão que *le davom*
O Senhor *ěijoelhava*
Poças de sangue *dêxava.*
Naquele monte *Calváiro*
Três Marias a chorarem:
Um' era a Madalena.
Outr' *à* Madre *su' ermã*
Outr' er' *à Virja* pura
Que mil dores passava.
Um' *àlimpav' ós péis*
Outr' *àlimpav' às* mãos
E outr' *alimpava* o sangue
Que *Jasu*-Cristo *dorramara*.

Quem esta oração *razar*, um ano continuado, tirará quatro almas das penas do *pergatóiro:* a *pormêra sará* a sua a *sigunda* a da sua mãe, a *tircêra* a do *sê* pai, a quarta de quem *Dê's quêra*.

« ORAÇÃO DE QUINTA-FEIRA DE PAIXÃO »

Quinta-*fé'ra* d' Endoenças...
Sou a Sant' Humanidade,
Corrê' o Senhor tod' *à* cidade
Com o grande peso da Cruz
No caminho *le* faltou a luz
O sol s' *escur'ceu*
O Filho de *Dê's* morreu,
Morreu p'ra nos salvar
Um homem o viu passar
Pola Rua d' *Amargura*
Em *companha* da *Virja* Pura...
Cada passada que dava
Sê' joelh' *ēijoelhava*
E o sangue *sê'* cabel' *ensopava*
E S. João *l'* ia *dezendo:*
O' *mê'* Mestr', ó *mê* Senhor,
Quẽi éi essa mulher
Que vai na via *delorosa,*
Éi Santa Maria Madalena
Qu' acompanh' *ô* Salvador
A caminho do *calváiro*
Como *verónеca* do *Sudáiro*...

...outra :

Quinta-*fé'ra, pola* luz.
Puserom no Senhor na Cruz.
Disse Pilatos a *Jasus:*
—Tremes tu, ou treme a Cruz?
Nã' treme nem *tromerá*-...
Quẽi est' oração *razar*
Um ano *di'* à dia,
Su' alma salvará !...

...ainda outra :

Senhor *ê'* convosco vou
E convosco quero ir
Três coisas quero *podir:*
Paciência de Jó,
Confessão de Madalena
A vossa *devina* Graça
P'ra morrer e viver *bẽi.*

..e outra :

Jasus éi Credo. *Jasus éi* Verbo.
Sã' nas palavras do Sant' *Éivengelo!*
Dê's que nos fez, *Dê's* que nos criou
S. João que nos baptizou.
Cruz de *Jasu* Crist' aqui
'Sprito Maldito, *fuge* daqui.
E *guiã'* (?) por vencedores
Campos da *Galilea*
Alui... Alui... (Alèluia!)

« ENCOMENDAÇÕES »

Eis algumas orações que a crença popular considera quase infalíveis e com as quais se pretende evitar que *alguém nos* possa fazer mal, quer este seja de ordem física, quer moral.

«ENCOMENDAÇÃO A JESUS»

E' m' encomend' a *Jasus*
E à sua *Santissema* Cruz
E ô *Santissemo* Sacramento
E às três *arrelicas* que lá *tẽi drento*
E às três *Possoas destintas*
Da *Santissema Trendade*
E às três Missas do Natal
P'ra que *nã' haje nenguẽi*
Que me possa fazer mal.
Dê's me livre de *má'* lobo e de má loba
De *má'* cão e de má cadela
De má' homem e de má mulher
E de todos os p'rigos ruins qu' *hòver.*
D' homem morto, *má*, encontro
D' homem vivo, *má'* p'rigo...
E *Jasus*, e *Jasus* e *Jasus têje* comigo
Pás-tè, Pás-tè Pás-tè!... (51)

Variante :

E' m' entreg' a *Jasus*
E à sua *Santissema* Cruz

(51)—*Pás-tè:* Pax tecum—fórmula canónica: a paz esteja contigo.

E ô *Santissemo* Sacramento
E às três arrelicas que lá *tẽi drento*
E às três missas do Natal
P'ra que *nã'* m' aconteça *ninhum* mal.
Maria *Santissema* 'steja sempre comigo
O anjo da *'nha* guarda me *górde*
E me livre das *astuiças* do *demóino*
Padre-Nosso e *Avẽi*-Maria.

NOTA: Segundo a crença popular, esta oração foi usada pela Princesa Clotilde que com ela venceu todas as tentações do feiticeiro Cipriano (depois S. Cipriano) para a arrastar ao pecado. A Princesa ensinou a «oração» a Cipriano' convertendo-o, depois, à fé cristã...

Outra :

Jasus vivo, *Jasus* morto, *Jasus curcecado*
Acompanh' o *mê'* corp' e a 'nha alma
E tud' *à-roda* do *cercado* (52)
Gòrdou as chagas de *Nó'* Senhor
Jasu Crist' *Amẽi*

Outra :

Mê' Fulano (53), tu *p'ra* fora *saistes*
Com as armas de *Dê's vás àrmado*
Com o *lête* da *Virja* Maria *borrifado*
O *tê'* corpo vai *envulto* (envòlto)
P'ra que nã' *sêjes forido nẽi* morto
Nẽi tê, sangue *dorramado*
Nẽi tê' corp' acutelado
Que *sêjes tã' bẽi gòrdado*
Assim como S. Francisco
Gòrdou as chagas de *Nó'* Senhor

Variante :

F... tu p'ra fora *saistes*
Com as armas de *Dê's vás àrmado*
Com o *léte* da *Virja* vás *borrifado*
Com o manto da *Virja vás* envolto,
P'ra que nã' *sejes forido nẽi* morto
Nẽi tê' corp' acutelado
Nẽi o *tê'* sangue *dorramado*
Que *sejes tã' bẽi gòrdado*
Com' o Padre S. Francisco
Gòrdou as *«almas»* (atrás vimos *«chagas»*)
Do *mê'* Senhor *Jasu* Crist' *Amẽi*.

«Rezam-se três *Avẽi*-Marias e três Padre-Nossos, *of'recidos ô* Senhor Sant' *Ênofre*, que se fez surd' e mudo, p'ra que *gòrd'* o *mê' Felano* de todos os *prigos* e que m'o tragu' *ẽi bẽi* à *'nha* casa e q' and' *ê' dezer* est' oração me declar' em sonhos s'*éi* vivo, s'*ẽi* mort' *Amẽi*».

Está bem de ver que esta *oração* é rezada quando algum ente querido sai de casa com demora, em negócios ou por qualquer outro motivo.

A velhota, de cuja boca a ouvimos, declarou-nos tê-la rezado todos os dias, por um seu filho que esteve ausente em França, durante a primeira guerra mundial — 1914-18.

...mais outra :

Jasus! Jasus! Jasus!
Pormita Dê's
Qu' estas palavras tã' santas
Qu' elas vã' parar
No *coraçã'* do *mê' Felano*,
Que se *vã'* encravar,
P'ra qu' ele *nã'* possa *tar nẽi* parar
Nẽi dêtado, nẽi àl'vantado
Nẽi dromindo, nẽi acordado
Sẽi comigo vir falar...
Vinde já... vinde já... vinde já...
Mais *dopressa* que *doragar*

(52) — Cercado — Casa de habitação e todas as suas dependências e quintal. *Tud' à-roda do cercado* — tudo o que está dentro dos muros, em casa ou no quintal: pessoas, animais e haveres (em géneros ou em dinheiro — *teres, cabedais*).

(53) — Nome da pessoa que se quer *encomendar*.

Padre Nosso e Avẽi Maria
Em favor de *Dé's* e da *Virja* Maria
Amẽi.

...e outra :

Mê' Fulano tu *vás pra fora*
Quêra Dê's que *saltes*
No bem *di'* e na *bó'* hora
Nossa Senhora te guie
Padre Sant' *Entóino* te gòrde

E a cruz da *Devendade*
E as três *Pessoas Devinas*
Da *Santissema Trendade.*

...ainda outra :

À (ou *na*) presença de *Dê's vás*
Á mã' *drêta* de *Dê's* Padre
Nossa Senhora te guie
Padre Sant' *Antoino* te *garde.*

«ENCOMENDAÇÃO A S. SILVESTRE»

Ê' m' encomend' a S. *Selveste*
E às onze camisinhas qu' ele veste
E *òs sê's enginhos* trinta e sete
P'ra que corte a cabeç' à *serpe*
E a língu' *ô lião*
E os braços e as pernas
Àqueles e àquelas
Que contra mim são!...

Variante :

Ê' m' encomend' a S. *Selveste*
E às três camisinhas qu' ele veste
E às três missas do Natal
E às três pedras do altar
P'ra que *nã' haje homẽi nẽi* mulher
Nem *astúiça ninhuma* do *demóino*
Que me possa fazer mal.

outra :

Encomendo-m' a S. Silvestre
E às três camisinhas qu'ele veste
E às três pedras do altar
E às três missas do Natal
Que não haja homem ou mulher
Que me possa fazer mal.

« ENCOMENDAÇÃO DUMA ALMA »

Esta noute, noute escura
Noute de tã' grande *tromento*
Morrê' 'ma alma *pocadora*
Sem *arroceber* o *Santissemo* Sacramento.
Despede-t', ò alma, do corpo
Vai *vesitar* a *Facha devina*
Vai dar contas a *Dê's*
Da sua Santa Doutrina.
—Vinde, vinde, Senhor,
Qu' *ê' vesitar Vós* venho
Venho dar contas a *Dê's*
Da sua Santa Doutrina.
—Vê *lá* o que *fezestes*
Lá na tua longa vida
Nã' t' *alembrastes* de mim
Senã *despois* de *pordida.*
Dêxê-t' os *mê's juns* :
Sempre t' *achava* comendo.
Dêxê-t' as *bias sacas* (via sacra)
Sempre t' *andavom* 'squecendo;
À *uma* (54) q' *ond'* ias *p'rá* Missa
Nunca ias contente;
Entr' a *Hosti'* o Cális
Sempre t' achava *dremente.*
Agór' irás penar no *enferno,*
alma, *p'ra* sempre!
—*Vala*-m' a *Virja* sub'rana
Qu' *ëi* sempre *Virja* Maria:
Vèi t'rar esta alma
Duma tã' grand' agonia...
(*Ap'raceu* Nossa Senhora
Com as suas contas na mão
Razand' a su' *oraçã'*):
—Ó Filho *mê'*, tã' amado

(54) — Além disso... Por outro lado.

Polo lête que *bobestes*
Polo sangue que darramastes
Acód' àquela alma
Porque se *tá perdendo...*

—*Pro* mandado da *'nha* Mãe
Irê' já correndo...
—*Sã' Meguel, pés'* às almas
E *dá pês'* às balanças...
Os *pocados erom* tantos

Qu' a balanç' ia *ô chã'...*
Pôs Nossa Senhor' *ô sê'* manto
Ficou um *pês' is'çolente...*
Na graça de *Dê's* e da *Virja* Maria
Ficou aquel' alma *bẽi* contente...
Quem est' *òraçã'* souber qu' a diga,
Quem na ouvir *quá* aprenda
Lá no dia do juizo
Tará com que se *dofenda...*

Esta oração costuma dizer-se, como encomendação, quando alguém está em passamento, prestes, por isso, a comparecer na presença de Deus, para ser julgado pelos bons ou maus actos que praticou. Parece-nos estar incompleta ou melhor, truncada aqui e além. Porém quem no-la recitou não conseguiu arrancar à memória, já gasta pelos anos, as palavras que nos parece faltarem...

«ORAÇÃO DO JUIZO FINAL»

Munta coisa s' há-de ver
Lá no dia de Juizo
Mas nã' nos há-de valer
Nẽi teres, nẽi honras, *nẽi àtorizo* (55)
A mesma terra qu' *ê'* piso
Contra nós há-de ser...
(Mas vou fazer 'ma relaçã'
Daquilo que me nã' *prècuram*)
Té s' *abrirã'* nas *sipulturas*
Naquele dia final...
Russitarã' nos *homes*
De carn' *hòmana festidos*
P'ràs contas qu' havemos (de) dar

Dos *pocados* que temos *prometidos* (cometidos)
O' triste d'alma que nesse dia
Mais peso tever...
Lá virá o *Satanás*
Fêto demóin' ou *dragã'...*
Vem pesar a alma de marid' e *menher...*
Lá virá S. *Matê's* òlhando *prôs* lados
—*Venhom* cá filhos *mê's*
Nã' *prometom* (cometam) mais *pocados*
Lá no val de *Lucifélo*
Se *dã' j'midos* e dores
A lua sem ter luares,
E o Sol sem ter *resplendores...*

« ORAÇÃO DO JUSTO JUIZ »

Justo Juiz *dovenal*, Rei dos reis.
Salvador dos *pocadores*
S' alguma briga s' armar
Hé-d' acudir e *desapertar !*
Se nã' me *quesérem òb'decer*
Hé-de *forir* e matar !
S' a justiça me vier prender: (56)
—Homem, que trazes contigo
Qu'ê' nã' te posso prender !...

—*É'* trag' um Senhor,
Justo Juiz *dovenal*
Com as armas de S. *Jorz'* (57) and' armado,
Com o *lête* da *Virja* ando *borrifado*,
F'ra qu' as 'nhas carnes nã' *sejem* presas
Nẽi mê' sangue *darramado.*
Valha-m' o Padre, valha-m' o Filho,
Valha-m' o *Sprito* Santo, *Amẽi.*

---

(55) — *Autorizo: autoridade, mando*, isto é, o facto de se ser autoridade, de governar...

(56)—Pelo sentido dos dois versos seguintes parece faltar, aqui, qualquer palavra — «dirá» — por exemplo: «Se a Justiça me vier prender» dirá: «Homem que trazes contigo»...

(57)— Segundo a tradição popular, S. Jorge morreu montado no seu cavalo, mas de morte natural, pois nunca os seus inimigos puderam vencê-lo... Daqui a invocação — «com as armas de S. Jorge ando armado»...

Variante :

Com as armas de S. *Jorze vás* armado.
Com o *léte* da *Virja borrifado*
O sangue de *Jasu* Cristo *'têje* no *tê'* corpo
Qu' ele nã *séje forido nëi* morto
Nëi *tê'* sangue *darramado fora* do corpo
Tu por *i* andarás "
Bons e maus encontrarás
Os bons por ti passarão,
Os maus de ti fugirão.
Tê' corpo *sêje gôrdado*
De nout' e de dia
Como Cristo foi *gôrdado*
No ventre da *Virja* Maria

Outra variante :

Justo Juiz de *Nazaréi*
Filho da *Virja* Maria
Qu' *ëi Bolëi fostes narcido*
Entr' a(s) *indolatria(s)*
É' vos peço, polo vosso sexto dia
Que *mé'* corpo nã' *sêje* preso,
Nëi forido, *nëi* morto,
Nëi nas ondas do mar envôlto!... (58)
Pás-tè, Pás-tè, Pás-tè!... (Pax tecum).
Cristo assim disse *ôs sês decipos :*
S' os *mé's ëmigos* vierem p'ra me prender,
Tarã' olhos e *nã'* me *virão*
Tarã' ouvidos e nã' m' ouvirão
Tarã' bóca e nã' me falarão !
Com as armas de S. *Jorze soré'* armado,
Com a 'spada d' Abraão *soré'* coberto,
Com o *léte* da *Virja* Maria *soré' borrifado*
Com o sangue do *mé'* Senhor *Jasu* Cristo *soré'* baptizado
Na arca de Noé *soré' âr'cadado*
Com as chaves de S. Pedro *soré'* fechado
Onde nã' me *possom* ver, *nëi forir* nem matar,
Nëi no sangue do *mé'* corpo *dorramar!...*
Tamëi vos peço, Senhor,
Por aqueles três Cális bentos,
Por aqueles três padres *rovestidos,*
Por aquelas três Hóstias consagradas
Que consagrastes no *torcêr'* dia.
Desde as portas de *Belëi* até *Jarusalëi*
Que com prazer e alegria
É' sêje tã bëi gòrdado
Tanto de noute como de dia.
Assim com' andou *Jasu* Cristo
No ventre da *Virja* Maria.
Dé's adiente, paz na guia.
Dé's te *dëi* a companhia
Que deu à sempre *Virja* Maria
Desde a Casa Santa de *Belëi*
Atéi Jarusalëi.
Dé's éi tê' Pai
A *Virja* Maria tua Mãe;
Com as armas de S. *Jorze sorás àrmado,*
Com a 'spada de S. Tiago *sorás gôrdado*
P'ra sempr' *Amëi.*

mais outra variante :

Justo Juiz *dovenal*
Rei dos reis, Senhor dos senhores
Salvador dos *pocadores*
S' alguma briga contra mim s' *àrmar*
Dé's m' há-d' acudir e apartar
E *ôs* que nã' *queserem òbdecer*
Há-de *forir* e matar.
E. *despois* de *môrtos* e *foridos*
Mé' corp' há-de apartar
E a justiça m' há-de *tomer*
—*Homëi*, que trazes contigo
Qu' *é'* nã' te posso prender ?
—*É'* tragu' em minha *companha*
O Justo Juiz *dovenal* que m' há-de valer...
As 'spadas se *cobravom*
No *mé'* corpo nã' *entravom*
As pedras *pr'ai iom*
No *mé'* corpo nã' *buliom*
Vai-te daqui *ënemigo*
Nã' me *quêras adregar*
Qu' *é'* tragu' em minha *companha*
O Justo Juiz *dovenal* que m' ha-de salvar.
Valha-m' o poder de *Dé's*
A pureza da *Virja* Maria

(58)- Outras vezes ouvimos: «*Nëi* nas mãos da Justiça envôlto!

A fortaleza da *féi*
Justo Juiz *dovenal,*
E as pessoas da *Santissema Trendade,*
E *Jasus* e Maria e *Jeséi.*

«ENCOMENDAÇÃO A SANTO ANTÓNIO»

Bento *Entóino,* Santo de Páduа
Que vosso pai e vossa mãe *gòrdastes*
E a vosso pai livrastes
Todas as coisas *pordidas* achastes
As esquecidas *alembrastes*
Assim *mé'* glorioso Sant' *Antóino*
Polo hábito que *festistes,*
Polo cordão que *cengistes,*
Polas alpercatas qu' usastes
Pola missa nova que cantastes
Polo braviáiro que *razastes,*
Pola Hóstia e Cális qu' *ál'vantastes*
Polo Dê's que nela *vistes*
E vós *le prèguntastes*
Qual foi a maior dor que sentiu
E vos disse: Foi a lançada
Com que o cavaleiro Louguinh' o *feriu*
Qu' *ẽi* três partes o coraçã' *le* partiu.
Meu glorioso Sant' *Entóino,*
Por tud' isto vos suplico
E *polas* ondas do mar donde partistes
P'ra livrar o vosso pai, Martinho de *Bo-lhões*
Da morte da fôrca, em Lisboa
Assim como vós nã' *dromistes*
Nẽi descansastes *encont'* o nã' livrastes
Assim nã' *dromiré's* nem *descansaré's*
Enconto nã' *fazerdes* o que vos peço :

(Pede-se o que se deseja e reza-se um Padre-Nosso e uma Ave-Maria)

Variante :

Ó *mé'* Padre Santo *Entóino*
Que em Lisboa fostes nado
E na *Séi* velha baptizado.
Polo hábito que vestistes
Polo cordão que *cengistes*
Pola humildade que professastes
Por alma do vosso pai
Antóino Martins de Bolhões,
Por alma da vossa mãe *T'resa,*
Por alma da vossa madrinha Maria Dias
Vos prometo, mas *nã' vo' lhos tiro* (?)
A encomendar o *mé' Felano*
Qu' *é'* vos prometo *razar*
Três *Padres-Nossos,* três *Avẽi-Marias*
E três *Glórias-Pátrias...*

outra :

P.^e Sant' *Entóino,*
Mé' Felano sai' p'ra fora,
Em bom *di'* e em *bô'* hora.
P.^e Sant' *Entoino* junto do *sê'* corpo,
P'ra que *nã' sêje* preso *nẽi* morto
Nẽi na *rebé'r'* afogado
Nẽi sê' sangue *darramado*
E *entes sêje gòrdado*
Esta nout' e este dia
Como *Dê's* andou *gòrdado*
No ventre da *Virja* Maria.

NOTA—Esta oração é rezada quando alguém de família ou pessoa a quem muito se quer, sai para alguma viagem, em negócio ou para qualquer outro fim. Diz-se três vezes, «á porta da rua», quando a pessoa por quem é feita fôr saindo de casa.

...mais outra :

Sant' *Entóino piquenino*
Filho da *Virja* Maria
P'ra que nos salve e acompanhe
Esta noite, tod' *à* noite
E *amanhẽi* tod' o dia.
Que nós *estéjamos* (59) tã' *bẽi gòrdados*
Como *Jasu* Cristo no ventre da *Virja* Maria.

(59) — *Estéjamos, fáçamos, digamos* — na linguagem popular do B. Alentejo são palavras proparoxítonas todas as primeiras pessoas do plural do presente do conjuntivo.

...ainda outra :

Confessor de S. Francisco
Entr' as palmas baptizado
Nã' morr' *à* mulher de parto
Nèi o *monin'* abafado
Nèi bicho *má'* chegu' *ô mê'* gado...
Sant' *Entóino*, donde *virás*
Tê' rasponso razarás
Ò *monino Jasus* três coisas pedirás...
O *pordido sará* achado.
O *desquecid' álembrado*
Bicho *má'* nã' *chigará* ou *mê'* gado
Assim *sêje*, *Amêi*.
P. N. A. M.

...e outra :

Se milagres desejais
Recorrê' a Sant' *Entóino*
E logo fugirá o *domóino*
E as tentações *enfernais*.
Pola sua *entorcessão*
Foj' a peste, o erro e a morte
O fraco tornou-se forte
Tornou-s' o doente são.
Recupera-s' o *pordido*
Rompe-s' a dura prisão...
E na força do furacão
Ba'x' ó mar enfurecido
Todos os males *hòmanos*
Logo fogem e *rotiram*
Digom no aqueles que o viram
Digam-n' os paduanos.

Variante :

Se procurais milagres
Pelo *patrocíe'no* de S.[to] *Entóino*,
A morte, o erro, a calamidade,
A lepra e o *demóino*
Põiem-se log' em fugida.
Levantom-se os enfermos com saúde,
Aplacom-s' os mares *tempestosos*,
Restab'lecem-s' os membros «desquecidos»
E aparecem nas coisas *pordidas*
Assim o conseguem—se bem o *suplicom*—
Tanto os velhos como os novos.
Desaparecem nos *p'rigos*
E, acaba-s' a *endegência*,
Digom-no os moradores de Pádua
E os mais que o *'sp'rimentarom*
Por todos os lugares da Terra.

«ROMANÇO DE SANTO ANTÓNIO»

'Stando Sant' *Entóino* em Pádua
A prègar o *sê' sormão*
Um anjo *le* segredou
Que fôss' acudir ô pai
Que ia morrer na forca;
E o Sant' admirado ficou.
Par' ô *sê'* pov' *òlhou*
'Ma *Avêi*-Maria *podiu*
E p'ra Lisboa partiu.
Chigou ô mei' da Rua Nova
Viu a Justiça com tod' *à* gente :
—Onde *lovais* esse *homêi*,
A morrer tã' inocente ? !
—Est' *homêi* matou outro
No *sê' quental* o *entarrou*.
—Vamos à cova do morto,
Qu' ele *derá quêi* no matou...
Levanta-te corpo morto
Do *mando* do *Ònipotente*
Diz aqui *quêi* te matou,
P'ra *desenganar's* esta gente.
—Esse *homêi* nã' me matou
Nêi dele tenho sinais.
O *homêi* que me matou
Na companhi' *ô lovais* !

O *mê'* sagrado *Mossias*
Nã' quer qu' *ê'* o descubra...
...Mas, dê-m' a su' *àbênçoa*, *mê* pai,
Qu' *ê'* sou o *sê'* filho *Farnando*
Que *mudi* o nome p'r' *Antóino*
P'ra me livrar do *domóino*
Que m' andav' a *porseguir*
Noit' e dia, a tod' *à* hora. *Amêi*.

« AO ANJO DA GUARDA »

Anjo da minha guarda
Simelhança do Senhor
Que do Céu *fostes* mandado
P'ra *mê'* amparo e *gòrdador*

Vos peço, Anjo bendito,
Vós me *qué'ra* defender
A mim e a tod' à *nha famila*
Assim como *Dé's* andou *gòrdado*
No ventre da *Virja* Maria
Padre-Nosso. *Avẽi*-Maria

Como foi a de *Dé's Nó'* Senhor
No ventre da *Virja* Maria.
É' m' encomend' a *Dé's*
E à flor dond' Ele *narceu*,
À Hóstia consagrada
E à Cruz onde *Nó'* Senhor morreu.

Variante :

Anjo da minha guarda,
Simelhança do Senhor
Que no *cé' fostes* criado
P'ra *mé'* amparo e *gòrdador*.
É' peç' ô Anjo bendito
Pola sua graç' e poder
Que dos laços do *ẽnemigo*
Me *quereis* defender.
Bendita *séj' à* noute
Com' a *'sprança* do dia
Gòrdada sej' *à* minh' alma

Outra :

O *mé'* bom Anjo da Guarda,
'Stej' ô mé' lad' agora
E venha sempr' a esta hora
Livrar-me de tentações
E que *Dé's gòrd'* a minh' alma
D' algum *pocado* mortal,
E *envit'* as más *idéas*
Qu' ôs *mé's irmã's façom* mal
Ó *mé'* bom anjo da guarda,
Ped' à *Virja* Nossa Mãe
Que m' afaste do *pocado*
Por tod' esta vid' *Amẽi*.

« A NOSSA SENHORA »

Senhora, vós à Missa *'stá razando*
E o vosso *Devino* Filho
Lá o 'stão *curcefecando*
Com sete mil açoutes
Que os *faresê's le tão pregando*..
Indo Nossa Senhora
Pela rua d' Amargura
Dando gemidos e suspiros...
Ó mulheres que *têem* filhos
Ajudai-m' a chorar :
E' a morte de *Jasu* Cristo
E' *mé'* Filho *natural*...

Quem est' oração *razar*
Sete vezes na *Curesma*
Outras sete no *Carnal*
Tará as portas do *Cé'* abertas
P'ra *q'ondo* morrer entrar,

Amẽi, Jasus!

Valha-nos Nossa *Sinhora*
E a *folôr* que dela *narceu*
E a Hóstia consagrala
E a Cruz and' o *Sinhor m'rreu* (60)

« PRANTO DE NOSSA SENHORA »

Nossa Senhora falou com *Dé's*
Nã' *sé'* o que *le* disse
O que *le* quis *dezer*
Grande pranto *le* fez ter.
Ó mé' Filho tã' amado
Acho-te *tã' demudado*
Nã' sé' s' *é'* ouço *dezer*
Qu' *andom* três algozes,
Filho *mé'*, p'ra te prender !
Esta páscoa que *vir*
Nã' *vás*, Filho, a *J'rusalẽi*

Todos os Filhos *à'sentes*
Se devem juntar com *sé's* pais e parentes
Só *mé'* Filho, da minh' alma,
Drento da minh' alegria
Me queres *dêxar* sòzinha, sem companhia
—A minh' ida nã' s' *escusa*
Todos s' *hã-dem* alegrar
Desta minh' *apar'cida*.
Ó Monte *Calváiro hê'*-de *chigar*
Muntas vezes a cair, *muntas* a *ẽijoelhar*

(60) — in *Alentejo cem por cento.*

«Quem est' oração *razar* sete sextas-feiras da *Courésma*, outras sete no *Carnal* ainda que tenha tantos *pocados* como folhas verdes há no campo e *arêas* há no mar, tudo *Nó'* Senhor *l'* ha-de *pordoar* e as portas do Céu 'starão abertas p'ra *condo* morrer lá entrar»...

Outra :

Ó *Virja* dos Céus sagrados
Mãe do nosso *Ridentor*
Qu' entr' as mulher's *tens a palma* (61)
Traz alegri' à minh'alma
Que geme *chê'a* de dor,
E *vêi* depôr nos *mê's* lábios
Palavras de puro amor.
Em nome do Dê's dos Mundos
E *tamêi* do Filh' amado
Ond' exist' o maior *bêi*
Sêje p'ra sempre *lavado*
Nest' hora bendit' *Amêi.*

...e outra :

Senhora d' Encarnação
Sois Mãe do Verbo *devino*
Dai-ma voss' *àbenção*
Qu' *ê'* vou por este caminho.
Vou buscar a salvação
E o Sacramento *devino*
Ó *mê' Dê's* todo pod'roso
Filho dum Pai tã' amoroso,
'Ma alma que vós me destes
Nã' m' a *dêxê's* morrer triste
Já que na Cruz a *romistes*
Dai-m' uma hora de repoiso,
Com' àquela que vós *tevestes*
Q'ando *pró Cé' assubistes.*

«Quem est' oração *desser*, um ano dia a dia, a *Virja l'apar'cerá entes* da morte três dias, e *ela le* virá *dezendo*: «Confessa-te *pocador* qu' a *Virja* Nossa Senhora, *prô cé'* te quer *lovar*» — P. Nosso A. Maria».

Variante :

Senhora da Encarnação
Sois Mãe do Verbo *Devino*
Dai-m' a voss' *abendição*
Qu' *ê'* vou por este caminho.
À *busca* de Salvação
Que 'stá no Sacramento *devino*.
Ó *mê' Dê's*, Todo-Pod'roso,
Filho dum Pai Amoroso
Est' alma que Vós me destes
Nã' na *dêxê's* morrer triste
Já que na Cruz a *romistes*
Remi-me a mim, Senhor,
Qu' *ê'* sou grande *pocador* :
Confesso já mê's pocados
Desquecidos e *alembrados*
Ôs *péis* do *mê'* confessor
Nã' no pude dar contados...
Vós *sabê's q'ontos* eles são
P'ra qu'a minh' alma se nã' perca
Nêi morra *sêi confessão...*

«Quem esta oração *razar*, um ano, di' após dia a *Virja l'* apar'cerá *entes* da morte três dias e a *Virja le derá* — «confessa-te *pocador*, que por ti vem o Senhor» — com um Padre Nosso e 'ma Ave-Maria ofer'cid' em *sê' lavor*».

«SALVE-RAINHA PEQUENINA»

Salve-Rainha *piquenina*,
Rosa branca sem 'spinha,
Cravo d' amor,
Mãe de Nó' Senhor
Dai-nos luz e entendimento
P'r' *àrroceber* o SS.^mo Sacramento.

Variante :

Salve-Rainha *poquenina*,
Toda *chê'a* de *folor's*
V'nde do *Cé'* à terra
P'ra salvar os *pocador's*.

(61) — *Ter a palma* — ser a primeira; ter a primazia.

«CONFISSÃO»

É' me confesso com grande dor
A vós. Padre, e *mê'* Senhor
E à *Sant'-Emperatriz* (62)
P'ra que m' alcance *pordão*
Dos *pocados* qu' *ê'* já fiz,
Qu' *ê'* já fiz e cometi

A *Dê's* peço desculpa
Confesso-me com grande culpa.
Padre 'stais na *cloméncia*,
No lugar de *Dê's* estais,
Peço-vos com *revelência*,
M'ê's pocados absolvais.

«CONFISSÃO DA VIRGEM»

Foi-s' a *Virja* confessar
Numa *manhêi, ó demingo;*
Nã' era por ter *pocados*
E *nêi* por os ter *cometidos*.
Foi só por gòrdar *precêtos*
Ó sê *ungéneto* Filho.
Ó Senhor Padre da Missa,
De *confessão* m' *havêdes* d' ouvir
Qu' *ê'* venh' emb'raçada,
Venh' em dias de parir.
O padre s' assentava,
A donzela que s' *ĕijoelhava*
E o ventre qu' ela *lovava*
Céu e terr' *alumiava.*
O Padre que isto via,
Em pensamentos d'vidava...
—Calai-vos Padre da Missa,
Calai-vos, nã' *dezêde* nada!
Tudo isto sã' *mestéiros*
Da *Santissema Trendade*
Vamos a *romir pocados...*
Poguemos nos mandamentos,
Pormêro 'sposo qu' *ê' ami*
Foi *mê' devino* Senhor
Qu' *ê'* trago no *mê'* ventre,
Criado a *mê'* favor;
O *sigundo qu'ê* juri
Foi 'ma jura *de-contino*
A vinte e cinco de Março

Encarnou verbo *devino;*
O *torcêro* qu' *ê' gòrdi*
Dias santos de *Dê's* sã'
A vinte e cinco de Março
É a Sant' Encarnaçã';
O *quatro* qu' *ê' honri*
Nossos pais mais que nós,
Nã' *sê'* se *juri*
Ofensa *lovar* a *Jasus pro* vós;
O *cinco* qu' *ê' deseji*
Ser criada em menor (?)
Ser Mãe do Verbo *Devino*
E 'sposa do *devino* Sol.
O *sê's* qu' *ê' enjuri*
Foi o *demóin' enfernal*
Curcefecarom Jasus,
Foi um pocado *òr'genal...*
Ó Senhor Padre da Missa,
Já *tá fêt' à confessã'*
Peço-*le*, por caridade,
Que me *dêt' àbsòlvissã'*
—Levantai-vos, pomba branca,
Mê' 'spelho *crestalino*
P'r *emparo* de todo o *bĕi*
Sois Mãe do verbo *devino*
—Ficai-vos com *Dê's*, ó Padre
Qu' *ê'* já me vou *p'ra Blĕi,*
Lá vai *narcer Dê's-Monino*
Pra tod' o sempr', *Amĕi.*

« PARA AS TRINDADES »

Qu' a *Santissema Trendade*
Sempre acompanh' os *mê's* passos
E me 'stend' amigos braços
Nas horas d' *enf'lecidade.*

Que m' ajud' o Padr' *Enterno*
E m' *abençòi Jasu* Cristo
Que o *Sprito* Santo me dê luz
Contr' *às* tentações do *enferno*

Qu' *ê'* passe tod' *à ensestĕiça*
A praticar sempre o *bĕi*
E a *Trendade Santissema*
Me guie na Terr' *Amĕi.*

(62) — Santa Imperatriz = Santa Madre Igreja.

« ORAÇÃO A S. JOSÉ »

Oração de S. *Jesé*
Mais da *Virja* Maria
Tanto caminha de noute,
Como caminha de dia.
Q'ando chigou a *B'lẽi.*
Tod' *à* gente *dromia.*
Padr' *Enterno prècurou* :
—S. *Jesé*, como *tá* Maria ?

—*Tá* coberta d' oiro fino
Mais o *sê'* Bendito Filho
O berç' ond' o *monino s' embana*
É do mais fino *latão*...
Aqui s' acab' est' oração
Quèi na *souber* qu' a diga
Quẽi na ouvir qu' *àprenda*
Lá no dia de Juizo
Tará com que se defenda !...

« ORAÇÃO A SANTA LUZIA »

Ò Santa Luzia
Que saras dos olhos
Livrai-nos d' escolhos
De nout' e de dia.

Ò Santa Luzia
Bendita sejais,
Por seres bendita,
No Céu descansais.

« V Á R I A S »

E *Jasus*, Maria *Jesé*,
Em *lavor* das três 'sp'gas
Ó alma quero que me digas
Se amas a *Dê's* com *fé*i.
Lá no trono de *Jassèi*
Nessa 'sp'ga *vordadêra*,
Alma tira-te dessa *ceguêra*
Déx' ó mund' enganador
Am' à *Dê's*, ó *tê'* Senhor,
Se *quer's* ter no *cé' cadera.*

Valha-m' a graça *devina*
Padeça o *mé' ent'rior*
O nome de *Jóaquina*
Foi posto por *Dê's Nó'* Senhor.

O *monino podiu* água,
Logo s' abri' uma fonte;
A font' era de prata
A *ágw'* era de *chê'ro*
O *monin'* era santo
Filho de *Dê's vordadêro* (63)

Esta noute *chové'* água
De pedrinh' amorosa,
Onde m' *hê*-d' *é'* rocolher ?
Doba'xo daquela rosa (63)

Levanta-te, Rosa !
Vamos à Missa da Luz
Que já os *injinhos cantom*
Na capela de *Jasus.*

«NOS DIAS DE TROVOADA»...

Conta-nos a História que os antigos habitantes da Península, quando trovejava, alarmados e supondo tratar-se de perigo eminente com origem nalgum invisível inimigo, começavam de atirar setas para o ar...

Mais tarde, deu-se aos trovões e aos relâmpagos, origem divina, acreditando-se que tais fenómenos da Natureza eram manifestações de ira das divindades contra a maldade e perversão dos Homens.

É, talvez, de admitir que esta crença dos nossos longínquos antepassados se filie no conhecimento, que até eles deve ter chegado, de

(63) — in *Alentejo cem por cento* — Beja, 1940.

antigos cataclismos por Deus desencadeadas contra a Humanidade, sabido que alguns deles — como o dilúvio e a destruição das cidades de Sodoma e Gomorrha, por meio de chuva de fogo e enxofre — se conservaram vivos, por muito tempo, na memória dos Povos.

Seja como for, o certo é que tal crença ainda subsiste pois que, apesar de tudo quanto possa dizer-se em contrário, para a maioria da nossa gente rústica, a trovoada e os seus terríveis efeitos são, ainda hoje, considerados como castigo ou flagelo de Deus...

Daqui, sem dúvida, a quietude respeitosa e as invocações com que, nestes dias, mais que em quaisquer outros, o nosso bom Povo exterioriza o seu temor a Deus.

Em geral, durante as trovoadas, o camponês *descobre*-se, e, no Alentejo, deixam de se ouvir os cânticos nostálgicos da Planície... A não observância desta ingénua e velha usança é tida como provocação a Deus, não raro — segundo se crê — punida com a queda de algum *raio* ou *perigo*, causador de tantas desgraças...

Na verdade, encerra um misto de grandeza e horror o espectáculo de uma tempestade, quando o ribombar do trovão nos ensurdece os ouvidos e os rútilos clarões do relâmpago, cruzando-se e rasgando o espaço, nos ferem a vista e iluminam o imenso *descampado* alentejano.

Não admira, pois, que tão estranho espectáculo impressione profundamente a alma do Povo, convidando-o a oração !

As *trovoadas secas* — que não trazem água e que no Alentejo são frequentes no mês de Maio — são as mais temidas.

Para afastar as trovoadas fazem-se aqui, várias invocações a Deus ou aos seus Santos. Entre estes recorre-se, com mais frequência, a Santa Bárbara, a Jerónimo e a S. Gregório.

Há, contudo, plantas, como o trovisco a que, no Alentejo, se atribui acção catalítica contra os *raios* e *coriscos !*

É o trovisco (o povo pronuncia *travisco*) um pequeno arbusto campestre junto do qual, segundo a tradição, Nossa Senhora se teria acolhido durante uma trovoada. Deve ser esta a origem de tal crença.

As palmas bentas, que serviram na Procissão de Domingo de Ramos, e o *Madeiro do Natal* são também utilizados para espalhar as trovoadas, facto a que já nos referimos em ALENTEJO CEM POR CENTO, nota (1), pág. 104.

Entre o Povo existe a crença de que o *perigo* ou *raio* consiste na *«queda de uma pedra»* que, caia onde cair, irá ficar enterrada no solo a profundidade de sete pés, subindo, depois, ano após ano até aparecer à superfície da terra — o que se verificará sòmente ao fim de sete anos... Também esta *pedra*, uma vez descoberta e guardada, confere ao seu possuidor imunidade contra a queda de raios — as electricidades do mesmo nome... repelem-se !...

Vejamos, agora, algumas das orações a que o Povo recorre para evitar o perigo das trovoadas :

« MAGNIFICAT DE N.ª S.ª »

A minha alm' engrandec' ó senhor
E o *mé' sprito* s' alegrou em *Dé's mé'* Salvador.
Porqu' *entendé'* a humildade da sua serva
E por isso todas as gerações me chamarão *bẽi-maventurada.*
Porque o *Onipetente* obrou em mim grandes coisas
E o sé' nome é Santo.
E a sua *meser'córda* s' *estendará*
De geração em geração, p'ra os que a temem.
Manifestou a própria *onipetença* do seu braço,
Destruiu soberbos com o *'sprito* do seu coração
Derrubou os pod'rosos do *sé'* assento
Al'vantou os humildes.
Ós pobres famintos *enchê'* de *bẽis*
E *ós* ricos *embiçosos dé'xou* vazios
Ar'cebê' o *sé'* servo Israel,
Alembrado da sua *meser'córdia*
Como *premeté'* a nosso Pai *Abram*
E à sua geração por todos os séculos.
Bẽi-maventurada Mãe,
Virja sempre *ẽmaculada,*
Rainha do Mundo,
Entorcedê' pro nós junto do Senhor
Ouvi, Senhor, a minha oração
E cheguem ós vossos ouvidos os meus rogos.

ORAÇÃO

Senhor, nós vos pedimos
Que *concedê'* a vossos servos
Uma *porjéta e feliz saude* de corpo e de alma
E que pela *entorcessão* gloriosa
Da *Bẽi-maventurada Virja* Maria
Sêjamos livres da presente tristeza
E *gózemos* de *entern'* alegria,
P'ra sempr', *Amẽi.*

« A SANTA BÁRBARA »

(Advogada contra as trovoadas)

Salvẽi, Virja gloriosa
E *Barba* generosa
Do Paraíso fresca rosa
Lírio da Castidade.
Salvẽi, Virja toda *fremosa*
Lavada na fonte da castidade.
Doce branda e devota
Vaso de todas as *vertudes.*
Salvẽi, Virja livre de *pecados*
Que ouves o 'sposo com voz *queiara*
Que te diz: *Vẽi, fremosa, vẽi* amada,
Vẽi e sarás c'roada.
Salvẽi, Barba, sorena
Fremosa com' *á* lua *chêa,*
Melodia *agradávle*
Segues o 'sposo *Cordêro*
Salvẽi, Barba, Bẽi-maventurada
Que com o 'sposo *proparada*
Passastes das *núipças*
P'rós gózos enternos, Amẽi.

Outra :

Santa *Barba, Barba* Santa,
'Spelho de Mar e Terra
Dé's me livre da centelha
E do raio *desmaderado (desmandado?)*
E *Jasus Curcejicado*
Neste val dos *enguitos* (?)
Acudirom nos *engitos (anjitos)*
Co' a *posse* de S. Simão
Tem na chave do trovão;
Assim com' él' é santo,
Assim faç' ó trovão *manso;*
Custóida devina, salvai-nos senhor,
A nós todos *pro mó' Dé's !*

Variante :

Santa *Barba, Barba* Santa
'Spelho de Mar e Terra...
S. Pedr' e S. Simão

Tem na chave do trovão,
Assim com' êl' é santo.
Assim faç' ó trovão manso
Ai! que *'strom* que vai no Céu
Valha-m' o santo *suzáiro* (sudário)
E o S.S.[mo] Sacramento
E Nossa Senhora do *Rosáiro*.

Outra :

Santa *Barba* bendita
No Céu 'stá *'scrita* (inscrita)
Em papel e água benta
'Spalhai esta *tromenta*
Lá p'ràs *bandas* dos moiros
Aonde nã' *haje* pã' nẽi *vinho*
Nẽi ramo de *rasmaninho*
Nẽi gente cristã,
Nẽi gadelha de lã...

Várias :

Santa *Barba*, *Barba* Santa,
Barba Santá de *Jasus*,
Salvai as nossas almas,
P'ra sempr' *Amẽi, Jasus!* (64)

Vi 'ma *travoad' armada*
Acolhi-m' a um *travisco*
Bradi (65) por Santa Barba
Acudi'-me *Jasu* Cristo. (64)

Grande *'strom* que vai no Céu
Valha-m' o Santo *Sudáiro*.
Quẽi ma's me há-de valer ?
Nossa Senhora do *Rosáiro*. (64)

Chagas abertas
Corações *joridos*
Sangue *darramado*
De Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Que *Dê's* se meta
Entre nós e o p'rigo !

« A S. JERÓNIMO »

S. *Girólmo* s' *al'vantou*
Sé' péi d'rêto calçou
E Nossa Senhor' *ó* encontrou
E a senhora *le prèguntou :*
Onde *vás Jirólmo ?*
—Vou *'strambalhar* (espalhar) as *travoadas !*
—S' as *vás 'strambalhar,*
'Strambalh' às lá p'ra *bẽi lõis*
Onde nã' haja *péi de jiguê'ra*
Nẽi ramo d' *òl'vê'ra*
Nẽi gente cristã,
Nẽi gadelha de lã. (66)

« A S. GREGÓRIO »

S. *Grigóiro* s' *al'vantou*
Sé' péi d'rêto calçou
Nossa Senhor' o encontrou
Nossa Senhora *le prècurou :*
—Onde *vás Grigóiro ?*
—Vou 'spalhar as *travoadas !*
—'Spalh' às lá p'ra *bẽi lõis*
Adonde nã' *háj' éra nẽi bêra*
Nẽi raminho d' *olevê'ra*
Nẽi alminha cristã
Nẽi gadelha de lã.

Variante :

S. *Grigóiro* bendito
Se *vostiu* e se calçou
Sé' bordanit' agarrou
A 'strada da *mã' d'rêta* tomou
Com *Nó'* Senhor s' encontrou.
—*Adonde vás* tu, *Grigóiro ?*
—Vou 'spalhar a travoada
Que *vẽi* dos lados d' Almada !
—Vai, vai, *Grigóirito*
Por onde *nã'* haja passarito

(64) — In *Alentejo cem por cento* — Beja, 1940.
(65) — A 1.ª pes. do pret. perf. dos verbos de tema em *a* termina, invariàvelmente em *i: Bràdi, bringui, jali,* (bradei, brinquei, falei).
(66) — In *Alentejo cem por cento.*

Nẽi cabrito (?) nẽi bafo de monino
Nẽi homẽi de má cor
Nẽi mulher de parto com dor

Nẽi éra nẽi béra
Nẽi folòr d' òl'vêra
Nẽi co'sa a que Dê's bẽi quêra !

«ORAÇÃO DO ANJO CUSTÓDIO»

(Também conhecido por: «As doze palavras» ou «As tabuinhas de Moisés»)

I.—*Custóido*, sim, *mê'* amigo!...
—*Custóido*, sim, mas amigo, não!...
—Ó *Custóido*, tu quer's ser salvo?!
—*Pola* graça de *Dê's* sim, quero !
—Das doze palavras, ditas e *retornadas* (67)
Diz'-me lá a *pormêra* :
—A *pormêr' éi* a Santa *Casa* de *Jarusalẽi*
Adonde Jasu Cristo *morrê' pro* nós, Amẽi!

II.—*Custóido*, quer's ser salvo ?
—*Pola* graça de *Dê's*, sim, quero !
—Das doze palavras ditas e *retornadas*
Diz'-me lá *as duas* :
—As duas *sã'* nas duas tabuinhas de *Moi-séis*
Adonde Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Pôs os *sê's devinos péis;*
A pormê'r' *éi* a Santa Casa de *Jarusalẽi*
Adonde Jasu Cristo *morrê' pro* nós. *Amẽi!*
III.—*Custóido* quer's ser salvo ?
—*Pola* graça de *Dê's* sim quero !
—Das doze palavras ditas e *retornadas*
Diz'-me lá *as três* :
—As três sã' nas três Pessoas *destintas*
da *Santissema* Trindade; as duas
sã' nas duas tabuinhas de *Moiséis*
Adonde Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Pôs os *sê's devinos péis;*
A pormê'r' *éi* a Santa Casa de *Jarusalẽi*
Aonde Jasu Cristo *morrê' pro* nós, *Amẽi!*

IV.—*Custóido* quer's ser salvo ?
—*Pola* graça de *Dê's* sim, quero !
—Das doze palavras ditas e *retornadas*
Diz'-me lá *as quatro* :
—As quatro *sã'* nos quatr' *Envanslistas*
João, *Lugres*, (68) Marcos e *Mateu;*
As três *sã'* nas três Pessoas *destintas*
Da *Santissema* Trindade;
As duas sã' nas duas tabuinhas de *Moiséis*
Adonde Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Pôs os *sê's devinos péis;*
A *pormêr' éi* a Santa Casa de *Jarusalẽi*
Adonde Jasu Cristo *morrê' pro* nós, Amẽi.

V.—*Custóido* quer's ser salvo ?
—*Pola* graça de *Dê's*, sim, quero ?
—Das doze palavras ditas e *retornadas*
Diz'-me lá as *cinco* :
—As cinco *sã* nas cinco chagas
Que Nó' Senhor *morrê' pro* nós, Amẽi.
As quatro *sã'* nos quatr' *Envanslistas;*
João, *Lugres*, Marcos e *Matêu;*
As três sã' nas três Pessoas *destintas*
Da *Santissema* Trindade;
As duas *sã'* nas duas Tabuinhas de *Moiséis*
Adonde Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Pôs os *sê's devinos Péis;*
A *pormêr' éi* a Santa Casa de *Jarusalẽi*
Adonde Jasu Cristo *morrê' pro* nós, Amẽi!

VI.—*Custóido*, tu quer's ser salvo ?
—*Pola* graça de *Dê's*, sim, quero !
—Das doze palavras ditas e *retornadas.*
Diz'-me lá as seis :
—As seis *sã'* nos seis círios bentos
Que Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Teve o *sê' devino narcimento;*
As cinco *sã'* nas cinco chagas
Que Nós' Senhor *morrê' pro* nós, *Amẽi;*
As quatro sã' nos quatr' *Envanslistas*
João, *Lugres*, Marcos e *Matêu;*
As três sã' nas três Pessoas *destintas*
Da *Santissema* Trindade;

---

(67) — «Ditas e retornadas» — ditas e *reditas*, isto é, ditas, novamente, mas *às-avessas*, do fim para o princípio...

(68) — *Lugres* por Lucas; Em vez de «João» ouvimos algumas vezes dizer «*Lexandre*».

As duas *sã'* nas duas Tabuínhas de *Moiséis*,
Adonde Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Pôs os *sé's devinos Péis;*
A *pormér' ëi* a Santa Casa de *Jarusalëi*
Adonde Jasu Cristo *morrê' pro* nós. Amëi!

VII.—*Custóido*, quer's ser salvo ?
—*Pola* graça de *Dé's*, sim, quero !
—Das doze palavras ditas e *retornadas*
Diz'-me lá *as sete :*
—As sete sã nos sete sacramentos;
As seis *sã'* nos seis círios bentos
Que Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Teve o *sé' devino narcimento;*
As cinco *sã'* nas cinco chagas
Que Nó' Senhor *morrê' pro* nós, *Amëi,*
As quatro *sã'* nos quatr' *Envanslistas,*
João, *Lugres,* Marcos e *Matêu;*
As três *sã'* nas três Pessoas *destintas*
Da *Santissema* Trindade;
As duas *sã'* nas duas Tabuínhas de *Moiséis*
Adonde *Nó'* Senhor *Jasu* Cristo
Pôs os *sé's devinos* Péis;
A *pormêr' ëi* a Santa Casa de *Jarusalëi*
Adonde Jasu Cristo *morrê'* pro nós, *Amëi!*

VIII.—*Custóido*, quer's ser salvo ?
—*Pola* graça de *Dé's*, sim quero !
—Das doze palavras ditas e *retornadas*
Diz'-me lá *as oito :*
As oito *sã'* nos oito *cordiais*
Qu' *acompanharom* no Senhor *ô* Céu (69)
As sete *sã'* nos sete sacramentos;
As seis *sã'* nos seis círios bentos
Que Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Teve o *sé' devino narcimento;*
As cinco sã' nas cinco chagas
Que Nó' Senhor *morrê' pro* nós. Amëi;
As quatro sã' nos quatr' *Envanslistas*
João, *Lugres*, Marcos e *Matêu;*
As três sã' nas três Pessoas *destintas*
Da *Santissema* Trindade;
As duas sã' nas duas Tabuínhas de *Moiséis*
Adonde Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Pôs os *sé's devinos* péis;
A *pormér' ëi* a Santa Casa de *Jarusalëi*
Adonde Jasu Cristo *morrê' pro* nós, *Amëi!*

IX.—*Custóido*, quer's ser salvo ?
—*Pola* graça de *Dé's* sim, quero !
—Das doze palavras ditas e *retornadas*
Diz'-me lá *as nove :*
—As nove *sã'* nos nove meses
Que Nossa Senhora *trouv'* o *sé'* Bendito Filho
Em *sê' purissemo* ventre;
As oito sã' nos oito *cordiais*
Qu' acompanharom no Senhor *ô* Céu;
As sete *sã'* nos sete sacramentos;
As seis *sã'* nos seis círios bentos
Que Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Teve o *sé' devino narcimento;*
As cinco *sã'* nas cinco chagas
Que Nó' Senhor *morrê' pro* nós, *Amëi;*
As quatro sã' nos quatr' *Envanslistas*
João, *Lugres*, Marcos e *Matêu;*
As três *sã'* nas três Pessoas *destintas*
Da *Santissema* Trindade;
As duas *sã'* nas duas Tabuínhas de *Moiséis*
Adonde Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Pôs os *sé's devinos péis;*
A *pormêr' ëi* a Santa Casa de *Jarusalëi*
Adonde Jasu Cristo *morrê' pro* nós. *Amëi!*

X.—*Custóido*, quer's ser salvo ?
—*Pola* graça de *Dé's*, sim quero !
—Das doze palavras ditas e *retornadas*
—*Diz'*-me lá *as dez :*
—As dez *sã'* nos dez mandamentos
da Lei de *Dé's;* as nove *sã'* nos
nove meses que Nossa Senhora
trouv' o *sé'* bendito Filho
Em *sé' purissemo* ventre;
As oito *sã'* nos oito *cordiais*,
Qu' *acompanharom* no Senhor *ô* Céu.
As sete *sã'* nos sete sacramentos;
As seis *sã'* nos seis círios bentos
Que Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Tev' o *sé' devino narcimento;*
As cinco *sã'* nas cinco chagas
Que *Nó'* Senhor *morrê' pro* nós *Amëi:*
As quatro *sã'* nos quatr' *Envanslistas*
João, *Lugres*, Marcos e *Matêu;*
As três *sã'* nas três Pessoas *destintas*

(69) — Algumas vezes ouvimos: «As oito sã' nas oito Bëi-maventuranças»...

Da *Santissema* Trindade;
As duas *sã'* nas duas Tabuinhas de *Moiséis*
Adonde Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Pôs os *sê's devinos péis;*
A *pormêr' éi* a Santa Casa de *Jarusalẽi*
Adonde Jasu Cristo *morrê' pro* nós. *Amẽi.*

XI.—*Custóido, quer's* ser salvo?
—*Pola* graça de *Dê's*, sim, quero !
—Das doze palavras ditas e *retornadas*
Diz'-me lá *as onze :*
—As onze *sã'* nas onze mil *Virjas:*
As dez *sã'* nos dez mandamentos da Lei de *Dê's;*
As nove *sã'* nos nove meses que Nossa
Senhora *trouv'* o *sê'* bendito Filho
Em *sê' purissemo* ventre;
As oito *sã'* nos oito *Cordiais*
Qu' *acompanharom* no Senhor *ó* Céu,
As sete *sã'* nos sete sacramentos;
As seis *sã'* nos seis círios bentos
Que Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Tev' o *sê' devino narcimento;*
As cinco *sã'* nas cinco chagas
Que Nó' Senhor *morrê' pro* nós. *Amẽi;*
As quatro *sã'* nos quatr' *Envanslistas*
João, *Lugres*, Marcos e *Matêu;*
As três *sã'* nas três Pessoas *destintas*
Da *Santissema* Trindade;
As duas *sã'* nas duas tabuinhas de *Moiséis*
Adonde Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Pôs os *sê's devinos péis;*
A *pormêr' éi* a Santa Casa de *Jarusalẽi*
Adonde Jasu Cristo *morrê' pro* nós, Amẽi.

XII.—*Custóido* quer's ser salvo ?
—*Pola* graça de *Dê's* sim quero !
—Das doze palavras ditas e *retornadas*
Diz'-me lá *as doze :*
—As doze *sã'* nos dòz' *Apóst'los;*
As onze *sã'* nas onze mil *Virjas:*
As dez *sã'* nos dez mandamentos da Lei de *Dê's;*
As nove *sã'* nos nove meses
Que Nossa Senhora *trouv'* o *sê'* bendito Filho,
Em *sê' purissemo* ventre;
As oito *sã'* nos oito *Cordiais*
Qu' *acompanharom* no Senhor *ó* Céu;
As sete *sã'* nos sete sacramentos;
As seis *sã'* nos seis círios bentos
Que Nó' Senhor *Jasu* Cristo
Tev' o *sê' devino narcimento;*
As cinco *sã'* nas cinco chagas
Que Nó' Senhor *morrê' pro* nós. *Amẽi;*
As quatro *sã'* nos quatr' *Envanslistas*
João, *Lugres*, Marcos e *Matêu;*
As três *sã'* nas três Pessoas *destintas*
Da *Santissema* Trindade;
As duas *sã'* nas duas Tabuinhas de *Moiséis*
Adonde *Nó'* Senhor *Jasu* Cristo
Pôs os *sê's devinos péis;*
A *pormêr' éi* a Santa Casa de *Jarusalẽi*
Adonde Nó' Senhor *Jasu* Cristo *morrê' pro* nós, *Amẽi.*

XIII.—*Custóido*, quer's ser salvo ?
—*Pola* graça de *Dê's*, sim quero !
—Das *doze* palavras, ditas e *retornadas*
Diz'-me lá *as treze* (?):
—As treze *sã'* nos treze raios que
lev' o Sol; treze raios que lev' à Lua
Arrebenta demóino
Aí no *mêi'* dessa rua,
Qu' est' alm' *éi* de *Dê's* e *nã' éi* tua !

Esta oração é muito conhecida do Povo e nunca deve ficar a meio: «quem começar a *razá*-la tem de ir até ao fim»...

Costumam recitá-la durante as trovoadas, quando um doente está em «*pensamento*» (passamento ou coma) ou ainda nos casos de parto difícil, fazendo neste caso e enquanto se reza, cruzes nas costas da parturiente...

BRUXAS, FEITICEIRAS E LOBIS-HOMENS...

APARIÇÕES: ALMAS DO OUTRO MUNDO, FANTASMAS E LUZINHAS NOCTURNAS...

MEDOS GRAVULTOS, SOMBRAS E AVEJÕES

Entre muitas outras crenças supersticiosas—dizíamos em *Alentejo cem por cento* — lembramos a das *«bruxas»*, *«feiticeiras»* e *«lobis-homens»*, *«medos» (avejões, sombras, vultos ou luzinhas)* e *«almas do outro mundo»* que aparecem a determinada pessoa de família do respectivo defunto, para lhe pedirem que vá *«pagar uma promessa»* feita a Deus ou aos seus Santos — promessa que em vida não foi cumprida e, por tal motivo, essa *«alma penada»* (sic) não tem entrada no Céu enquanto outra *alma caridosa* não pagar, por ela, a promessa feita. E' exemplo típico o da *«costureira»*, tão conhecido entre nós...

Estas crenças e as inerentes práticas supersticiosas estão ainda fortemente arreigadas na alma do povo, ao que nos parece, por dois motivos, principalmente :

1.º—O baixo nivel de cultura intelectual em que as camadas populares ainda hoje são obrigadas a viver, o que não lhes permite distinguir o *real* do *fictício*, o *possível* do *hipotético* ou até do *impossível*, quer no seu aspecto material ou metafísico, quer no intelectual ou moral;

2.º—O desconhecimento conveniente e adequado da Religião Cristã e do verdadeiro sentido dos seus sagrados mistérios ou, talvez melhor, a crença geral numa divindade vaga e indefenida, que existe na alma do povo, o que o leva a confundir a verdade religiosa com o erro supersticioso, quantas vezes absurdo, herético, apóstata !...

Pretender subtrair o povo de tais influências, querer convencê-lo dos seus erros ou impor-lhe o reconhecimento da inutilidade ou ineficácia de semelhantes práticas, antes de realizada essa grande obra de educação e cultura popular — quer no campo religioso, quer no literário — é tentar-se o impossivel, é atrairmos sobre nós próprios a desconfiança das *massas* populares... é privarmo-nos, irremediàvelmente, do bom êxito de qualquer jornada, feita com o objectivo de recolhermos *material* etnográfico da natureza deste de que nos estamos ocupando— sem dúvida o de mais difícil aquisição de quantos podem conter-se no estudo da Etnografia (70).

(70) — As dificuldades que todo o etnógrafo experimenta em seu labor aumentam á medida que a pesquisa se encaminha para a chamada *«ciência das bruxas»* designação que ninguém aceita como boa para si. E, à primeira tentativa, logo se ouve dizer que nada sabem, nada fizeram para que como tal as considerem. Em regra, só a pessoas em quem depositam a maior confiança, crentes, como elas, em tais «ciências», (ou que se fingem crentes, como já, por mais de uma vez, nos vimos forçados a fazer...) descobrem *«algumas»* das suas práticas...

Estas práticas em que o povo cegamente confia e ingènuamente deposita todas as suas esperanças, constituem como que verdadeiros recursos da *arte da bruxaria!...* Os seus «agentes» actuam sempre com a maior reserva e cautela, como verdadeiros membros de uma sociedade secreta... Cá fora, aos «leigos», muito pouco chega sôbre o «formulário» e «cerimonial» empregados.

Contudo, as fórmulas conhecidas não diferem, na sua essência, das de que anteriormente temos tratado.

O seu objectivo é o mesmo: recuperar a saúde perdida, evitar a doença ou qualquer outro mal — na maioria dos casos; conseguir determinado objectivo... em benefício próprio, em benefício alheio ou com prejuizo de outrém — o que também acontece com grande frequência. E o poder misterioso que há-de intervir como remédio contra todos estes males, tem, geralmente, como nas primeiras, a sua origem em Deus ou nos seus Santos — quando não no próprio demónio, como muitas vezes acontece...

BRUXAS, FEITICEIRAS E LOBIS-HOMENS

Uma grande parte, a maioria mesmo, da nossa população — das aldeias como das vilas e cidades — ainda acredita em *bruxas, feiticeiras e lobis-homens...*

Segundo a ingénua crendice popular, as bruxas e as feiticeiras são mulheres que, comunicando com o diabo (71) e servindo-se de certas rezas, adquirem o poder de fazer mal a outras pessoas, com os mais variados objectivos.

O povo estabelece, contudo, uma certa diferença entre uma bruxa e uma feiticeira. A primeira nasce logo com esse fado, não precisa de aprender; a segunda tem de aprender a sua arte, no que demora cerca de sete semanas. A feiticeira exerce o seu poder dando maus olhados. A bruxa tem um mais vasto campo de acção...

As bruxas distinguem-se ainda das feiticeiras por poderem, *sponte sua*, transformar-se em animais — cães, gatos, burros — e até em seres invisíveis...

As bruxas — segundo se acredita — costumam reunir-se, altas horas da noite, nas encruzilhadas das estradas ou das ruas e ali cantam e bailam... E' nestas reuniões que elas estabelecem contacto com o demonio, quase sempre presente em tais sessões, transformado em cão ou em gato preto... Durante elas ora se ouvem estridentes gargalhadas, ora gritos sinistros e lúgubres.

As *bruxas* entram em casa *pelo buraco da fechadura* e são causa

(71) — Pelo que nos foi possivel averiguar, parece que a *bruxa* e a *feiticeira*, para exercerem eficazmente a sua «missão» tem que fazer pacto com o demonio oferecendo-lhe a sua «alma», como penhor pelo cumprimento do pedido que àquele fazem nas suas imprecações...

das mais graves doenças de que sofre o género humano — daquelas com que «os médicos não atinam»... (72)

Como já atrás dissemos, as bruxas perseguem, de preferência, as inocentes e indefesas crianças: elas *divertem-se* em separar as crianças das mães, colocam-nas no chão, em pilheiras, ou em qualquer outro sítio, distante do leito em que estavam deitadas; mordem-nas e sugam-lhes o sangue, fazem-lhes, enfim, tôda a sorte de malefícios que a imaginação popular inventa e nos quais acredita respeitosa e piamente...

Com semelhantes, tratos as crianças tornam-se, a breve trecho, pálidas, franzinas, raquíticas, *enfèzadas!...*

Quando uma criança adoece e começa a *definhar a olhos vistos*, sem que para tal se encontre explicação, logo o mal é atribuído a bruxedo...

Ouve-se, aqui, muito, a frase «parece o Menino Jesus nas mãos das bruxas», quando, repetidas vezes, uma criança passa sucessivamente de uma para outra pessoa, impotente para se lhes subtrair.

Enfim, de entre todos os seres misteriosos admitidos na imaginação popular, as bruxas ocupam, sem dúvida, o primeiro lugar.

É assombroso e não tem limites, o poder que lhes é atribuído, ao passo que o das feiticeiras quase se limita a dar olhados...

Dissemos atrás que a feiticeira tem que aprender a sua arte, o que não acontece com as bruxas.

As terças e sextas feiras — únicos dias em que se podem efectuar estas práticas — a *aprendiza* é levada pela *mestra* para ir dançar a certas encruzilhadas... Ainda que a família faça oposição e a feche a sete chaves, a candidata a mestra de tão sinistra e misteriosa arte, terá também, logo inicialmente, o poder de fugir *pelo buraco da fechadura...*

Em sete semanas — ou seja em catorze sessões — a nova feiticeira ficará mestra, sabendo deitar *maus olhados, fazer esconjurações* e toda a espécie de malefícios concernentes à sua arte....

O lobis-homem, tal como a bruxa, não aprende — nasce já com esse fado.

Segundo o povo crê, quando um casal tem sete filhos, do mesmo sexo, o sétimo será bruxa ou lobis-homem, conforme o sexo. Para que tal não aconteça, a rapariga ou rapaz nascido com este *mau fado*, deve ter por madrinha, ou padrinho a irmã ou irmão mais velho, que sempre o deve tratar por afilhado.

Enquanto criança, o fado não se lhe declara — *vive como qualquer alma cristã.* E' sempre, contudo, um *pobre diabo*, magriço, *escanzelado* e pálido... Chegado a adolescente — e, pela noite adiante, quando são horas de repouso — tem início o seu fadário: começa por sentir

(72)—Com estas palavras exprime-se, entre o povo, o *fracasso* da intervenção de um ou vários clínicos. Em tais casos, é crença geral tratar-se de doença provocada por bruxa ou por alguém que tenha recorrido à sua *poderosa* intervenção para nos fazer mal... E' essa a razão por que, mesmo depois de estarem «*desenganados dos dotores*», (e, muitas vezes, ao mesmo tempo que se tratam com o médico) alguns doentes recorrem às curandeiras ou curandeiros, aos quais, contudo, ùnicamente se deve o *milagre da cura*, quando esta se dá !...

grande necessidade, imperiosa necessidade de se *espojar!* Sai de casa e, quer chôva e vente, quer faça bom tempo, procura um *espojadoiro* onde se espoja até se transformar num jumento. Se, em vez de procurar o espojadoiro, se meter num charco onde tenha permanecido um porco cu se roçar por sitio onde se tenha deitado um cão, é a forma destes animais que ele adquire. Corre, em seguida, por *secas e mecas, caminhos e alvercas* até que, ao romper da manhã, volta ao espojadoiro e readquire a sua forma natural, de ser humano...

Se durante essas loucas correrias o lobis-homem for ferido por qualquer criatura... perde-se o encanto e retoma imediatamente a forma humana, para não mais voltar a ser lobis-homem...

O infeliz, porém, pouco poderá sobreviver a esta *quebra de encantamento*: uma profunda tristeza o invade, um mau estar geral o consome e a morte não demorará a pôr termo à sua triste sina...

Vejamos algumas práticas que nos foi possível recolher e às quais o povo com frequência recorre, para evitar a acção malfazeja das bruxas, feiticeiras e lobis-homens :

Em *lavor* do Santíssimo
Sacramento do altar
Com estes sete *porfumes* (73)
Esta casa venho *porfumar*
P'ra que as bruxas,
Fêtecêras e art' *endiaból'oa*
Nesta casa nã' *possom* entrar:
Em *lavor* do Santíssimo
Sacramento do altar,
O azar me saia *p'rà* rua
E a sorte me venha cá *drento* parar.

Outra :

Quatro cantos tem a *'nha* casa
Quatr' anjos *p'rà gòrdar :*
S. Pedro e S. Francisco,
S. João Baptista e S. João *Envanslista* !
Em *lavor* do SS.mo Sacramento do altar,
É', *Fulana*, a *'nha* casa *'tou* a *porfumar*
P'ra tod' o mal da *'nha* casa sair
E todo o bem nel' entrar !
Jasus! Santo nome de *Jasus* !
Ond' entrou *Jasus* não se deu mal *ninhum*

(73) — Os sete perfumes empregados são: arruda, alecrim, sal, *gadelha* de lã suja, *travisco*, incenso e alhos.

Preparam cinco pedacinhos de cada um deles e deitam-nos em cruz, dentro de uma tigelinha de barro onde prèviamente se meterum umas brasinhas. Em seguida vão defumando as casas (cada uma das dependências da habitação) segurando a tigela com a mão esquerda e fazendo uma cruz de um ângulo de cada compartimento ao ângulo oposto, ao mesmo tempo que pronunciam as palavras do ensalmo.

Ao pronunciarem-se os últimos dois versículos, faz-se o gesto respectivo: aponta-se para a rua, para sair o azar e para o interior da casa, para a sorte entrar...

Variante :

Fulana, a sua casa 'tá a *porfumar*
P'ra que *bruxas, pragas e rezas*
A 'nha casa *venhom dêtar* :
Tud' a casa dela vá parar !
Em *lavor* do SS.^mo Sacramento do Altar
Tod' o mal da *'nha* casa *'tou 'àfastar*
P'ra tod' o bem nel' entrar !
Este sal no *mê' porfume* vou *dêtar*,
Arruda, alecrim e três folhas d' *oliva*
P'ra de tod' o mal me livrar !
Alecrim bento, alecrim sagrado
Fostes narcido sem ser *samiado*
Como *narcestes* sem ser *samiado*
Narça e *cre'ça* o bem *p'rà 'nha* casa
E o mal a quem mo desejar.
Em nome de Deus e da *Virja* Maria
Padre nosso e *Avem* Maria

Rezam o P. N. e a A. M. e oferecem à sagrada Paixão e Morte de *Nós' Senhô' Jasu Cristo* p'ra que o bem venha p'ra casa e o mal... para quem desejar.

Enquanto recitam o ensalmo devem conservar na mão esquerda a pá ou tigela de barro, na qual se queima o alecrim, a arruda e folhas d'oliva. Percorridas todas as dependências da casa colocam a pá no chão e deixam fumigerar até se extinguir, por si, o lume.

Eis outra prática muito conhecida para afugentar as bruxas e evitar os seus malefícios :

Orga... Orga... Orga...
Três vezes orga...
Chave na bôca
Nariz na porta...
Bruxas e *fêtecêras*
Desta casa p'ra fora!...

Enquanto pronuncia estas palavras mágicas, a executante vai fazendo o sinal da Cruz. Há também quem utilize a água benta e, introduzindo nesta um pincel, asperge, em cruz, a cada canto da casa ao mesmo tempo que se proferem as palavras do ensalmo.

Para libertar uma criança embruxada costuma proceder-se do seguinte modo: Reunem-se em casa da *doente* um *Manel* e 'ma Maria. Ao meio da casa está uma tripeça. O Manuel e a Maria sentam-se no chão ficando a tripeça entre ambos. Em seguida o *Manel* pega na criança, benze-a e diz-lhe:

Manel: Fulano, quem t' *encalhou* ?
Maria: 'ma alma *pordida* que por *i* passou!
Manel: Quem t' *encalhou t'* ha-de *desencalhar*

Em nome de *Dê's* e da Virja,
Toma lá Maria (passa a criança)

Maria: *Dêxa cá ver Manel !*
Fulano, quem t' *encalhou ?*

Manel: 'ma alma *perdida* que por *i* passou.

Maria: Quem t' *encalhou* t' há-de *desencalhar*
Em nome de *Dê's* e da Virja
Toma lá *Manel*

Manel, aceitando a criança:
Dêxa cá ver, Maria... etc.

A criança é assim passada de um para o outro, cinco, sete ou nove vezes, por debaixo da tripeça. Em seguida rezam cinco, sete ou nove Padre-Nossos, outras tantas Ave Marias e oferecem a S. Cipriano para que interceda pelo *injinho,* o livre da perniciosa influência das bruxas... e lhe restitua a saúde perdida...

Há também quem recorra a outra prática, semelhante à descrita, utilizando a *cruz de trovisco* (de que nos fala o Conde de Monsaraz em sua admirável e extravagante poesia a que deu aquele título — ver *Alentejo cem por cento,* pag. 168) ou a *popia* ou coroa de trovisco. Neste caso a cena passa-se na encruzilhada de uma estrada a horas mortas da noite. Os pais da criança, pegam na coroa de trovisto e o *Manel* e a Maria passam-na de um para o outro, por dentro do círculo de trovisco. Acabada a *cerimónia, desmancham* a *popia* e espalham os destroços pela encruzilhada, devendo regressar a casa sem olhar para trás...

Do *Grande Livro de S. Cipriano — Tesouro do Feiticeiro,* edição de 1885, «a mais completa que se tem publicado até hoje» e cujá propriedade «por escritura lavrada nas notas do tabelião Godinho, passou para Frederico Napoleão da Victória, livreiro-editar em Lisboa» — transcrevemos algumas «instruções aos *religiosos* ou *religiosas que vão tratar duma moléstia»...*

«Regra que todo o religioso deve estudar para saber se as mo-
«léstias de que vai tratar são ou não obra de feitiçaria ou do diabo:
«Não devemos fàcilmente crer que todas as moléstias são feitiços ou
«arte do demónio, pois estamos a ver a cada passo pessoas que padecem
«de moléstias naturais; mas, quando a doença se prolonga e não tem
«cura atribuem-na a feitiços, quando é o contrário... Costumam ir a casa
«de certos homens e de certas mulheres que pouco sabem conhecer o que
«é natural ou sobrenatural e começam a fazer esconjurações e às vezes
«a amaldiçoarem espíritos que em nada são culpados.

«Essas impostoras e impostores ficam sendo amaldiçoados por
«Deus como diz S. Cipriano na sua obra cap. XVI. Rogo, pois, de todo o
«meu coração, aos religiosos que estudem com atenção estas instruções
«para não se exporem á maldição do Criador, isto é porque havemos de
«notar que tudo quanto fizermos é em nome de Jesus Cristo e, por esse
«motivo, não o devemos ofender, mas sim invocar o seu Santo Nome
«para que nos assista à hora em que estivermos a orar pelo enfermo,
«para não sermos enganados se a moléstia é ou não obra do feitiço ou
«dos espíritos infernais.

«No fim destas instruções citarei uma oração em latim, para «ser lida junto ao enfermo, por três vezes, porque se fôr feitiço ou espí«ritos benignos ou malignos eles falarão, declarando que estão dentro «da criatura, pois logo ela principia a affligir-se convulsivamente.

«Dado este caso, tende a certeza de que a moléstia é sobrenatu«ral e não natural e, portanto, logo devereis dizer :

«Eu te rogo espírito, em nome de Deus Todo Poderoso que me «declares porque é que andas a molestar este corpo (aqui pronuncia-se o «nome do enfermo); pois eu te conjuro para que me digas o que pre«tendes do Mundo Corporal ?

«Aqui está o protector que vai rogar ao Senhor por ti para que «sejas purificado no reino da glória.

«No fim desta invocação o religioso logo compreende se o espí«rito anda no mundo á procura de caridade, porque logo que lhe diga «*vou rogar por ti*, o doente sossega e fica tranquilo. Se assim acontecer, «devem todos pôr-se de joelhos e dizer em côro, a seguinte *oração pelos* «*bons espíritos, para os levar a Deus e deixarem a criatura* ....

«Quando se diz ao espírito *tu sossega que eu oro a Deus por ti* e «a pessoa se aflige ainda mais, isto denota que o espírito que tem den«tro é mau. Faça-se então a esconjuração de S. Cipriano. ....

«Esta oração deve dizer-se em latim para que o doente não pos«sa usar de impostura, isto porque, não sabendo o doente quando se «há-de mover ou estar quieto, não poderá enganar o religioso.............

«Se o religioso entender que é demónio ou alma perdida diga a «ladainha e depois ponha-lhe o preceito que vai adiante ....

«Este *preceito ao demónio para que não mortifique o enfermo* «*durante o tempo em que se esconjura*, deve dizer-se muitas vezes, prin«cipalmente às mulheres grávidas, para que não tenham algum vómito, «com os fortes ataques que os demónios causam nesta ocasião:

PRECEITO

«Eu como criatura de Deus, feita à sua imagem e semelhança e «remida com o seu santíssimo sangue, vos ponho preceito, demónio ou «demónios, para que cessem os vossos delírios, para que esta criatura «não torne a ser por vós atormentada, com as vossas fúrias infernais.

«Pois o nome do Senhor é forte e poderoso, por quem eu vos cito e «notifico que vos ausenteis deste lugar para fora. Eu vos ligo eterna«mente no lugar que Deus Nosso Senhor vos destinar; porque com o «nome de Jesus, piso, rebato e vos aborreço mesmo do meu coração para «fora. O Senhor seja comigo e com todos nós, ausentes e presentes, para «que tu, demónio, não possas jamais atormentar as criaturas do Senhor. «Fugi, fugi, partes contrárias, que vencem o leão de Judá e a raça de «David. Amarro-vos com as cadeias de S. Paulo e com a toalha que lim«pou o Santo rosto de Jesus Cristo, para que jamais possais atormentar «os viventes.

«Em seguida faça-se o acto de contrição. Depois disto deve dizer-se «a *oração de S. Cipriano para desfazer toda a qualidade de feitiçarias e* «*esconjurações dos demónios, espíritos malignos* ou ligações que te«nham feito homens ou mulheres ou para rezar em uma casa que se

«julgue estar possessa de espíritos malignos e mesmo para tudo que diga «respeito a moléstias sobrenaturais.

Reza-se, em seguida, mas sem pronunciar o nome do Santo, a oração de S. Cipriano. Por ser demasiado extensa, ocupando algumas páginas do livro, apenas reproduzimos aqui algumas passagens :

«Eu, Cipriano (o executante deve falar em seu próprio nome e não «no do Santo), servo de Deus a quem amo de todo o meu coração, corpo «e alma e pesa-me de vos não amar desde o dia em que me deste o ser...

... ...

«Vós que vistes as malícias deste vosso servo Cipriano e tais malí«cias pelas quais eu fui metido debaixo do pôder do diabo; mas eu não «conhecia o vosso santo nome.

«Ligava as mulheres, ligava as nuvens do ceu, ligava as águas do «mar para que os pescadores não pudessem navegar, para não pescarem «o peixe para sustento dos homens.

«Pois eu, pelas minhas malícias e grandes maldades ligava as «mulheres prenhas para que não pudessem parir. E todas estas coisas «eu fazia pelo poder do demónio ....

«Agora meu Senhor e meu Deus conheço o vosso santo nome e o «invoco e torno a invocar para que sejam desfeitas e desligadas as bru«xarias e feitiçarias da máquina ou do corpo desta criatura (fulano).

«Pois eu vos chamo, ó Deus poderoso, para que rompais todos os «ligamentos dos homens ou mulheres.

«† Caia a chuva sobre a face da terra para que de seus frutos as «mulheres tenham seus filhos livres de qualquer ligamento que lhes «tenham feito; desligue o mar para que os pescadores possam pescar. «Livre de qualquer perigo, desligue tudo quanto está ligado nesta cria«tura do Senhor; seja desatada, desligada de qualquer forma que o «esteja. Eu a desligo, desalfineto, rasgo, calço, descalço tudo, boneco «ou boneca que esteja em algum poço ou levada para secar esta criatura «(fulano), pois todo o maldito diabo e tudo seja livre do mal e de todos «os males ou maus feitos, feitiços, encantamentos ou superstições, artes «diabólicas ....

«Pelas virtudes e nomes que nesta oração estão, pelo louvor de Deus «que fez todas as coisas, pelo Padre †, pelo Filho †, pelo Espírito Santo †, «(fulano), se te está feita alguma feitiçaria nos cabelos da cabeça, «roupa do corpo ou da cama, no calçado ou em algodão, seda, linho ou «lã; em cabelos de cristão, mouro ou hereje; em ossos de criatura hu«mana, de aves ou qualquer animal; em madeira, livros ou em sepultura «de cristãos ou mouros, em fonte ou ponte, altar ou rio, em casa ou em «paredes de cal; em campo ou em lugares solitários; dentro das igrejas «ou repartimentos de rios; em casa feita de cera ou mármore; em figu«ras feitas de fazenda; em sapo ou em saramantiga; em bicha ou bicho «de mar ou rio; em lameiro ou em comidas ou bebidas; em terra do pé «esquerdo ou direito ou em qualquer outra coisa que se possa fazer «feitiço... Todas estas coisas sejam desfeitas e desligadas deste servo «*(fulano)* do Senhor, tanto as que eu, Cipriano tenho feito, como as «que têm feito essas bruxas servas do demónio; isto tudo seja tornado «ao seu próprio ser que dantes tinha ou em sua própria figura ou em «que Deus a criou.

«Santo Agostinho e todos os Santos e Santas, por santos nomes, «façam que todas as criaturas sejam livres do mal do demónio. Amen.

Se o espírito mau não sair logo, deve repetir-se o «preceito» e em seguida fazer as esconjurações.

† PRIMEIRA ESCONJURAÇÃO

«Eu, Cipriano (ou eu, *fulano*), da parte de Deus Nosso Senhor Je-«sus Cristo, absolvo o corpo de *fulano* de todos os maus feitiços, encan-«tos, encanhos, empates que fazem e requerem homens e mulheres em «nome de Deus N. S. J. C., Deus de Abrahão, Deus muito grande e pode-«roso! Glorificado seja, para sempre, em seu santíssimo nome, destrui-«dos, desfeitos, desligados e reduzidos ao nada todos os males de que «padece este vosso servo *fulano;* venha Deus com seus bons auxílios por «amor de misericórdia que tais homens ou mulheres que são causado-«res destes males que sejam já tocados no coração para que não conti-«nuem com esta maldita vida». ....

«Pelo Santíssimo nome de Deus N. S. J. C. e todas coisas aqui no-«meadas sejam desligadas, desenfeitiçadas, desalfinetadas de todos os «empates que sejam formados por arte do demónio ou seus companhei-«ros; seja tudo destruido que o mando eu da parte do Omnipotente para «que já sem apelação sejam desligados e se desliguem todos os maus «feitiços e ligamentos e toda a má ventura, por Cristo Senhor Nosso. «Amen.»

† SEGUNDA ESCONJURAÇÃO

«Esconjuro-vos, demónios excomungados ou maus espíritos bap-«tisados, se com os laços maus, feitiços, encantamentos do diabo, da «inveja, ou seja em ouro, prata ou chumbo, ou em árvores solitárias, «seja tudo destruido e desapegado e não prenda coisa ao corpo de *(fu-«lano)* ou casa, pois de aqui em diante se o feitiço ou encantamento «está em algum idolo celeste ou terrestre, seja tudo destruido da parte «de Deus, pois todo o *infernerium* ou toda a linguagem eu confio em «Jesus Cristo, nome deleitável; ....
«fujam todos os demónios, fantasmas e todos os espíritos malignos em «companhia de Satanaz e de seus companheiros, para as suas moradas «que são nos infernos e onde estarão perpètuamente em companhia de «todos os feiticeiros e feiticeiras que fizeram a feitiçaria a esta criatura «*(fulano)* ou nesta casa, e a tudo quanto a mesma casa encerra, fique «desfeito e anulado, esconjurado, quebrado e abjurado, debaixo do po-«der da Santíssima Obediência, pelo poder do Creio em Deus Padre e «das Três Pessoas da Santíssima Trindade e do Santíssimo Sacramento «do Altar. Amen. Com toda a Santidade, eu vos esconjuro e degredo, de-«mónios malditos, espíritos malignos, rebeldes ao meu e teu Criador! «Pois eu vos ligo e torno a ligar, prendo e amarro às ondas do mar «coalhado, onde não canta galinha nem galo...
«Levanto, quero, abjuro e esconjuro todos os requerimentos, empates, «preceitos e obrigas que fizestes a este corpo de *(fulano)*. Desde já fi-«cais citados, notificados e obrigados, tu e os teus companheiros, para

«seguirdes o caminho que Jesus vos destinar, isto sem apelação nem «agravo pelo poder de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima «e do Espírto Santo e das Três Pessoas da Santíssima Trindade e que é «um só Deus verdadeiro em quem eu firmemente creio e por quem e.. «levanto pragas e raivas, vinganças e medos, ódios e más vistas; quebro «e abjuro todos os requerimentos, embargos, empates, preceitos e obri- «gas, pelo poder do Santo Verbo Encarnado, pela virtude de Maria San- «tíssima e de todos os Santos e Santas, Anjos, Querubins e Serafins, «criados por obra e graça do Espírito Santo. Amen».

«—Quando o religioso acabar o que acima fica escrito, o demónio «grita e diz: — *«Eu não sou «Satanaz», mas sim uma alma perdida; po- «rém, ainda tenho salvação.»*

«—O religioso pergunta-lhe: *«Queres que ore por ti?»*. A *alma* res- «ponde: — *«Quero sim!-* Após esta resposta, ponham-se todos de joe- «lhos e digam a *Oração pelos bons espíritos* que vai, neste Livro, pois «muitas vezes acontece estar-se a esconjurar uma alma que precisa de «orações e não de esconjurações»...

† TERCEIRA ESCONJURAÇÃO

«Eis a Cruz † do Senhor; Fugi, fugi, ausentai-vos inimigos da Natu- «reza; Eu vos esconjuro em nome de Jesus, Maria, José, Jesus de Naza- «reth, rei do Judeus. Eis aqui a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Fugi «partes inimigas, venceu o leão da tribo de Judá e a raça de David.»

... ...

... ...

«Dou fim a esta oração e darão fim as moléstias nesta casa pela «*bichação* dos espíritos malignos.»

Segue-se uma *«Oração ao Senhor ou louvores por ter livrado o enfermo do poder de Satanaz ou dos seus Aliados»*... que não oferece interesse de maior ao etnógrafo, razão por que nos abstemos de a repro- duzir aqui.

Avisa-se em seguida, o praticante de que, passados três dias, se o enfermo não ficar de todo livre com estas orações, deve tratar-se de uma «Morada aberta»... que é preciso fechar...

«MODO COMO SE HÁ-DE FECHAR A MORADA»

«Tome-se uma chave de aço, em ponto pequeno e deite-se a bênção «da forma seguinte:

«O Senhor lance sobre ti a sua Santíssima benção e o seu Santis- «simo poder para que te dê a virtude eficaz, para que toda a morada ou «porta por onde entra Satanaz, que por ti seja fechada, jámais o demó- «nio ou seus aliados por ela possam entrar» ....
«(Deita-se água benta em cruz sôbre a chave)».

« † PALAVRAS SANTÍSSIMAS QUE O RELIGIOSO DEVE DIZER «QUANDO ESTIVER A FECHAR A MORADA». *A chave deve estar sobre o «peito do enfermo como se estivesse a fechar uma porta:*

«Ó Deus Omnipotente que do seio do Eterno Pai vieste ao Mundo «para salvação dos homens, dignai-vos, pois, Senhor, de pôr preceito ao

«demónio ou demónios, para que eles não tenham mais o poder e atre-
«vimento de entrar nesta morada. Seja fechada a sua porta, assim co-
«mo Pedro fecha as portas do Céu às almas que lá querem entrar sem
«que primeiro expiem as suas faltas.

«(O religioso finge que está a fechar uma porta no peito do en-
«fermo).

«Pois eu *(fulano)* em vosso Santíssimo nome ponho preceito a esses
«espíritos do mal para que desde hoje para o futuro não possam mais
«fazer morada no corpo de *(fulano)*, que lhe será fechada esta porta
«perpètuamente, assim como lhe é fechada a do reino dos espíritos pu-
«ros. Amen.»

«—No fim desta oração, escrevam em um papel o nome de Satanaz
«e queimem-no dizendo: *«Vai-te Satanaz, desaparece como o fumo da
«chaminé.»*

«No fim de tudo que fica dito, se o enfermo ainda não estiver cura-
«do, tornem a dizer-lhe a oração de S. Cipriano».

Mais adiante vem outra extensa *«oração para curar todas as mo-
léstias ainda que sejam naturais»*, no fim da qual se faz o seguinte «avi-
so»:

«Esta oração pode dizer-se a quem padecer de qualquer moléstia:
«seja pelo padecimento que for, principalmente erisipela, fogo, bicha
«ou bicho; finalmente para todas as misérias da vida.»...

E' curiosíssimo este *«Grande livro de S. Cipriano»*, onde a su-
persticiosa crença e a ingenuidade aldeã encontram remédio para tudo...

O que deixamos transcrito é apenas uma amostra das mil e uma
práticas misteriosas, tão heréticas quão absurdas, que nele se contêm e
em que o Povo ingènuamente acredita...

Muitas outras se encontram em capítulo especial — *«Mistérios
da feitiçaria, extraídos de um Manuscrito de mágica preta que se julga
do tempo dos mouros.»*

Este capítulo começa assim:

« Procedendo-se a umas escavações na Aldeia de Penacova, no ano
«1410, encontrou-se ali um Manuscrito em perfeito estado de conser-
«vação. Neste pergaminho precioso encontraram-se coisas muito curio-
«sas, algumas das quais vamos apresentar aos leitores, convictos de que
«lhes prestamos um bom serviço.»

«Foi este pergaminho, existente na biblioteca de Évora, que deu
«assunto a um livro de enguerimanços, muito aceite hoje no Brasil,
«intitulado *Livro do Feiticeiro.*

«Aí vai parte dessas misteriosas práticas (74).

1. *Grande mágica das favas...*
2. Mágica do osso da cabeça de gato preto...
3. Outra mágica do gato preto...

(74) — Limitamo-nos a registar aqui apenas os títulos de algumas delas, pois o livro de que nos estamos servindo, contém mais de 350 páginas...

4. Outra mágica do gato preto, para fazer mal...
5. Outra mágica do gato preto e a maneira de gerar um diabinho com olhos de gato...
6. Maneira de obter um diabinho tomando pacto com o demónio...
7. Feitiçaria que se faz com dois bonecos...
8. Encantos e mágica da semente de feto e suas propriedades...
9. A mágica do trevo de quatro folhas cortado na noite de S. João, ao dar a meia-noite...
10. Mágica ou feitiçaria que se faz com dois bonecos para fazer mal a qualquer pessoa...
11. Mágica de um cão preto e suas propriedades...
12. Segunda mágica ou feitiçaria do cão preto...
13. Receita para obrigar o marido a ser fiel...
14. Receita para ensinar as senhoras solteiras, e até mesmo as casadas a dizerem tudo o que fizeram ou tencionam fazer...
15. Receita para ser feliz nas coisas que se empreendam...
16. Receita para fazer-se amar pelas mulheres...
17. Receita para fazer-se amar pelos homens...
18. Verdadeira oração para enxotar o demónio do corpo...
19 Oração que preserva do raio...
20. Mágica das uvas e suas propriedades...
21. Feitiçaria que se faz com um sapo para obrigar a amar contra vontade...
22. Feitiço do sapo com olhos cosidos...
23. Feitiço do sapo com a boca cosida a retróz preto quando se quer que o feitiço faça mal e não bem...
24. Feitiçaria do sapo para amar contra vontade a quem não quer, ou para fazer casamentos...
25. Receita para ganhar ao jogo...
26. Receita para converter o bom no mau feitiço...
27. Receita para apressar casamentos...
28. Mágica da agulha passada três vezes por um defunto...
29. Mágica da pomba preta encantada...
30. Mágica do ovo, feita em noite de S. João...
31. Feitiçaria que se faz com cinco pregos tirados dum caixão de defunto...
32. Receita infalível para casar...
33. Feitiço que se faz com um morcego para fazer amar...
34. Feitiço que se pode fazer com malvas colhidas em um cemitério...
35. Espíritos diabólicos que infestam as casas com estrondos e remédios para os evitar...
36. Remédio infalível para desligar amizades...
37. Feitiçaria do bolo doce para fazer mal...
38. O poder da cabeça de víbora para fazer o bem e o mal...
39. Mágica da coelha grávida pendurada no tecto.
40. Modo engenhoso de saber quem são as pessoa que nos querem mal... etc.... etc.... etc....

Pelo que temos verificado (e os títulos transcritos o confirmam), estas práticas, exercidas preferentemente pela mulher, relacio-

nam-se, quase sempre, com questões de amor. No homem — pois elas também contam um considerável número de crentes no sexo forte — estão ligadas, com mais frequência á possibilidade de conhecer o futuro ou a riqueza... Porém, quando se trata de recuperar a saude perdida ou de evitar a doença, ambos os sexos se reunem na mesma aspiração, executam as mesmas práticas, aplicam os mesmos unguentos e murmuram as mesmas rezas e benzeduras que o apaniguado *século das luzes* ainda não conseguiu — e dificilmente conseguirá — banir da face da Terra !...

Vejamos algumas dessas práticas, heréticas e absurdas, que nos foi possível recolher, e que são usadas para conseguir... *reatar relações amorosas*, interrompidas por qualquer banal *arrufo de namorados* ou para os desligar.

A que segue costuma ser feita ao meio dia, ao *toque das almas* ou à meia noite, estando a executante em *roupas menores*, de cabelos soltos e de joelhos, atrás da porta :

A esta porta venho bradar
Por nov'almas venho chamar :
Três enforcadas, três estranguladas
E três mortas a ferro-frio.
Todas três, todas seis, todas nove
Da sepultura se levantarão,
Em vão, coração !
P'ra que *Fulano* não possa estar,
Nêi dromir, nêi estar em parte nenhuma
Sêi comigo vir falar !...

Variante :

Ós bêrais desta porta me venho *prantar*
Polas nove almas mais aflitas venho *bràdar,*
Três enforcadas, três degoladas,
Três mortas a ferro frio.
Todas três, todas seis, todas nove
Da sepultura se levantarão
E ao campo de Júdas irão
E um *vime* apanharão.
No coração de *Fulano* o cravarão
Cravarão!... cravarão !...

(Ao dizer estas palavras a praticante espeta uma faca de cabo preto ou uma tesoura num coração de cortiça, coberto de pano encarnado... e grita em «brado soturno») :

Almas! Almas! Almas !
Que vocês nã' tenham sossego
Enconto nã' me *fezerem* este *milagre :*
Que *Fulano* nã' possa comer, nêi *bober,*
Nêi dromir, nêi descansar
Nêi com outra mulher falar
Enconto comigo nã' vier *tar* !...

Para *desligar amizades* são também conhecidas muitas práticas semelhantes, a que o vulgo, com certa frequência recorre.

Eis uma delas que—segundo dizem—é remédio infalível :

Prepara-se, em água suficiente, um cozimento de

2 gramas de verbena,
30 gramas de *povides* de *remã*
20 gramas de *raiz-de-mil-homens* (?)
150 gramas de mastruços e
100 gramas de casca de banana verde.

Deixa-se ferver numa *pucra* de barro nova, até ficar reduzido a um decilitro. Passa-se, em seguida, para uma frigideira de cobre e junta-se-lhe 125 gramas de tutano de carneiro, 50 gramas de unto sem sal e 20 gramas de alc.

Preparado assim este ingrediente, deita-se uma pequena porção na comida da pessoa que se aborrece, durante oito dias seguidos e diz-se :

«Por bem ou por mal, e com o *àxilho* de *Dê's* a quem adoro de todo o meu coração, tu *há-des* ir a outra parte procurar amor, longe de mim e, *enconto* me nã' *dêxares*, que *sejes* maldito pelo poder da mágica preta *carcerêra*».

No fim desses oito dias — *p'ra desligar por completo !* — deve fazer-se uma omolete de ovos com o resto dos ingredientes e carne de carneiro e dá-la a comer a um cão que tenha algum sinal preto na cabeça... Logo que este acabe de a comer, bate-se-lhe com um *chavelho* de carneiro, queimado de ambos os lados, até o cão ganir três vezes. Solta-se então e atira-se-lhe com o chavelho acima rematando :

«Que *Fulano* fuja de mim, p'ra sempre, com aquela *legeréza*»!...

Para *enfeitiçar* o namorado, a praticante costuma servir-se, muitas vezes, de qualquer objecto ao mesmo pertencente. Uma vez em seu poder o objecto desejado — lenço ou qualquer peça do vestuário — dá-lhe cinco pontos em cruz, dizendo as palavras seguintes :

«*Fulano ê'* t' *enfêtiço polo* poder de Maria *Pandilha* e de tod' a *su' familha*, p'ra que tu nã' vejas o sol *nêi* a lua *enconto* nã' casares comigo, isto *polo* poder da mágica *feticêra casadêra*» !...

Vejamos ainda como é possível saber-se quem são as pessoas que nos *querem mal*...

Quando alguém sente calor na orelha esquerda, comichão na ponta do nariz, na palma da mão, etc., costuma o vulgo dizer, por tal motivo, que estão a falar em seu desabono *('stão a dezer mal de si) !...*

O paciente deve, então, esfregar a parte comichosa, quatro vezes, em cruz, e pronunciar, de joelhos a seguinte *oração*

Por *Dê's* e *pola Virja*
E por tud' o que há santo
Se quebr' este encanto
Com pedras de sal !...

Nã' sê' o motivo
Por que haj' homem vivo
Que me *quêra* mal !...

Ao pronunciar as palavras «com pedras de sal», deita algumas no lume e, enquanto aquele estala, continua a oração até ao fim. Faz, em seguida, três vezes, o sinal da cruz e deita no lume uns bagos de anilina encarnada.

A pessoa que estava a dizer mal da praticante virá à sua presença no prazo de 24 horas e com tantas manchas vermelhas no rosto quantos os bagos de anilina que tiverem sido lançados ao lume !...

Se isto fosse verdade, quão grande seria o consumo de anilina neste mundo de *má-linguas...*

O povo recorre ainda á bruxa ou feiticeira para aparecer qualquer objecto perdido ou roubado.

Nestes casos, costuma ser feita a *encomendação à morte a ferro (a morte e ferro* ou *ao homem morto a ferro* — como algumas vezes temos ouvido dizer).

E' crença popular que tal objecto, assim encomendado, há-de, infalivelmente, aparecer, sob pena de a pessoa que o achou ou roubou contrair *doença incurável* que em pouco tempo a há-de levar, sem remissão, às profundezas do inferno...

Diremos por último, neste capítulo, que há indivíduos com quem *as bruxas não têm entrada !*

Esta espécie de imunidade congénita verifica-se, em muitas pessoas, pela existência de um pequeno sinal característico — *um sinalinho preto* — que tais indivíduos têm em qualquer região do corpo, não visível a seus próprios olhos — *costas* ou *nalgas*, por exemplo.

APARIÇÕES

A crença em «aparições» — almas do outro Mundo, fantasmas e *luzinhas nocturnas* — ou em *«medos»* — *vultos* ou *«gravultos», sombras e avejões* — está ainda e de tal modo, arreigada na alma popular, que quase diàriamente nuns e noutros se ouve falar, como se fosse a coisa mais natural deste mundo !...

A existência de tão velhas como supersticiosas crendices não constitui, evidentemente, novidade para os que nos lêem. Contudo, falando nelas e registando aqui as de que temos conhecimento, julgamos contribuir, embora modestamente, para o seu estudo em Terras do Baixo Alentejo.

ALMAS DO OUTRO MUNDO — FANTASMAS E LUZINHAS NOCTURNAS

Tais visões, segundo se acredita, aparecem a certos indivíduos, crentes em que vêm a este mundo as almas daqueles que deixaram de existir, espíritos *«desenfelizes» que vagueiam no espaço, sem terem entrada no Céu,* quer porque, em vida, deixaram de cumprir certas *pro-*

messas, quer porque não expiaram ainda todas as suas culpas ou, após a morte, se lhes não rezaram orações, nem disseram missas pelo seu eterno descanso...

Note-se, contudo, que estas *aparições* só são *vistas* por indivíduos que nelas acreditam porque — interpreta o povo — aos «pobres espíritos» *(almas penadas* ou *almas errantes*, cuja única missão é pedirem orações para se purificarem), nada aproveitaria dirigirem-se aos *incrédulos* que, amaldiçoando-os, por ventura tornariam mais atrozes ainda seus sofrimentos!...

Na edição do «*Grande livro de S. Cipriano*», de que já atrás falámos, encontra-se o seguinte aviso:

«Quando vos aparecer uma visão não a esconjureis porque então ela «vos amaldiçoará, vos *impeçará* em todos os vossos negócios, e tudo vos «correrá torto; recorrei, porém à *oração pelos bons espíritos* porque logo «aliviareis aquele mendigo que busca esmola, pelas pessoas caritativas.

«Olhai, irmãos: o diabo poucas vezes aparece em *fantasma* porque «os demónios eram anjos e não têm corpos para se revestir; por isso vos «recomendo que, quando virdes um fantasma em figura de animal, então «é certo ser demónio, e deveis esconjurá-lo e fazer uma cruz †. Mas, se «o fantasma for em figura humana, não é o demónio, mas sim uma alma «que busca alívio às suas penas»...

... ...

«Feliz a criatura que é perseguida pelos espíritos, porque é certo «essa pessoa ser boa criatura, que os espíritos a perseguem para que ela «ore ao Senhor por eles, que é digna de ser ouvida pelo Criador. E' por «esta razão que uns são mais perseguidos de fantasmas. Ora há muitos «espíritos que não adoptam o sistema de aparecerem em fantasmas, mas «aparecem nas casas dos seus parentes, fazendo de noite, barulho, ar«rastando cadeiras, mesas e tudo quanto há na casa; um dia matam «um porco, noutro dia uma vaca e assim corre tudo para trás naquela «casa, por falta de inteligência dos habitantes porque se recorressem «logo às orações, eram livres do espírito e cometiam uma obra de cari«dade»...

Sem dúvida, a leitura deste livro (infelizmente, tão conhecido das camadas populares, que o guardam e veneram como coisa sagrada), tem contribuído para avivar a crença em semelhantes práticas, *espevitando* a curiosidade mórbida das multidões, cada vez mais ansiosas por desvendar os mistérios do Além, pelas chamadas *ciências ocultas*...

Das transcrições feitas se conclui que também os *maus espíritos* costumam incomodar os pobres mortais...

No mesmo livro fomos encontrar capítulo especial tratando de *espíritos diabólicos que infestam as casas com estrondos e remédios para os evitar!*...

Aqui, depois de se afirmar «ter demonstrado a *experiência* (o itálico é nosso) que alguns lugares e casas são infestados por espíritos que as inquietam com estrondos e aparições», invoca-se o testemunho da *história*, na qual, segundo se afirma, «não faltam exemplos referidos por mui graves autores, a quem se não deve negar o devido crédito» — Santo Agostinho *(Cidade de Deus*, L. 22, Cap. VII), João Diácono *(Vida*

de S. Gregório, Cap. LXXXIX), Plutarco *(Vida de Dionísio Ciracusano)* e tantos outros, que não vale a pena enumerar.

Não admira, pois, que, com semelhantes leituras e com o que a tradição oral vai transmitindo de geração a geração, a crença popular em tais «aparições» se encontre ainda muito espalhada pelas nossas aldeias, como pelas vilas e até pelas próprias cidades. Em algumas delas são conhecidos casos de moradias que não encontram inquilino porque— segundo voz corrente — nelas aparecem *fantasmas* e outras *aparições* que pela noite adiante, incomodam toda a vizinhança com estrondosos rumores...

Conta-se até que, por idêntico motivo, o filósofo Atenedoro comprou, outrora, em Atenas, por baixissimo preço, certa moradia, que ninguém queria habitar «por nela aparecer um fantasma em figura de velho, com aspecto esquálido, rosto macilento, barba comprida, cabelos *arripiados*, mãos atadas com cadeias e pés com grilhões que arrastava»... Quando lhe apareceu semelhante visão, o filósofo, correspondendo à sua chamada, seguiu-a até o quintal da casa. E tendo a visão alì desaparecido, mandou o filósofo cavar a terra no dia seguinte e nela encontrou um cadaver amarrado com cadeias e grilhões, tal como lhe aparecera o fantasma. Dada sepultura condigna ao corpo encontrado, a aparição não mais tornou a incomodar o filósofo que tranquilamente pôde disfrutar a casa adquirida por irrisória quantia!...

Como este *caso*, referido no Livro de S. Cipriano, apontam-se, às dezenas, outros ocorridos em muitas das nossas povoações...

Entre nós, porém, com mais frequência eles costumam atribuir--se a acção de bruxas ou a *almas do outro mundo*, que vêm comunicar com os vivos para destes obterem certos favores ou graças, pelas quais se possam tornar merecedoras do descanso eterno.

A forma por que se manifestam, revestem os mais variados aspectos, como o denunciam as palavras que servem de título a este capítulo.

A propósito de cada aparição fazem-se os mais absurdos comentários, e o mistério de que são rodeados põem uma povoação inteira em alvoroço; todos querem *ver* com seus próprios olhos, *observar*, *ouvir*...

No rosto de uns transparece, por vezes, a dúvida, a espectativa, o desejo de desvendar o mistério!... No de outros, há visiveis sinais de terror, de tragédia que não sabe como evitar-se!...

A *alma do outro mundo* vai manifestar-se... Todos os presentes suspendem a respiração!... Já se ouvem os primeiros rumores no telhado...

A quantos, estarrecidos de pavor, se põem os cabelos em pé ou gela o sangue nas veias!...

O vento *«zone»* lá fora, as pedras *«fervem»* no telhado, as portas batem, os móveis mudam-se de um para outro lugar — que tudo isto ouvem e vêem muitos dos espectadores!...

E' preciso enfrentar a situação, vencer o tremor e... *«requerer»*, confiante:

«Se és alma do outro mundo
eu te requeiro que me digas

quem és e o que queres porque
eu te farei, se puder»!...

Se o «requerente» reconhecer na «aparição» qualquer *defunta pessoa de família*—como, geralmente, acontece, e isto porque as súplicas feitas nestas condições, nunca deixam de ser atendidas — dirá simplesmente :

«F..., *da parte de Deus te requêro;*
diz' o que queres»!...

E o *espírito dos mortos* fala... conta suas mágoas... diz o que devem fazer os parentes, para que possa descansar o sono eterno dos justos...

Todos os presentes, comovidos e contritos, rezam, então, por esta *alma errante:*

«Sai, ó alma cristã, que andas a expiar tuas faltas, sai deste Mun«do! Vai, ó alma cristã! Acabe-se o teu martírio! Vai, em nome de Deus «Todo Poderoso, que te criou; em nome de *Jasu*-Cristo, Filho de Deus «Vivo, que por ti padeceu; em nome do 'Sprito Santo, que te comunicou! «Aparta-te deste lugar (ou deste corpo) aonde estás porque o Senhor «t' *arrecebe* no *sê' Rêno* e te dá lugar de descanso e gozo da paz eterna, «na Cidade Santa do *celestrial* Sião, aonde o louves por todos os séculos «sem fim, Amẽi»...

Escusado será dizer que os «desejos» do morto que acaba de manifestar-se (as promessas que em vida deixou de cumprir ou as missas ou esmolas necessárias para sua salvação), costumam ser observados com o maior rigor e sem perda de tempo, ainda que para tanto, seus intermediários tenham de vender tudo quanto possuam ou até mesmo de empenhar-se e sofrer as maiores misérias e privações.

São muitos os casos conhecidos na maioria das nossas povoações. Não vale a pena narrá-las isoladamente, porquanto, com mais ou menos pormenores, todos eles vêm a dar no mesmo, todos têm a mesma origem... a mesma causa e finalidade.

Nos casos tratados, são os mortos que *procuram* os vivos... para deles obterem favores. Mas, ao que parece, também aos vivos é dado procurar os mortos, requerer a sua presença, falar-lhes. A *mesa-de-pé--de-galo*... é a grande intermediária! Por ela e com ela se estabelecem *verdadeiras* conversações entre vivos e mortos !...

Quem nas nossas aldeias, não assistiu ainda ao patético espectáculo de ver sentados, em volta de mesa de um só pé e tampo redondo, certo número de indivíduos, *crentes* em tal mistificação, todos de mãos estendidas e com as palmas a tocar, *ligeiramente*, o tampo da mesa, para que esta se *incline* para um lado ou para outro, dê uma ou várias *pancadas*, conforme as respostas às perguntas que um dos circunstantes faz ao «morto» com quem deseja falar?!...

Pois tudo isto se pode observar ainda nalgumas das nossas povoações, ganha a confiança de un certo sector de idealistas que comungam do credo espírita...

As *luzinhas nocturnas*, que aparecem aqui e além e vagueiam toda uma noite, por esses campos, não são mais que *espiritos errantes* a cumprir seus tristes fados!...

Recordamo-nos de, criança ainda, ouvirmos falar em uma destas *luzinhas* que, durante noites seguidas, longas noites de inverno, e desde o *pôr-do-ar-do-dia* até ao *romper-da-manhã*, percorria o *Monte-da-Serra*, aparecendo, ora aqui ora acolá, para se ocultar em seguida e aparecer logo, noutro ponto, com admiração e surpresa de quantos diziam tê-la visto, que, por certo, seriam mais de uma dezena!... E os pastores andavam alarmados, talvez não tanto porque receassem vir-lhes da «luz» prejuizo ou malefício para si ou para seu gado — crê-se que as *luzinhas* são bons espíritos — mas antes porque podiam ter fortes razões para suspeitar de que, ao menor descuido ou ao maior excesso de curiosidade por seguir a mesma, lhes *levaria sumiço* uma ou mais cabeças do rebanho !...

«MEDOS»—VULTOS (GRAVULTOS), SOMBRAS E AVEJÕES

São assim intituladas certas «aparições» noctívagas, igualmente frequentes (sobretudo nas aldeias, onde faltam a iluminação e o policiamento nocturnos), e a que não queremos deixar de nos referirmos. Nas longas e sombrias noites de inverno, os *medos* são o terror de muitas das nossas povoações !...

E' enorme a variedade de *medos* que aparecem sob a forma de *vultos («gravultos»)*, de *sombras* ou de *avejões*...

Em todas as povoações há um considerável numero de habitantes que diz tê-los visto, ouvido os seus gemidos ou gritos soturnos, seguido na sua peugada...

Trata-se, quase sempre, de um ou outro *maduro* que, por estar *«cego de amores»*, ou por querer estupidamente, divertir-se à custa dos seus conterrâneos, se veste de negro ou cobre com um lençol e, quantas vezes em «roupas menores», percorre, descalço e *de-gatinhas*, as ruas do povoado, gemendo ou dando *impos*, arrastando correntes de ferro pelas calçadas ou arremessando pedras !...

Todas as noites, à mesma hora, ei-los que surgem, ora às embucadas das ruas, ora nos *largos* e praças, no alpendre da igreja ou à porta do cemitério, donde, em seguida, desaparecem quase misteriosamente para, logo em seguida, reaparecerem mais além...

Conhecido o aparecimento de um *medo*, a notícia espalha-se ràpidamente entre a população !

Fazem-se mil e uma conjunturas para se descobrir o enigma : uns espreitam-no de dentro da própria casa, esperando a passagem pela rua; outros, mais afoitos, seguem-lhe as pisadas, tentam *descobri-lo, caçá-lo*, como por mais de uma vez tem acontecido !...

E, na verdade, contam-se aos pares os que, perseguidos, se têm *visto em calças-pardas* para escaparem às mãos de alguns populares mais audaciosos e resolvidos a descobrir o *mistério* de tão estravagantes digressões nocturnas, levadas a cabo em tão macabras circunstâncias como as que deixamos descritas...

A lição, ao que parece, tem aproveitado a muitos, pois já vão rareando mais as aparições desta natureza !

Para encerrar com *«chave de ouro»* a série de macabros cortejos de que nos vimos ocupando, permitimo-nos transcrever de «A Tradição» (Vol. I, pág 161 e seg.s), com a devida vénia e em respeitosa homenagem àquela que foi insigne Mestra de Etnografia, consagrada romanista e lusófila das mais distintas, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, grande parte do seu artigo, intitulado *«Estatinga? Estatinga?»* (75) curioso a todos os títulos, quer para etnógrafos quer para filólogos, e em que se descreve o que, em terras do Norte, como nas do Sul do Tejo, é conhecido por *«procissão das almas»* ou *«cortejo dos mortos»*.

«*Já viram* Wuotans Heer? das wütende Heer? o exército bravio, *na forma atenuada em que a velha concepção da mitologia germânica, meio dissolvida, e com infiltração de pormenores estranhos, persiste na península ?*

O cortejo lùgubremente fantástico desfila sempre a horas mortas, nas trevas e no silêncio da noite, enquanto os sinos vão repetindo monótonos as doze badaladas.

Ou então nas horas crepusculares, ao toque d'almas (às Trindades *ou* Ave-Marias), *quando os mochos começam a piar e o morcego atravessa os ares, adejando em torno de ermidas solitárias e torres de igreja. Não só no adro, nos cemitérios, mas também em olivedos e pinheirais, nos montes e nas eiras dos lavradores é onde surge com mais frequência.*

Sítios há por onde passa cada noite, mas estes são raros e depressa se tornam desabitados. Em outras partes sobrevém regularmente na solene vigília de todos os finados (1) quando — Mundo patente — *os* manes *voltam à terra. Mas em geral a aparição é completamente imprevista.*

Compõe-se de vultos muito altos e muito magros, vestidos de branco, — verdadeiras avejãs *(2) ou* abatesmas, — *entre as quais de longe em longe se destacam uns vultos pequeninos e vacilantes.*

Ora são sete, ora nove, mas por via de regra infinitos: uma turbamulta de fantasmas vaporosos que deslizam, mal tocando no chão.

Todos seguram, nas mãos que ninguém lhes avista, luzes acesas: tochas, brandões ou candeias. Algumas vezes a iluminação é de ossos ardentes.

Quem os pudesse mirar de perto reconheceria que nada têm de corpóreos, sendo meras sombras.

---

(75) — Por conveniência de composição tipográfica e revisão, actualizou-se a ortografia deste trabalho que é de 1899.

—As notas seguintes, *com nova numeração*, devem-se à pena da preclaríssima Autora do trabalho que estamos transcrevendo.

(1)—1 a 2 de Novembro.

(2)—*Visiones et abusiones.* — Sobre a história da palavra veja-se Rev. Lus. III, 129.

A Morte, em forma de esqueleto, capitaneia (nem sempre), essas hostes silenciosas: os muitos, *(3) como diziam os gregos, discretamente.*

Entre os defuntos vai sempre um vivo. Isto é a imagem, a visão, a estátua, *de uma pessoa ainda não falecida, mas já sentenciada a morrer, conquanto o sinistro agouro em certos casos se realize tarde. O termo mais prolongado é de sete anos.*

Os que marcham à frente, levam a figura do condenado num esquife.

Pouquíssimos são os que chegam a distinguir-lhe as feições. Segundo uns, só as lubriga quem os mortos querem que as veja. Segundo outros, esse privilégio pertence a pessoas predestinadas, «que têm uma palavra de menos no baptismo» (sic).

Ai de quem encontrar o fúnebre préstito no seu caminho, ou o vir passar deante da sua janela! Há quem afirme que o aspecto por si só é pronúncio de fim, ou mesmo acarreta morte instantânea. «São os mortos que o chamam». No entender de outros, para que o prognóstico se realize é preciso que se extinga uma das luzes, ou que os da procissão batam à porta da pessoa que querem avisar.

Cada um sabe como cumpre proceder ao encontrarmos uma pobre alma, perdida e penada, que anda só e senheira. *(4) Embora ela se introduza na nossa casa pelos sótãos e se apresente nas formas mais assustadoras, arrastando grilhões e arremessando pela chaminé pernas, braços e caveiras de corpos humanos, basta encararmos afoitamente esse* Medo, *e perguntar-lhe, vencendo o nosso tremor :*

«Da parte de Deus te requeiro, digas o que queres, porque far-se-á, se puder ser.»

Ou então: «Da parte de Deus e da Virgem-Maria, se és alma do outro mundo, dize o que queres.»

Mas em frente dos muitos, *este meio não é válido. Os mortos são sagrados. E' preciso acatá-los com muito respeito. Senão eles vingam-se. Não é prudente dirigir-lhes alguma palavra (5), nem mesmo respondendo a qualquer das suas perguntas. Antes, virar costas e deixar passar, sem olhar para trás, cedendo à nossa natural curiosidade. De resto, é muito raro falarem ou cantarem. Só se alguém, sem querer, de distraido ou iludido, se juntar à procissão, entrando na igreja ou no campo-santo onde celebram os seus ofícios. Porque então levantar-se-á do meio deles uma voz, gritando (como o ogre do conto:) «aqui cheira a fôlego vivo».*

(3)—*Plures mortui, quia ii majore numero sunt quam vivi.*
(4)—*Senheira*=singularia.
(5)—P. ex. pedindo-lhes lume!

Ignoro qual a penitência que nessa conjuntura se impõe ao incauto, visto que a inocente a que tal aventura aconteceu, se salvou por ter ajoelhado, rezando, ao pé da campa de sua madrinha. Um único espectador ouviu—não sei se bem ou mal—os fantasmas salmodearem uns versos sem poesia, impróprios da triste e sobrenatural companha. (6) *Mais natural seria se lhes pertencessem algumas rimas que é praxe recitar quando se quer* meter medo *a alguém :*

Quando éramos vivos
Andávamos pelos caminhos
Agora que somos mortos
Andamos pelos barrocos... (7).

Ou outras semelhantes.

Na bela Galiza, famosa pela paixão e pela arte com que as suas filhas cultivam a música e a dança, os mortos formam rondas e enfileiram-se nas coreias nocturnas das bruxas, meigas, lurpias e chuchonas. *Pela companhia, suspeito não serem mortos, mas antes* mortas, *essas aéreas bailadeiras.*

Em terrenos pantanosos (os barrocos *ou* baiôcas *de que fala a cantiga), assim como em carreiros muito estreitos e sombrios que nunca secam, vincados pelos profundos e encharcados cortes das rodas pesadonhas do patriarcal carro de bois, em vez de vultos divisam-se muitas luzinhas que correm e saltam num rodopiar doido de fogueirinhas, fogachos ou candeinhas.*

E' quanto sei.—Mas não! ainda há mais. Quem passar o verão no campo pode mesmo de dia presenciar espectáculos parecidos, está claro que muito menos fantásticos e aterradores.

Empinando o sol, nas horas abertas, quando o grande Pan está a dormir, levanta-se ás vezes, inopinadamente — de preferência nas encruzilhas — um forte redemoinho de vento: balborinho, borborinho, berbrinho, besbrinho (76). *Nesse caso, benzendo-nos e depois de uma devota e benéfica conjuração:* Santo nome de Jesus! Credo! Abrenúncio! Vai-te, para quem te comeu as leiras! *devemos segui-lo com a vista, observando onde as palhinhas e folhas acarretadas pelo vento forem cair, na certeza de que é lá que se cometeu qualquer malefício agrário,*

(6)—*Oh' alma dientera*
Toca-me nessa caldera... (*sic !*)
Consiglieri Pedroso XIV, p. 35.

(7)—Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 295. — Colhidas no lugar de Gondifelos (Famalicão).

(76)—No Baixo Alentejo o povo chama-lhe *espòjinho* e faz idêntica imprecação, para que desapareça.

que incumbe sanar,—está bem visto, em caso que resolvamos remir a alma atormentada do malfeitor que assim nos fala e implora. (8)

Ainda não ouvi contar que a Morte e o seu exército aparecessem na península montados em corséis, quer brancos quer negros; nem que os acompanhassem matilhas de cães uivantes. (9) Tais acréscimos de terras serão próprios apenas das nubelosidades nórdicas? Nas espessas florestas da Germânia e da Rússia, os efeitos de luz são quase sempre reforçados por efeitos acústicos, havendo tumulto de ruídos: estropeada de cavalos, ladrar de cães, buzinas de caçadores, e vozes sobrehumanas. Uma caçada infernal — die wilde Jagd *— em vez de uma* procissão *com tochas, cantochão e bailados. (10)*

Foi em Valença, Ponte de Lima, Guimarães, Briteiros e Vizela (11); em Lavadores e S. Cristóvão de Mafamede, em Vila Nova de Anços, em Mondim da Beira, Vidais e Cadaval; em Urros e Freixo de Numão onde se colheram notas portuguesas sobre aparições de defuntos, fogos fátuos e balborinhos; e é provável que ainda em outras localidades não exploradas haja rica messe. As hispânicas de que disponho, são todas provenientes da Galiza e das Astúrias. Nos planaltos desertos de Castela apenas se lembram vagamente das multidões de almas que também por lá andaram em dias do Cid e do Conde Fernam Gonçalez; mas a memória está tão obliterada que o nome antigo do exército nocturno só se emprega em sentido figurado, para injuriar qualquer estafermo alto e soturno, geralmente do sexo feminino.

E', pois, nas zonas setentrionais e ocidentais da península, em geral as mais ricas em restos de vetustas crenças e superstições belas ou características, que se conservam e contam casos reais, tradições e lendas relativas às crenças a que aludo. (12)

As avejãs, *os* fogachos *e os* balborinhos *são, como disse,* almas do outro mundo, almas perdidas, almas penadas, almas errantes: *as* larvas *e os* lemures *da Roma gentílica. Espíritos «desenfelizes» de pecadores* (unselige Geistar) *que não podem entrar no céu nem são admiti-*

(8)—Se esta crença fosse simples variante de outra germânica, a que mais abaixo me refiro, seria mais natural o conjuro *Vai-te para onde comestes terras*, com alusão a roubos de terra, praticados pelo defunto.

(9)—Ocorre, todavia, que uma alma penada aparece na fig. de *cão preto (galgo negro)*.

(10) Os *nuberos* das Asturias (*nuveiros* na Galiza), são rectores e agentes das trovoadas e correspondem aos *tempestarii* das Galias. Em Portugal acredita-se que a alma do excomungado não vai para o Céu nem para o inferno, ficando a pairar numa nuvem. Onde ela passar o ar ruim do excomungado causa dores de cabeça (Cfr. Leite, § 120 e 360).

(11)—Os materiais minhotos foram quase todos recolhidos pelo célebre descobridor da Citania de Briteiros, cuja morte nos consternou ultimamente.

(12)—Não será extemporaneo recordar que já Strabon afirmou ser *uma* a maneira de viver dos Lusitanos, Galaicos, Astures e Cantabros. — E todavia nas Asturias onde a persistência de costumes antigos é mais sensível.

dos ao purgatório. (13) Uns porque não foram levados à igreja com acompanhamento de um padre; outros porque não se lhes rezaram missas. Os mais devem restituição aos vivos. Alguns deixaram de cumprir promessas; outros não confessaram os seus delitos ou deixaram de alcançar perdão dos que ofenderam, aparecendo por este motivo nos próprios lugares onde causaram faltas, e perto das pessoas às quais são devedoras, ou que lhes devem indulto. O seu fadário é vaguear entre a terra e o céu, anunciando a morte aos vivos, para castigo dos maus e admoestação dos bons, mas principalmente para que esses, por obras redentoras, lhes proporcionem requiem aeternam.

As almas que aparecem nos balborinhos são de campesinos que cometeram delitos agrários. (14)

Os fogachos e os vultos pequeninos representam criancinhas que morrem sem baptismo. Onde aparecem dão-se quase sempre çenas deveras enternecedoras. (15) A serdes pais, e se um deles vier um dia ao vosso encontro, lentamente, com passos incertos, a mostrar-vos a sua mortalhazinha húmida e a sua luzinha apagada pelas muitissimas lágrimas que chorastes,—enxugando os vossos olhos, aconchegai-o contra o vosso coração, sem nada dizer, para que o calor do vosso seio o aquente e não mais lhe amargureis a sua melancólica sina. (16)

O leitor pergunta, de certo, porque e para quê lhe falo de crenças tão conhecidas entre nós, e de que correm contos e tradições sem número, embora extremamente monótonas e «desmúsicas» (para empregar o termo predilecto do Miguel Ângelo português,) — crenças das quais os melhores folcloristas nacionais já se ocuparam (17) em livros

(13)—Dos que morreram em pecado mortal, de morte violenta (por mão alheia ou como suicidas), não sendo enterrados em sagrado, o povo narra contos bem diversos—Cf. nota 10.

(14)—Em Trás-os-Montes ouvi dizer *pulv'rinho*. São *almas penadas, bruxas, feiticeiras*, que neles falam, às vezes o diabo, ou o Medo. Veja-se, p. ex. o *Romance do Soldadinho*. em *Rev. Lus.* II, 222-230 — Leite § 104; Peuroso X.

(15)—Tanto em Portugal como na Alemanha há lendas e contos muito poéticos sobre o mesmo assunto e sobre os anjinhos. — Ver Consiglieri Pedroso XIV, 18. — Com as nossas lágrimas molhamos as asas dos anjinhos que, por isso, não podem voar para o Céu. — As nossas lágrimas salgadas são recolhidas pelos anjinhos, numa cantarinha, com cujo peso não podem, e que transbordando lhes molham as suas vestiduras. — V. Grimm, *Kinder und Haus—Maehrchen* e *Deutsche Mythologie* II, 777-778.

(16)—Ib. Ach wie warm'ist Mutter-arm! — Ach wie warm sind Mütterhände.

(17)—1881—F. A. Coelho, na *Revista d' Etnologia e de Glotologia*, fasc. IV, § 215, 237, 252.

1882—J. Leite Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*. No § 104, 120, 143, 366, 373, 374.

1883—Consiglieri Pedroso, *Tradições populares portuguesas* na Rev. Positivismo, vol. IV; — especialmente na Monografia sobre *Almas do outro Mundo*, a p. 16-19, com duas contribuições finais de Leite de Vasconcellos.

1883—Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português* — vol. I, 148.

1886—Id. *O Povo Português*, vol. I, p. 221-226, ou todo o cap. IV: *Dos Ritos Funerários em Portugal*, de p. 177 a 228.

que todo o estudante de Etnografia deve manusear, a fim de ficar inteirado dos materiais colhidos, das explicações tentadas e dos problemas que importa resolver.

Primeiramente, não falo das almas penadas *em geral, mas apenas das feições menos vulgares e mais significativas. Depois, ninguém, que eu saiba, se referiu às superstições paralelas da Galiza e das Astúrias. E em terceiro lugar, o meu intento não é registar novidades. De encontro ao uso, pretendo, patenteando a minha ignorância, provocar os que tiverem investigado mais aprofundadamente a literatura e a tradição oral, a que me ilucidem a respeito de um pormenor importante que desconheço.*

O caso é que em nenhum dos estudos que consultei, se acha consignado o vocábulo com que os antigos denominavam a procissão de finados. *Nem o descobri na boca do povo. Apenas o conheço — mal e indirectamente—de uma obra tardia, beletrística: um romance de poeta incógnito.*

Variante da expressão indígena que empregam nas províncias do Norte de Espanha, e também empregaram no centro, a palavra estatinga *que serve de epígrafe a estas páginas, é de importância particular, porque mostra as relações íntimas de parentesco em que as aparições nocturnas de almas de finados na península estão com o* exército de Wuotan: das wütende Heer *da mitologia germânica. Translúcida, a meu ver, embora a palavra fosse reduzida e talvez deturpada, a sua etimologia deu margem a discussões entre alguns sábios estrangeiros, a que desejaria pôr ponto final.*

Os vocabulários vernáculos, sem excepção do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, *não encerram* estatinga *nem* estantiga. *Apenas no léxicon do Padre D. Rafael Bluteau (1716) achei no vol. V, a p. 196.ª, s. v.* lobishomen, *a seguinte passagem, dirigida não sei a que entidade, real ou imaginária :*

> *De noite qual lobishomem*
> *Correi o fadário embora*
> *ou andai como Estatinga*
> *que nessas partes s'encontra.*
> *Ninguém vos veja de dia,*
> *pois senão sois coisa boa,*
> *aparecerem de dia*
> *as coisas más e má coisa.*

Certo poeta em um romance *(18)*.

(18)—No § 346 das suas *Tradições* que trata dos *Lobishomens,* Leite de Vasconcellos transcreveu a primeira quadra, sem a interpretar.

A grafia Estatinga, *com E maiúsculo, o facto de o próprio Bluteau a deixar ir sem explicação alguma, e mais ainda o não incluí-la na sua obra, mostra bem que* estatinga *lhe soava como nome próprio peregrino, sem significação clara.*

Na falta de mais documentos, é impossível determinar se estatinga *é mero erro de imprensa, ou deturpação usual portuguesa de* estantiga, *inventada inconscientemente por quem pensava nas* estátuas *ou imagens, sob cuja forma as almas podem tornar a este mundo; (19) ou na* estátua *que no cortejo vimos figurando o indivíduo, predestinado a morrer em breve; ou ainda na* estadea *dos galegos, de que mais abaixo direi duas palavras.*

Em todo o caso estatinga, *de* estantiga *é variante do castelhano* estantígua, *que provém de* hueste antígua *e significa* exercitus antiquus. *Para estabelecer esta equação tanto monta o autor do romance ter sido algum hispanizante do tempo dos Filipes, que adoptou o estrangeirismo, nacionalizando-o: ou então que o termo fosse colhido por um versejador semi-popular, directamente da tradição oral.*

Estantigua, *explicado no Dicionário da Academia Espanhola por «visão ou fantasma que se oferece à vista pela noite, causando pavor e espanto», e no sentido figurado «pessoa muito alta, seca e mal vestida» não conservou em Castela o seu sentido primitivo, sendo, como é, aplicada ùnicamente a um só indivíduo, exactamente como no romance português.»*

... ...
... ...
... ...

«Um estudo crítico e comparativo de todos os usos e costumes, todas as crenças e superstições, todas as práticas e ritos relacionados com a morte, os mortos e suas almas, seria, parece-me, extremamente curioso e conduziria a pontos de vista bastante elevados, alargando o horizonte intelectual de quem o realizasse despreocupadamente. E' de crer que também resolveria os problemas filológicos que deixo indicados.»

«Carolina Michaëlis de Vasconcelos»

(19)—Pedroso, N.º 588: Quando uma pessoa morre, o seu *carnal* não volta mais, mas pode aparecer uma *sombra* ou uma *estatua*. — *Eedolon* corresponde exactamente ao germanico *gespens (revenant): anima rediens aut rediviva.*

Conclusão

A crença geral no recurso a *Rezas e benzeduras* para se obterem as mais extraordinárias graças ou favores dos deuses (nas religiões politeistas) ou de um só Deus, por Sua directa intercessão ou por invocação dos Seus Patriarcas, Profetas ou Santos (nas religiões monoteistas), persiste na terapêutica popular desde há milhares de anos, sendo mesmo muito anterior ao advento do Cristianismo.

Muitas das práticas a que atrás nos referimos—podemo-lo afoitamente afirmar — encontravam-se já na crença de vários povos da antiguidade, inclusive entre os das mais brilhantes e remotas civilizações que a História regista.

Com efeito, pela decifração de papiros e de outros documentos, efectuada com maior rigor e precisão, a partir da segunda metade do século XIX, sabe-se hoje que, mais de dois mil anos antes da nossa Era, já no antigo Egipto, na Babilónia, na India e, mais tarde, na Grécia, as práticas de medicina estavam eivadas de concepções místicas que se traduziam em orações, preces pela saude, exorcismos, ritos e outras cerimónias de carácter religioso ou de magia.

À medicina, então considerada ciência sagrada e oculta, foi atribuída origem divina e, consequentemente, a sua prática esteve confiada, durante séculos, a uma só casta — a dos sacerdotes.

A medicina tinha seus deuses: Thot foi, de todos eles, o que maior prestígio alcançou entre os médicos egípcios. Os gregos, que a este mesmo deus atribuiram a origem de todas as ciências, invocaram-no, mais tarde, sob a designação de «o grande deus Hermes» (77).

Tal como o nosso povo, ainda hoje, atribui ás bruxas a origem de certas doenças, já naqueles recuados tempos, quando não viam a causa ou não encontravam a explicação desejada para determinada doença os médicos-sacerdotes a atribuiam à maléfica influência dos demónios...

E, (coisa curiosa!) assim como, em nossos dias, o povo invoca a intercessão deste ou daquele santo (a quem implora a cura), segundo a parte do corpo molestada (78), assim também para aqueles nossos longínquos antepassados, os demónios eram *especializados*, em suas perniciosas influências, segundo as partes do corpo: um demónio tinha, como campo de acção, a cabeça, outro as costas, um terceiro as pernas, e assim sucessivamente.

(77)—Daqui a designação de «Ciência hermética», dada às ciências ocultas dos egípcios e, certamente, o moderno emprego do vocábulo, v. g. na expressão «hermeticamente fechado», para dizer que está completamente fechado ou oculto, que é secreto, que não *transpira*...

(78)—Cfr., por exemplo, os ensalmos de págs. 35, 36 e 37.

Em regra, antes de ser empreendida qualquer terapêutica medicamentosa, os médicos-sacerdotes entregavam-se a certas práticas místicas: invocação aos deuses da saude, esconjurações dos demónios, para que abandonassem o corpo enfermo, etc. Só depois disso recorriam a medidas de carácter terapêutico-empírico, religiosamente guardadas nos *Livros Sagrados* «Livros Herméticos»: ervas curativas, emprastos, cataplasmas e outros unguentos com base no azeite, eram então, aplicados sobre o corpo do paciente.

O «*sono nos templos*» (que consistia em passar uma ou mais noites nos templos para que a divindade, em sonhos, revelasse como deveriam tratar-se e curar-se certas doenças) foi largamente praticado durante a chamada civilização babilónica e é, talvez, de admitir que dali tenha passado á Grécia e, aí, exercido sua influência na formação dos «oráculos» (79). Esta crença esteve, durante séculos, tão arreigada na alma popular e a sua influência foi tal que—segundo se afirma (80)—o «sono nos templos» foi ainda praticado nos primeiros séculos do Cristianismo...

Como temos visto e recordando o que dissemos lògo no primeiro artigo que sobre *Rezas e benzeduras* publicámos no «*Arquivo de Medicina Popular*»—Vol. I, pág. 55—todas estas práticas vêm de longa data e perdem-se muito para além da *imensa noite* que, para alguns, foi a Idade-Média...

Admite-se, contudo, que, devido ao carácter da época, elas tenham exercido, então, maior e mais nefasta influência sobre a índole, crenças e costumes dos povos da Europa, especialmente nas classes incultas, que eram, como ainda hoje, a grande maioria... E o número dos crentes e praticantes cresceu de tal maneira que, no fim do século XII, foi instituído o Tribunal do Santo Ofício, expressamente criado para inquirir da existência de todas estas e de muitas outras práticas heréticas, embora, a breve trecho, se tornasse um perigoso instrumento político nas mãos dos soberanos...

O Tribunal do Santo Ofício perseguiu impiedosamente todos quantos se entregavam a semelhantes práticas ou nelas confiavam. «E, justamente, pelos processos do Santo Ofício—como diz o Dr. Castilho de Lucas no trabalho já por nós citado na pág. 7—conhecemos as rezas e as orações que os charlatães e curandeiras empregavam como remédio da sua arte de bruxaria, pois nesses processos restam textualmente compiladas as respectivas fórmulas».

Conclui o mesmo articulista que «hoje nem mesmo nas mais incultas aldeias se pensa em recorrer às rezas e exorcismos para se tratar esta doença (o *mal de la rosa* ou erisipela), tão esquecidos estão aqueles que se encontram nos arquivos da Inquisição»...

---

(79)—Ver referência a estes feita na pág. 43. ao tratarmos de «*Vozes do Mundo*» ou «*Silêncios*».

(80)—Cfr. *Anales E. Merck* — Edição espanhola — 1941 — Dr. R. Creutz. *La Medicina en el antiguo Egipto, Mesopotania antigua e India*, de onde respigámos algumas notas que nos serviram de base a esta *conclusão*.

Infelizmente, a triste realidade dos factos — comprovada por tudo quanto neste modesto trabalho deixamos registado e que é o produto da nossa observação directa—leva-nos a discordar da conclusão a que chegara o Dr. Castilho, não porque duvidemos da boa-fé com que o seu autor a ela chega, mas porque, na verdade, nos parece mais verosímil que, na época presente, os rumores de tais práticas supersticiosas não cheguem, com facilidade, á capital espanhola (onde vive o Dr. Castilho), como, dificilmente, em nossos dias (e apesar de serem correntes entre a gente do povo) terão chegado à nossa ou a qualquer outra grande capital, sabido que, quem as executa, se oculta religiosamente de «olhares profanos» que lhes não dão crédito—quando não é por temor de denúncia á autoridade policial...

Quantas e quantas vezes temos sentido necessidade imperiosa de reagir contra essa atmosfera de timidez e desconfiança para conseguirmos algum êxito—embora nem sempre o desejado—nas colheitas a que temos procedido já, em várias localidades do Alentejo! Sempre, porém, temos observado que a tradição oral—que não a escrita—mantém quase inalteráveis, e profundamente arreigadas, muitas destas práticas, ainda hoje em uso, devido à supersticiosa e ingénua crendice popular que teima em atribuir a tais mistificações o miraculoso efeito de curar muitos dos seus males, ainda mesmo, e sobretudo, aqueles para que a *medicina científica* se julga ou considera impotente ou ineficaz, pois é justamente nestes casos—«q'*ando tá desenganado dos dòtores*» —que o paciente mais convicta e persistentemente recorre a tais *remédios*, como único meio de salvação...

FINIS

L. D. V. M. A. C.

BIBLIOGRAFIA

Obras transcritas ou a que neste trabalho se faz referência:

«Alentejo cem por cento» — Joaquim Roque—Beja—1940.

«Arquivo de Medicina Popular» dirigido pelo Dr. Fernando de C. Pires de Lima — Vols. I e II—1944 e 1945 (Porto).

«A Tradição»—Revista mensal de Etnografia Portuguesa—Serpa—1899-1904.

«O Grande Livro de S. Cipriano ou *Tesouro do feiticeiro»* — em três volumes —a edição mais completa que se tem publicado até hoje.—1885.

«Jornal do Medico»—N.º 79, de 1-3-44—(Porto).

Anales E. Merck — (Edição espanhola)—1941.

«Arquivo de Beja» (Vol. II e III) onde, em parte, se publicou este trabalho.

ÍNDICE

REZAS E BENZEDURAS POPULARES

COMO O POVO REZA... 56